



ANTES QUE SEJA TARDE

TOMAZ AMARAL

Fundada nos EUA em 1863, nos EUA, a Igreja Adventista tem conquistado membros em mais de duzentos países ao redor do globo. Apesar de não figurar entre as maiores denominações protestantes, seu tamanho é suficiente para torná-la notável e respeitável.

Com forte pregação profética, baseada em uma escatologia singular que culmina com o glorioso advento de Jesus, os Adventistas sustentam um corpo doutrinário exclusivo, no qual se destacam doutrinas como a do sábado, do santuário celestial, do juízo investigativo, etc.

Sua missão declarada é a de levar ao mundo inteiro o evangelho eterno no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse. Contudo, além de nem todos os membros compreenderem o significado da missão, o nível de engajamento pessoal é baixo. Como resultado, a presença da igreja em vários lugares é apenas simbólica. Ao mesmo tempo, mesmo em regiões onde a igreja tem apresentado índices de batismo consideráveis, sua taxa de apostasia é muito elevada.

Tais realidades têm levado muitos membros e pastores a questionar se os princípios e métodos de trabalho adotados estão de acordo com a Bíblia. É precisamente nesse ponto que uma série de barreiras internas se levantam, oferecendo resistência a reflexões dessa natureza e impedindo que a igreja siga seu curso e cumpra sua missão.

Utilizando-se da simbologia de doenças autoimunes, o pastor Tomaz Amaral nomeia e discorre sobre as principais barreiras internas que têm impedido o êxito da Igreja Adventista. Mais do que isso, ele busca apresentar soluções terapêuticas, tendo como base a Bíblia, os escritos de Ellen G. White, bem como uma recapitulação de pontos relevantes da história de Israel, do Cristianismo e do próprio Adventismo.



Tomaz Amaral

Antes que seja tarde

1ª edição

Linhares – ES
SGuerra Design
2020

© 2020 TOMAZ AMARAL
Antes que seja tarde
Editado em outubro de 2020

Todos os direitos reservados em nome do autor.

Revisão de textos:
Evelyn Priscila Pereira de Jesus

Capa, projeto gráfico e diagramação:
SGuerra Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880)

J585a Jesus, Tomaz Amaral de

Antes que seja tarde / Tomaz Amaral de Jesus. – 1.ed. – Linhares (ES) :
SGuerra Design, 2020.

310 p.: 14x21 cm

ISBN: 978-65-86115-90-1

1. White, Ellen Gould, 1827-1915 - Ensinaamentos. 2. Igreja Adventista
do Sétimo Dia – Doutrinas. I. Título.

CDD 230.6732

Índices para catálogo sistemático

1. White, Ellen Gould, 1827-1915 - Ensinaamentos.
2. Igreja Adventista do Sétimo Dia – Doutrinas.

Gratidão

A Jesus, meu Mestre, meu Salvador,
meu Modelo, meu Amigo.

A Evelyn, minha esposa, irmã, amiga,
conselheira e companheira.

A Raquel, minha mãe e primeiro canal
de salvação em minha vida.

À Igreja Adventista do Sétimo dia, aos
irmãos, colegas e amigos que nela conquistei.

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Biografia</i>	13
1. Minha História com a Igreja Adventista do Sétimo Dia	15
2. O Chamado ao Ministério Pastoral	23
3. Doenças Autoimunes na Igreja Adventista do Sétimo Dia	39
4. A Doença da Infalibilidade	43
5. A Doença da Eleição Incondicional	51
6. A Doença do Exclusivismo	61
Um pouco da história da teologia adventista	63
Os 2300 dias e as setenta semanas	65
O tempo do juízo	70
O tempo do fim	73
O significado de 22 de outubro de 1844	77
Reparadores de brechas	80
Um chamado universal	84
Respondendo às Perguntas do Começo	86

7. A Doença da Ultrainstitucionalização	95
8. Ultradepartmentalização	115
9. A Doença da Ultra-hierarquização	123
10. A Doença do Autoritarismo	133
O Vazamento da Carta	143
Autoritarismo e inquisição na IASD	150
11. A Doença da Ultraconfidencialidade	157
12. A Doença da Ultrarrepresentatividade	177
13. A Doença do Membresismo	189
Membro da Igreja versus Discípulo de Cristo	202
14. A Doença do Ultrapragmatismo	205
15. A Doença da Uniformidade	217
16. A Doença da Ultrapublicidade	231
17. Sintomas de um Adventismo Enfermo	237

ANEXOS **251**

1. Carta ao Presidente da Divisão Sul-Americana	253
Minhas Credenciais Ministeriais	255
Liberdade de Expressão e Opinião	256
Duas Classes de Obreiros no Ministério:	
Os de Cima e os de Baixo	258
Abuso de Autoridade	260
Mau Uso da Autoridade	265
Partidarismo nas Nomeações	268
Integridade Ministerial Ameaçada	271
Família Pastoral Ameaçada	275
Resultados Forçados – Numerolatria	277

Transparência Financeira	280
Palavras Finais	282
2. Texto introdutório à postagem da carta no grupo de WhatsApp	285
3. Voto de Admoestação e Desaprovação à Carta e Seu Compartilhamento no Grupo de WhatsApp “Comunidades Missionais”.	287
4. Carta ao presidente da Associação Espírito Santense	291
Política de Trabalho Disponibilizada Oficialmente	
a Todos os Obreiros	293
Avaliação Ministerial	294
Fórum Oficial de Discussão sobre Assuntos da Igreja	294
Secretariado Ministerial Independente	295
Fim de Transferências sem a Aceitação Expressa do Obreiro	296
Presidência das Comissões de Nomeações	296
Presidentes Não Participarem de Sessões de Nomeação	298
Total Transparência Financeira com Publicação de Relatórios de Auditoria	299
Transparência da Secretaria com Publicação de Relatórios Completos de Secretaria	300
Limitação de Mandatos em Qualquer Posição Extra Pastoral de Liderança	301

Critérios Claros para Eleição e Restrição de Obreiros como Administradores e Diretores de Departamento	302
Menos Planos Massificados, Mais Autonomia para Planos Locais	303
Alvos de Batismo Estabelecidos pelo Pastor Distrital e Liderança Local	303
Palavras Finais	304
5. Dados de Crescimento da IASD na DSA e no Mundo, de 2007 a 2019.	307

Prefácio

A história de uma denominação religiosa geralmente é marcada por fases com desafios e oportunidades, lutas e vitórias, e tensões tanto externas como internas.

As igrejas cristãs professam altos ideais de vida e de comportamento. Compostas por seres humanos pecadores, porém, elas têm de lidar com um amplo espectro de maldade em meio às suas congregações.

Nas palavras de Jesus Cristo, o fundador do Cristianismo, o trigo tem de conviver com o joio numa igreja que, embora não seja do mundo, não pode se isolar dele.

Este livro foi pensado e escrito por um adventista para adventistas, a fim de discutir sobre desafios vividos pelo movimento do qual fazem parte.

Qualquer pessoa, no entanto, seja de qualquer confissão religiosa ou mesmo sem nenhuma confissão religiosa, poderá lê-lo e ser beneficiada pelos princípios que ele apresenta.

Foi escrito por um membro e pastor, porém reflete a luta de um corpo de membros e obreiros.

Não foi escrito para gerar polêmica, mas para destruir uma série de diálogos essenciais à saúde e sobrevivência do movimento.

Por maior que seja a tentação de pular capítulos, a fim de explorar as partes mais estimulantes, resista! Não se trata de uma colcha de retalhos, que pode ser lida de qualquer maneira e em qualquer ordem. Foi construído numa sequência lógica que cresce à medida em que algumas bases importantes são estabelecidas. Como na construção de uma casa, é o típico caso em que a ordem dos fatores vai alterar, e muito, o produto final.

O livro traz um pouco da experiência pessoal do autor, sem ser uma autobiografia; um pouco da história do Cristianismo e da IASD, sem ser sobre história eclesial; um pouco de teologia, sem ser exegetico; um pouco de observações críticas sobre problemas internos da igreja, sem ser dissidente; traz, enfim, um pouco de tudo o que é necessário para provocar uma reflexão e mostrar que o Adventismo está diante de decisões importantes e que não podem mais ser ignoradas e indefinidamente adiadas.

É um livro para ser lido do modo como também foi escrito: com oração e reflexão.

Que em cada desafio, em cada luta e em cada tensão, falemos e ajamos com intenção pura e consciência limpa, a fim de vermos nossa igreja coroada com vitória, paz e bênçãos sem medida!

Esse é o desejo e objetivo do autor.

Biografia

Natural de Campinas, SP, o pastor Tomaz Amaral de Jesus foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia¹ em 1994, aos 12 anos de idade. Formado em Administração e com experiência no setor privado, ingressou no SALT-UNASP² em 2005, graduando-se em 2008, ano em que também se casou e recebeu seu primeiro chamado.

Ao lado de sua esposa, a professora de idiomas Evelyn Priscila Pereira de Jesus, serviu por um ano como assistente de evangelismo e dois anos em distrito pastoral. Através de um projeto da DSA,³ foi chamado para servir na MENAU.⁴ Permaneceu ali por cerca de três anos, inicialmente no

¹ Também referida como IASD, igreja adventista ou apenas igreja.

² Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho, SP.

³ Divisão Sul-Americana, escritório administrativo da IASD para oito países da América do Sul, localizado em Brasília, DF.

⁴ União do Oriente Médio e Norte da África, escritório administrativo da IASD para vinte países, localizado em Beirute, Líbano.

Iêmen, onde foi concebida Alice, a primogênita do casal, e, mais tarde, no Marrocos.

Ao retornarem ao Brasil, o pastor Tomaz foi chamado para o território da AES,⁵ onde recebeu sua ordenação ao ministério evangélico e onde nasceu Lily Ellen, sua segunda filha. Desde então, a família tem servido em distritos pastoraes nesta região.

⁵ Associação Espírito Santense, escritório administrativo regional da IASD localizado em Vitória, ES.

1.

Minha História com a Igreja Adventista do Sétimo Dia

Tenho profundo respeito por toda igreja séria, isto é, que demonstra respeito e compromisso por Deus e pelas Escrituras, além de uma atitude de misericórdia e serviço em favor das pessoas. Felizmente, há muitas igrejas assim em nossa sociedade.

Por outro lado, também existem inúmeras denominações que, em realidade, servem muito mais aos interesses seculares de seus líderes do que à missão de levar pecadores a Cristo Jesus. Reconheço, porém, que mesmo em ambientes como esses há muitas pessoas sinceras e honestas que buscam viver à altura da luz que puderam receber.

A igreja adventista surgiu em minha vida tão cedo que nem consigo recordar sobre como isso ocorreu. Foi dos lábios de minha mãe que ouvi sobre um jovem pastor que, juntamente com um grupo de jovens do IASP⁶, apareceu em frente à minha casa convidando minha família para reuniões de estudos da Bíblia e palestras de saúde.

⁶ Instituto Adventista São Paulo, atualmente o terceiro campus do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

Era o ano de 1983 e não fazia muito tempo que meus pais haviam se mudado de Limeira para Sumaré, ambas cidades do interior de São Paulo. Originários do estado da Bahia, meus pais eram pessoas muito simples, que mal podiam ler e escrever o próprio nome.

Dona Raquel, minha mãe, sempre foi dona de casa. Ela até tentou trabalhar fora algumas vezes, mas o Sr. Domício (meu pai) não permitia. Por falar nele, meu pai era um homem de baixa estatura, mas com uma voz que se ouvia de longe e com um olhar que impunha respeito. Sem qualquer formação, aprendeu a ser carpinteiro civil e trabalhou em várias construtoras na região de Campinas.

Nossa moradia consistia de um barraco de dois cômodos, feito de pedaços de tábuas, no qual vivíamos em nove pessoas: meus pais, quatro irmãos, uma irmã e uma prima que, à época, morava conosco e ajudava minha mãe a cuidar de mim, o caçula da família.

O piso era de chão batido. Não havia água encanada, pia na cozinha, nem mesmo banheiro com vaso sanitário e chuveiro. Quando chovia, as goteiras se espalhavam pela casa, por causa dos furos e vãos do telhado.

Ao redor da casa, havia uma cerca rupestre, feita de bambu e outras madeiras retiradas da mata adjacente. Toda a segurança das portas era confiada a trameças de madeira, que as fechavam apenas por dentro.

O maior problema de nossa família eram os vícios do meu pai. Ele bebia e fumava muito. Também jogava e apostava dinheiro, além de gastar muito com criação de pássaros e coleções sem sentido, como de punhais, relógios, moedas antigas, etc.

Por esse motivo, enquanto nossos vizinhos eram pobres, nós vivíamos bem abaixo da linha da pobreza. Nos faltava da comida ao vestuário, da eletricidade ao material escolar. O cigarro e a bebida do meu pai, contudo, não lhe faltaram um dia sequer, mesmo que comprados fiado.

Quando ele bebia, o clima era tenso. Perdia o controle e agredia quem encontrasse pela frente. Ofendia e ameaçava minha mãe; arrumava briga com os vizinhos. Às vezes, ele ficava endemoninhado, falava coisas estranhas num tom de voz muito grave, e quebrava os poucos pertences que havia dentro de casa.

Me lembro de um sábado de verão em que ele, bêbado e visivelmente possuído por forças do mal, quebrou o único ventilador que tínhamos para diminuir o calor que fazia dentro de casa, devido ao baixo telhado de amianto.

Entendendo que não podiam contar com meu pai, meus irmãos procuraram trabalho na área rural de Paulínia. Cada um aprendeu a se virar sozinho e, um a um, foram se casando e saindo de casa, porém com um triste legado de desunião, resultante da experiência de vida que tiveram dentro de casa.

Do outro lado da equação, estava minha mãe. Mulher guerreira, honesta, decidida, fiel. Nunca deixou de nos amar e de cuidar de nós, mesmo em meio às mais duras circunstâncias. Sabia fazer as coisas durarem e renderem, além de viver remendando nossas roupas na sua velha máquina de costura a pedal.

Das poucas aulas do Mobral⁷ a que pôde assistir, minha mãe mal-mal aprendeu a ler. Foi graças à sua sabedoria

⁷ Movimento Brasileiro de Alfabetização.

e perseverança, no entanto, que minha família não foi totalmente destruída. Apesar de tudo pelo que passamos, nenhum de nós caiu nas armadilhas e influências que estavam tão presentes ao nosso redor enquanto crescíamos, como os vícios, o tráfico, o crime, a ociosidade e a prostituição.

Minha mãe acreditava muito na educação e no trabalho. Desde muito cedo, todos nós aprendemos a trabalhar e éramos muito incentivados por ela a terminar os estudos. Ela mesma não teve a chance de fazer nenhuma dessas coisas, mas fez questão que todos nós as tivéssemos.

Católica de nascimento, minha mãe tinha muito respeito pelas coisas sagradas. Foi com os adventistas, contudo, que ela conheceu mais profundamente a Bíblia e aprendeu a amá-la.

Minha mãe era uma mulher muito supersticiosa e, como praticamente todo católico daquela época, tinha muito preconceito contra os protestantes. Os adventistas, contudo, ofereciam muitas coisas para as crianças, como filmes, músicas, comida, e etc. Foi assim que minha irmã, Norma, que na época tinha dez anos, insistiu para que minha mãe a levasse às reuniões.

Vencida pela insistência de minha irmã e também impulsionada por um sonho que ela teve, minha mãe decidiu dar uma chance ao grupo dos adventistas. No sonho, ela estava triste e desanimada com a vida, diante de tantas dificuldades. Havia saído de casa sem rumo quando o som de um lindo louvor chamou sua atenção para uma espécie de porão aberto no chão. À medida em que se aproximava dele, o som de louvor aumentava e ela sentia uma paz indescritível. Ao descer as escadas que davam acesso ao local da reunião,

ela se deparou com um grupo de pessoas reunidas, louvando a Deus num culto protestante, e ali acabava o sonho.

Naquele mesmo dia, minha mãe entrou no salão dos adventistas com um bebê no colo. Aquele bebê era eu, com pouco menos de dois anos de idade. Minha mãe logo se deparou com um louvor muito semelhante ao que tinha ouvido no sonho. Ali ela sentiu paz, conforto e uma alegria tal que a fez querer voltar em outras reuniões.

Reunião após reunião, ela recebeu várias séries de estudos bíblicos, incluindo estudos sobre os livros de Daniel e Apocalipse, e ganhou sua primeira Bíblia. Não demorou muito e ela foi batizada nas águas, tornando-se a primeira adventista do sétimo dia da família.

Assim, eu tive o privilégio de crescer e ser educado na IASD. As coisas não eram nada fáceis em casa. Meu pai fazia muita oposição à nova fé de minha mãe. A igreja, porém, era um refúgio para nós. Era onde sentíamos que o inimigo não podia nos alcançar e onde podíamos ser livres para conhecer a Deus e Sua vontade.

Me lembro sempre com muito carinho e gratidão das diferentes classes da Escola Sabatina pela qual passei, além das professoras carinhosas e dedicadas, que nos ensinavam a amar a Jesus.

Foi assim que, aos doze anos de idade, depois de ter feito vários cursos bíblicos, chegou minha vez de escolher qual caminho queria seguir. Junto com muitos amigos de infância, fui batizado no dia 15 de novembro de 1994.

Além do meu batismo, dois outros momentos marcaram minha experiência ainda quando juvenil. O primeiro foi quando, ouvindo um louvor cristão sobre o julgamento

e a morte de Jesus, entendi que Ele padeceu tudo aquilo pra que eu pudesse aceitá-Lo. Foi naquele momento que, pela primeira vez, aceitei plenamente a Jesus como meu Salvador.

O segundo momento marcante ocorreu enquanto eu estudava a Lição da Escola Sabatina. A lição era sobre o remanescente e, estudando as profecias de Daniel e de Apocalipse, entendi plenamente que, tanto o surgimento como a missão da IASD nos últimos dias da história da terra, já haviam sido profetizados nas Escrituras Sagradas.

Que prazer e que privilégio ser um adventista! Pouca gente sabia o que isso significava, mas eu amava dizer que era adventista do sétimo dia. Para mim, ser adventista era estudar, entender e pregar profundamente as verdades da Bíblia. Era manter um equilíbrio saudável num mundo de extremos, harmonizando a fé com a razão, a lei com a graça, o divino com o humano, o céu com a terra.

Em grande medida, a IASD representava Deus para mim e minha mãe. Não tínhamos nada a oferecer. Praticamente, não tínhamos renda para dizimar e ofertar. Mas mesmo assim a igreja foi até onde estávamos e nos alcançou sem pedir nada em troca, e esse é o mesmo tipo de amor que Jesus nos demonstrou, conforme está escrito: “Nós amamos, porque ele nos amou primeiro.”⁸

A igreja também nos ensinou sobre o valor da perseverança. Minha mãe perseverou em sua fé e, depois de trinta anos de oração, viu sua luta recompensada quando meu pai aceitou o batismo. Aos 77 anos, ele finalmente podia dizer

⁸ Cf. 1 João 4:19, citado na *Versão Almeida Revista e Atualizada*, 2ª Edição, como todas as demais citações da Bíblia Sagrada.

que era um homem liberto! Com a ajuda de Deus e um “empurrãozinho” de dois AVC, ele parou de beber e de fumar.

Por trás de cada pecador, por mais terrível que seja, também existe uma história triste e, muitas vezes cruel. Ninguém nasce um “monstro”, afinal de contas! Meu pai também sofreu muito na vida. Perdeu o pai ainda pequeno e aprendeu a beber e a fumar com sua própria mãe. Foi criado desgarrado, sem limites. Ainda muito jovem, saiu de casa e foi buscar sustento em diferentes lugares do Brasil.

Ele foi escravo durante toda a sua vida. Contudo, ao descer a sepultura, em julho de 2018, descansou como um homem livre!

Então, retomando o que eu estava dizendo no início desse capítulo, tenho profundo respeito por toda igreja séria e sei que, mesmo em igrejas corrompidas, existe pessoas sinceras. Nenhuma outra denominação, contudo, nem nenhuma outra pessoa conseguiu nos mostrar um caminho mais coerente biblicamente do que o Adventismo.

Durante um período de minha adolescência, minha fé vacilou muito, assim como minha identificação com as doutrinas da IASD. Eu era membro batizado, mas, no fundo, minha fé ainda era muito dependente da influência da minha mãe, que enfraquecia à medida em que eu era influenciado por amigos na escola e no trabalho.

Eu precisava de uma experiência maior, tanto espiritualmente como biblicamente. Foi aí que, após uma grande crise emocional, aos 16 anos, tomei a decisão de me entregar totalmente a Jesus e me comprometi a reexaminar a Bíblia a fim de testar se o caminho que eu seguia estava, de fato, correto.

Me senti grandemente abençoado quando, após ter reestudado os fundamentos e crenças adventistas, e os comparado com a Bíblia e com os ensinos de outras denominações, concluí que ou eu seria um adventista ou não seria mais nada!

Finalmente eu tinha minha própria experiência espiritual, e ela me levava cada dia a uma comunhão mais profunda com Deus e a uma maior dedicação às atividades da igreja.

2.

O Chamado ao Ministério Pastoral

Na igreja adventista, tive a oportunidade de desenvolver muitas habilidades, como liderança, oratória, disciplina, leitura e pensamento profundo.

Os líderes da igreja sempre me chamavam a atenção por sua atuação nas funções que exerciam, nos cultos e nas demais atividades da igreja. A figura do pastor, contudo, sempre me chamava mais a atenção e, bem cedo, despertou em mim o sonho de seguir essa vocação.

O pastor era aquele por quem tínhamos mais respeito e a mais alta consideração dentro da igreja. Me impressionava sua espiritualidade, sua liderança e sua capacidade de nos ensinar em assuntos espirituais.

Bem cedo, comecei a ter parte nos programas da igreja. Eu amava apresentar relatos missionários, recitar grandes porções da Bíblia de cor, cantar e pregar. Recebia o reconhecimento e o incentivo de muitos irmãos, dentre os quais alguns carinhosamente me chamavam de “pastorzinho”.

São pessoas preciosas que Deus usou para confirmar que, de fato, Ele tinha um caminho para mim no ministério.

Minha mãe conta que, poucos meses antes de ela conhecer a IASD, eu fui vítima de um grave acidente doméstico, quando algumas peças muito pesadas do velho fogão que tínhamos caíram sobre a minha cabeça. As ferragens estavam secando num lugar mais alto, pois ela as tinha lavado pra tirar a gordura. Engatinhando pela casa, de alguma maneira consegui mexer nas peças que desabaram de uma vez sobre mim.

Minha mãe veio desesperada ver o que tinha acontecido e, segundo ela relata, lá estava eu, com ferimentos na cabeça, totalmente inconsciente e sem respirar. Meus olhos, ela diz, se viraram para trás e eu não respondia. Ali, comigo em seus braços, minha mãe clamou a Deus em alta voz: “Oh, Senhor, meu filhinho está morrendo!” Em seu coração, ela pediu a Deus por um milagre e disse que se Ele atendesse, ela me dedicaria a Ele.

Imediatamente, meu corpo aqueceu e voltei a respirar e a me mover. Apenas mais tarde em minha vida fui entender o porquê de, em suas orações a Deus, minha mãe sempre se referir a mim como “nosso filhinho Tomaz”, pois ela cria que daquele momento em diante, eu pertencia ao Senhor.

De maneiras que eu não compreendia, eu sentia a presença de Deus muito claramente em minha vida. Sentia meus pensamentos fluírem sobre os assuntos espirituais e estava frequentemente orando. Tinha o hábito de pedir a ajuda de Deus diante de desafios corriqueiros, assim como o Seu perdão quando cometia algum erro. Eu sempre tinha um coração grato pela forma como Deus cuidava de mim.

Não, eu não era um garoto perfeito! Eu era um menino normal que, de vez em quando, fazia ou estava envolvido em alguma travessura. Mas posso dizer que aprendi bem cedo sobre o poder libertador do perdão de Deus.

Aos 14 anos, fiz um curso que me deu a oportunidade de trabalhar numa multinacional como menor aprendiz. Tanto naquele curso, como na empresa em que trabalhei, aprendi coisas muito importantes, que excediam a experiência profissional. Quantas pessoas extraordinárias me ensinaram coisas boas!

Durante a semana, eu trabalhava de dia e estudava à noite, exceto às sextas-feiras, quando eu faltava às aulas para obedecer ao mandamento da lei de Deus no tocante ao sábado. No fim de semana, eu dedicava a maior parte do meu tempo à igreja.

Por falar em faltar às aulas nas noites de sexta-feira, esse foi um desafio que enfrentei por cinco anos, dois deles no ensino fundamental e três no ensino médio. Não foi fácil. Cheguei a ser ameaçado por alguns professores que não entendiam e também não aceitavam que eu pudesse manter minha prática religiosa.

A última dessas experiências foi a mais emblemática. No terceiro ano do ensino médio, um professor me avisou, em tom bastante ríspido e intransigente, que me reprovava por causa das faltas às sextas-feiras à noite. Me chamou a atenção o fato de ele também ser membro de uma denominação cristã protestante.

Eu estava em paz e tranquilamente disposto a refazer aquela matéria durante as férias. Deus usou o coordenador da escola, porém, para lutar por mim. Ele explicou o caso para a diretora, que se mostrou favorável ao abono das minhas faltas. O professor, contudo, estava irredutível e determinado a levar o assunto até às últimas instâncias.

Participei da formatura e da colação de grau sabendo que, no mês de janeiro, teria de refazer a matéria. Ao receber

o “canudo” das mãos da diretora, porém, ela me deu um abraço e sussurrou no meu ouvido: “Tomaz, meus parabéns e boas férias! Suas faltas foram abonadas!” Senti uma alegria indescritível em meu coração e muita gratidão a Deus por ter batalhado por mim.

Terminado o ensino médio, ingressei na faculdade de administração com ênfase em marketing. Eu precisava da faculdade para permanecer na empresa e precisava do emprego para pagar a faculdade. A essa altura, meu tempo livre era quase exclusivamente dedicado à igreja. Dava vários estudos bíblicos, dirigia o Clube de Desbravadores, pregava, cantava e liderava diferentes departamentos. Eu via meu futuro profissional, contudo, tomando uma direção mais secular, e isso me deixava pensativo.

Foi aí que tomei uma decisão dramática: iria deixar o emprego e trancar a matrícula na faculdade para estudar teologia. Eu considerava isso o mais alto ideal de vida que alguém poderia abraçar. Mesmo assim, Deus me deu sabedoria pra decidir que só pediria demissão e trancaria a matrícula na faculdade se eu passasse no vestibular e ganhasse uma bolsa de estudos no colégio.

Era o final do ano 2000, e me lembro como se fosse hoje o dia do vestibular no UNASP-EC.⁹ Além dos vários candidatos que fizeram a prova em outros locais espalhados pelo Brasil, me deparei com uma multidão de candidatos ao curso de teologia. Ao todo, eram mais de 400 para 80 vagas.

⁹ Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho – SP.

De alguma maneira, apesar da empolgação e do grande significado que aquilo tudo tinha para mim, sentia que não era para eu estar ali e isso me deixava perplexo. Ao terminar a prova, tive a nítida sensação de que eu não tinha ido bem, ou seja, de que não conseguiria uma nota boa o suficiente para passar e ganhar uma bolsa.

Alguns dias depois, saiu a classificação do vestibular. Eu tinha ficado na 122ª colocação. A secretaria da escola até me chamou pra fazer a matrícula na terceira chamada. Porém, sem uma bolsa de estudos, eu teria de pagar o valor integral e isso estava totalmente fora das possibilidades. Mais do que isso, em meu coração eu sentia que não era para ser!

Com uma multidão de pensamentos fervilhando em minha mente, desci a empoeirada Avenida dos Estudantes. Naquela época, a bela avenida de entrada e saída do colégio ainda não tinha sido pavimentada. Cabisbaixo, eu olhava para o chão, quando me deparei com um parafuso. Senti como que uma voz falando à minha mente: “Tomaz, pegue esse parafuso!” E eu o peguei. Ele estava ali abandonado, esquecido no meio da areia, porém alguém o encontrou e o apanhou. Aquela mesma voz continuou “Esse parafuso será um testemunho de que, um dia, você voltará aqui para esse lugar e aqui vai se formar pra ser um pastor!”

Guardei o parafuso com todo o carinho, porém nem mesmo aquilo foi suficiente para aplacar a tristeza e confusão que eu sentia naquele momento. Afinal de contas, por que Deus rejeitaria um jovem que, aos 18 anos, estava disposto a deixar tudo para servi-Lo?

Sentia uma poderosa convicção do chamado de Deus, porém me faltava a maturidade para entender que o tempo não era aquele.

Voltei, assim, para minha casa e, dentro de pouco tempo, tudo voltou ao normal. O parafuso, porém, sempre o guardei com muito cuidado.

Com o passar dos anos, apesar de eu ainda sentir uma identificação com o ministério, acreditava que, provavelmente, tudo não havia passado de um sonho de criança. Ademais, eu continuava servindo a Deus e a igreja, ou seja, não precisava ser pastor para isso.

No meu ambiente de trabalho, por exemplo, sempre que eu tinha uma oportunidade, buscava testemunhar sobre Deus, sobre a Bíblia e outros aspectos da minha fé. Não era incomum, enquanto almoçávamos no refeitório da empresa ou em momentos de confraternização, as pessoas do meu departamento pararem pra me ouvir falar sobre alimentação saudável, geologia, criacionismo, profecias e sobre a volta de Jesus.

Certo dia, uma colega de trabalho me procurou em particular e me disse algumas coisas que mexeram comigo: “Tomaz, porque você não se torna um pastor? Você fala com tanta paixão desses assuntos que seus olhos brilham!”

Ela não tinha ideia do significado daquelas palavras, pois não sabia o contexto que eu estava vivendo, mas eu sabia exatamente o que significava aquilo.

Nem tudo foram alegrias no meu trabalho. Tive grandes desafios por causa de minha fé, especialmente por guardar o sábado e, assim, me abster de trabalhar do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado.

Quando completei dezoito anos, me tornei estagiário e meu chefe me levou para uma sala para conversarmos. Ali ele disse que eu estava recebendo uma oportunidade que, antes de mim, ninguém havia recebido na empresa. De fato, eu fui o primeiro aprendiz que se tornou estagiário ainda no primeiro ano de faculdade.

Ele continuou, dizendo: “Tomaz, você tem um grande potencial, mas, infelizmente, também tem uma grande fraqueza: a sua religião! Se você quiser crescer nessa empresa, vai ter de trabalhar algumas sextas à noite e também alguns sábados. Precisa estar à disposição da empresa. Do contrário, seus amigos vão crescer, mas você vai ‘mofar’ aqui.”

Disse mais: “Pense bem, Tomaz! É bom ir à igreja. Eu mesmo ia à igreja adventista e fui desbravador quando era criança, mas aprenda com meu exemplo (ele havia sido aprendiz como eu e, agora, ocupava uma posição de supervisão dentro de uma grande multinacional). Eu acredito em Deus e amo minha família, mas a empresa vem em primeiro lugar.”

Não julgo aquele meu chefe. Deus o julgará quanto ao modo como ele tentou me fazer uma lavagem cerebral e me afastar da minha fé. No fundo, porém, acredito que ele tinha uma boa intenção para comigo, no sentido de me direcionar a uma carreira de sucesso na empresa.

Em nenhum momento me senti tentado, nem um milímetro sequer, pelo que ele me disse. Eu apenas me silencieei e decidi que trabalharia ali até a empresa decidir encerrar meu estágio, porém nunca trabalharia durante as horas sagradas do sábado.

Como resultado, apesar de não ter sido demitido, eu realmente “mofei”, ou seja, fui vendo muitos colegas sendo efetivados, sem que uma oportunidade me fosse dada.

Dois anos mais tarde, a empresa criou um projeto para que os estagiários tivessem experiência em outras áreas administrativas e, com isso, consegui uma transferência para outro departamento. Essa mudança me trouxe muito contentamento e ali trabalhei dois felizes anos, onde tive muitas oportunidades de testemunhar de minha fé e influenciar pessoas para o bem.

No final do último ano, o Brasil atravessava uma grande crise financeira. Eu estava me formando em administração. Num dia de outubro, meu supervisor me chamou pra conversar e me disse que recebeu uma ordem, vinda da matriz dos EUA, para não se fazer contratações no nosso departamento por tempo indeterminado. Ele disse que estava nos planos deles me contratarem, mas por causa da crise e dessa ordem de cima, não poderiam fazê-lo. Assim, ele me liberou pra que eu pudesse me ausentar para fazer entrevistas em algum outro lugar.

Nesse ínterim, surgiram várias oportunidades em outras áreas da empresa. Fiz dinâmicas de grupo e entrevistas, nas quais me destaquei. Eu conhecia a empresa como nenhum dos demais entrevistados, pois estava ali havia sete anos. Porém, não fui contratado pra nenhuma das vagas que se abriram internamente.

Todas as portas estavam se fechando para mim e, de algum modo, sabia que era Deus quem estava fazendo isso, com a finalidade de, agora, me levar para o ministério. Não saía da minha mente o texto de Apocalipse 3:7 “Ao anjo da

igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, *aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá.*¹⁰

Assim, eu estava em constante luta com Deus, pois sentia o chamado dele pulsando dentro de mim, porém não queria mais seguir um caminho pastoral. Eu estava terminando minha faculdade e, além da vontade de seguir com minha carreira, queria muito comprar uma casa e dar uma vida melhor para minha mãe.

Enviei meu curriculum para centenas de empresas, pessoalmente e via internet, na esperança de ser chamado para uma boa entrevista. Porém, o ano de 2003 acabou e, junto com ele, meu contrato de estágio. Comecei 2004, portanto, desempregado e sem qualquer perspectiva de emprego.

Os primeiros meses daquele ano foram de muita expectativa, frustração e um grande conflito dentro de mim. “Senhor, eu não quero mais ser um pastor! Meu tempo já passou. Há três anos, eu estava disposto, mas agora não estou mais. Por favor, me deixa arrumar um emprego e cuidar da minha mãe! Eu vou continuar te servindo.”

As portas, entretanto, continuavam fechadas de tal modo que dos mais de duzentos currículos que entreguei, não recebi nem sequer uma ligação para entrevista, nem mesmo para confirmar alguma informação.

Fiquei paranoico a ponto de passar o dia ao lado do telefone, esperando que ele tocasse. Isso sem falar nas várias vezes em que verifiquei e até pedi pra mais alguém olhar se o número de telefone impresso no currículo estava certo.

¹⁰ Ênfase do autor.

Foi aí que, no mês de março, foi anunciado na igreja que um pastor da área da colportagem¹¹ viria para fazer uma semana de mordomia cristã.¹² Não me senti muito empolgado a participar, pois eu sabia que, se eu tivesse de estudar teologia, teria também de colportar, e isso não me atraía nem um pouco.

Aquela, porém, foi uma semana de muitas bênçãos para a igreja e para mim, pois no decorrer dela eu fui entendendo mais claramente que Deus era sábio demais pra errar, ou seja, se Ele estava me chamando para ir naquela hora, era porque o momento havia chegado e Ele cuidaria de tudo.

Ainda assim, a decisão final de me render e aceitar o chamado só veio quando, ainda naquela semana, fiz uma prova com Deus. Até então, eu não havia recebido nem uma ligação referente aos currículos que entreguei. Orei a Deus, assim, e disse que se era Ele mesmo quem estava fechando as minhas portas; se era Ele mesmo quem estava me chamando para ser um pastor e, em Sua soberania, estava me impedindo de tomar qualquer outro rumo naquele momento, então alguma empresa me ligaria com uma oferta de emprego irrecusável.

Depois dessa oração, me arrumei para sair, pois estava fazendo um curso, para não ficar o tempo todo ocioso. Quando estava saindo, o telefone tocou, porém eu estava tão anestesiado com toda a situação que jamais pensei que já pudesse ser a resposta à minha oração.

¹¹ Colportagem é um serviço missionário que consiste na venda e distribuição de literatura com foco na saúde física, mental e espiritual.

¹² Departamento da IASD que incentiva os membros a serem fiéis mordomos ou administradores das posses que conseguiram com a ajuda de Deus.

Voltei do curso já era noite. Ao entrar em casa, meu irmão me avisou que havia anotado o recado de uma agência de empregos que havia me ligado quando eu estava saindo de casa. Na manhã do outro dia, retornei a ligação e cada palavra da recrutadora me confirmava o sinal que pedi de Deus. A proposta era, de fato, irrecusável e muito além das expectativas que eu tinha. Confesso que fiquei tentado, de tal modo que até aceitei fazer a entrevista, querendo ver de perto se era aquilo mesmo.

Encerrando aquela semana de cultos especiais na igreja, tive um sábado muito marcante com Deus, o suficiente para eu tomar a decisão de não comparecer à entrevista. Ela havia sido marcada para as 09:00 da manhã da segunda-feira. Por volta das 10:00 a recrutadora me ligou e perguntou o que havia acontecido, pois ela estava com os diretores da empresa me esperando para a entrevista.

Pedi desculpas por não ter ligado avisando. Na verdade, eu imaginei que teriam tantos outros candidatos que eles nem sentiriam minha falta. Expliquei pra ela que naquele fim de semana eu havia recebido outra proposta e que era irrecusável. Então, ela me pediu pra revelar qual a proposta, a fim de negociar com os diretores da empresa. Falei pra ela que eu já havia dado minha palavra e que, infelizmente, não poderia voltar atrás.

Me impressionou o modo como ela continuou insistindo comigo, chegando ao ponto de dizer, no final, que os diretores analisaram meu currículo e não queriam escolher um candidato sem, antes, terem a chance de falar comigo. Educadamente, agradei pela proposta e pela insistência, porém falei que minha decisão já estava tomada e que nada mudaria isso.

Desliguei o telefone meio tremendo e escrevi uma oração a Deus numa folha de caderno que guardo com carinho: “Senhor, estou em Tuas mãos. Não sei de nada quanto ao meu futuro, mas de uma coisa bem sei: me amas, me encaminhas e para mim traçaste um plano infalível. A Tua sabedoria edificou o meu caminho, antes mesmo de eu ter aqui nascido! Glórias e louvores sejam dados ao Teu nome Todo-amoroso e Todo-poderoso, o nome Jesus! Amém.”

Naquela mesma semana, entrei em contato com o líder da colportagem estudantil da APaC e, junto comigo, vários outros jovens da igreja foram participar do projeto Sonhando Alto, que inicia jovens no trabalho da colportagem com objetivo de ir para a faculdade.

Participei de três campanhas do projeto Sonhando Alto naquele ano, em diferentes cidades das regiões central e sudoeste do estado de São Paulo. Foi na primeira dessas campanhas, inclusive, que conheci a Evelyn, uma bela e jovem colportora.

Trabalhei bastante. Sofri um bocado. Cresci muito! No entanto, me lembro com muita consideração daqueles dias e do quão abençoado por Deus eu fui onde quer que passei. De fato, a colportagem foi uma escola para mim e me acompanharia durante toda a minha formação ministerial.

Foi na pequena cidade de Ribeirão do Sul, SP (a última onde colportei aquele ano), que fiz pela internet minha inscrição para o vestibular do UNASP-EC. Era o mês de outubro e no fim daquele mês, voltei pra minha casa a fim de me preparar para o vestibular, que seria no começo de novembro.

Dessa vez, tudo era diferente. Me sentia preparado e sentia que o momento havia chegado. Era pra ser!

Fiz minha prova no IASP e, ao terminar, sabia que tinha ido muito bem. Pouco tempo depois, recebi a boa notícia de que eu tinha passado em 3º lugar no vestibular que, naquele ano, teve quase 800 candidatos para 100 vagas. Graças à minha colocação, também fui contemplado com uma bolsa de estudos, que me permitiria trabalhar em troca de 75% do custo dos estudos e do pensionato.

O curso de teologia me realizava de uma maneira extraordinária. Aprendi muito sobre Deus, sobre a fé, sobre a Bíblia, sobre a IASD e, especialmente, sobre o significado do ministério pastoral. Por outro lado, mesmo os 25% que eu devia pagar estavam além das minhas condições. Mas Deus me ajudou a vencer. Através da colportagem, do apoio de alguns irmãos e amigos, e de sacrifícios da minha mãe, consegui me formar sem dever um centavo ao colégio.

No meu segundo ano ali, reencontrei a Evelyn através de uma rede social da época. A amizade se tornou em amor e, como fruto de oração, ela fez o vestibular, passou e ganhou uma bolsa integral para estudar e trabalhar no UNASP. Nossa alegria, agora, estava completa!

Por falar na Evelyn, temos histórias de vida um tanto parecidas. A IASD também apareceu na vida dela bem cedo, no vale do Ribeira, SP. Durante sua infância, ela foi atendida algumas vezes pela clínica médica móvel adventista “Luzeiro Paulista”, que levava tratamento médico e odontológico gratuito para famílias carentes daquela região.

Voltando ao UNASP, o curso de teologia demanda muito estudo. Ter de trabalhar concomitantemente ao curso é um desafio muito grande ao aprendizado. Mesmo assim, com a ajuda de Deus, tive uma ótima média geral.

Alguns meses antes de minha formatura, o diretor da FAT¹³ me chamou em sua sala. Era uma sexta-feira, dia 05 de setembro de 2008, e ele me deu uma notícia maravilhosa: eu estava sendo chamado para trabalhar na APaC! Aquele foi um dos melhores momentos que vivi em minha vida!

Para encerrar aquele ano com ainda mais bênçãos, dia 14 de dezembro eu estava me formando, na 89ª turma de formandos do SALT-UNASP.¹⁴ Foi um dia inesquecível para mim e meus colegas de turma, amigos e irmãos por quem tenho carinho e respeito. E no domingo seguinte, dia 21 de dezembro, eu unia minha vida à da Evelyn na igreja onde cresci e onde toda essa história começou.

Os passos e caminhos que me trouxeram ao ministério, segundo os desígnios do Altíssimo, são compartilhados por inúmeros outros pastores e ministros que servem a Deus na IASD. Cada um tem uma história particular e um chamado especial. Experiências, enfim, que tanto valem a pena ser lembradas e contadas às novas gerações, como inspiram respeito pelo pastor e, ao mesmo tempo, reverência para com Aquele que o chamou.

A vida de um pastor é de muita luta, afinal cada ministro ocupa uma posição estratégica no exército do Senhor, em meio à maior de todas as guerras: o grande conflito entre Cristo e Satanás. É muito gratificante, entretanto, ver o fruto de nosso trabalho no final de cada batalha. Nas almas ganhas ou resgatadas para Deus; nos casamentos e lares restaurados; em irmãos reconciliados; num rebanho

¹³ Faculdade Adventista de Teologia.

¹⁴ Seminário Adventista Latino-americano de Teologia do UNASP.

bem alimentado com as verdades da Palavra; numa liderança motivada para cumprir a missão; dentre outras realizações que, além de confirmar nossa vocação, nos enchem de satisfação.

Nem tudo são flores, contudo, no ministério adventista, assim como em nenhuma organização, sobretudo religiosa.

Como Elias e como você, também tenho fraquezas e falhas. Já passei por frustrações tão grandes em meu ministério que fizeram parecer que tudo pelo que eu lutei havia perdido totalmente o sentido. Cheguei a pensar em desistir do ministério e até em deixar de ser adventista!

Foi num desses momentos, contudo, que precisei tomar uma decisão muito séria e, entre sair e ficar, escolhi ficar e lutar pela igreja!

Toda luta implica em riscos de ferimentos e até mesmo de morte. Porém, se tudo o que contei aqui, que é apenas um resumo, não for digno de sacrifícios, nada mais o será!

Assim, eu compreendo os riscos da minha luta para mim e para minha família. Não mereço, porém, nem um pouco mais de conforto do que homens como Estêvão e os demais mártires, tampouco mais do que os reformadores que não puderam se livrar da fúria papal durante a Idade Média.

Em todas as coisas, porém, meu desejo é o de convencer, não de triunfar; de advertir, não de condenar; de ganhar para a verdade, não de derrotar; de aperfeiçoar, jamais de destruir.

3.

Doenças Autoimunes na Igreja Adventista do Sétimo Dia

O melhor tratamento para uma doença sempre é evitar que ela se desenvolva. Como adventistas, aprendemos e ensinamos amplamente sobre como preservar a saúde por meio do conhecimento e da obediência às leis da saúde.

Num mundo onde o pecado abundou, contudo, às vezes nem o estilo de vida mais saudável evitará o surgimento de doenças. Não é raro, afinal, ouvir de pessoas jovens e saudáveis que morreram de câncer, por exemplo, a despeito de seus bons hábitos de vida.

Isso se deve, em grande parte, a um fator chamado genética, ou seja, predisposições biológicas que, muitas vezes e de maneira injusta, têm mais influência em nossa condição do que gostaríamos. Em outras palavras, algumas doenças se manifestam de maneira muito misteriosa. A ciência até explica o que elas causam, mas não consegue identificar o que, exatamente, as causa.

É o caso das doenças autoimunes, que podem provocar desde a perda da qualidade de vida, até a morte do paciente. Algumas delas são muito comuns, como o diabetes tipo 1 e o lúpus. Outras, embora não tão comuns, também atingem um grande número de pessoas, como a artrite reumatoide, o vitiligo, a psoríase, a esclerose múltipla, a doença de Crohn, a doença celíaca, etc.

Essas doenças são chamadas de autoimunes porque são provocadas pelo próprio sistema imunológico da pessoa. É isso mesmo: o sistema que foi feito pra defender o indivíduo, o está atacando! E se é o próprio sistema de defesa que está atacando o organismo, quem poderá defendê-lo?

Quando falo de doenças autoimunes na IASD, me refiro, especialmente, a uma porção de coisas que foram feitas, escritas, votadas e estabelecidas até com o propósito de protegê-la e defendê-la. Tem havido, porém, uma tal inversão no modo de se conduzir a igreja que, em vez de protegê-la, essas coisas a têm deixado vulnerável e sem chance de defesa contra numerosas práticas danosas.

Não existe cura para doenças autoimunes. A boa notícia, no entanto, é que elas podem ser tratadas, garantindo condições para que o paciente tenha uma vida longa e totalmente funcional. Mas, para se chegar a esse nível, é essencial que se obtenha um diagnóstico preciso, levando a um tratamento adequado o mais cedo possível.

Exatamente da mesma forma, a igreja nunca será perfeita nesse mundo. Ela é feita de pessoas, e pessoas são imperfeitas por natureza. Entretanto, assim como os pecadores não podem se esquivar da batalha pela *santificação*, a igreja não pode deixar de *militar* para alcançar

patamares cada vez mais elevados de experiência espiritual e de serviço.

O propósito desse material, portanto, é colaborar tanto com o diagnóstico como com o tratamento do precioso paciente de que estamos falando.

Vale a pena ressaltar que a igreja não é a doença, por mais que esteja sendo afetada por ela. Os sintomas são indesejáveis e apontam para enfermidades latentes. Porém, assim como não odiamos e nem abandonamos nossos entes queridos quando eles adoecem, também não devemos odiar e deixar a igreja pelas mazelas que ela apresenta. Nosso alvo, assim, é tratar a doença sem prejudicar o paciente.

*É precisamente nesse ponto que nos vemos diante de uma grande decisão a ser tomada. Precisamos decidir se ignoramos os sintomas e mantemos um status quo¹⁵ enfermo e obsoleto ou se, **antes que seja tarde**, aceitamos o diagnóstico e iniciamos o tratamento necessário a fim de reabilitar a igreja como uma comunidade espiritual saudável e focada em sua missão evangélica.*

¹⁵ *Status Quo*: traduzido do Latim como “o estado das coisas”. Geralmente usado para se referir às coisas exatamente como elas estão, sem mudanças.

4.

A Doença da Infalibilidade

"Não há nenhuma necessidade de duvidar, de estar temeroso de que a obra não seja bem-sucedida. Deus está à testa da obra, e porá tudo em ordem. Caso haja coisas necessitando serem ajustadas na direção da obra, Deus atenderá a isso, e trabalhará para endireitar todo erro. Tenhamos fé que Deus vai conduzir a nobre nau que transporta o Seu povo, em segurança, para o porto."¹⁶

“A igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora na sacudidura - a palha separada do trigo precioso. É esse um transe terrível, não obstante importa que tenha lugar.”¹⁷

“Não tem Deus uma igreja viva? Ele tem uma igreja, mas esta é a igreja militante, e não a igreja triunfante. Entristecemos-nos de que haja membros defeituosos, de que

¹⁶ Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, Vol. 2 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 390.

¹⁷ Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, Vol. 2 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 380.

haja joio no meio do trigo.... Embora existam males na igreja, e tenham de existir até ao fim do mundo, a igreja destes últimos dias há de ser a luz do mundo poluído e desmoralizado pelo pecado. A igreja, débil e defeituosa, precisando ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objeto na Terra ao qual Cristo confere Sua suprema consideração.”¹⁸

Todos esses são textos escritos por Ellen G. White em diferentes momentos e sob diferentes circunstâncias. Seu objetivo era animar e encorajar os membros do movimento do advento a levar adiante a mensagem que carregam, relembrando que o Senhor estaria com eles até o fim e lhes daria a vitória como resultado de sua confiança nEle.

Tais textos, porém, têm sido desvirtuados para desestimular, calar e abafar advertências necessárias, correções oportunas e ajustes precisos. Afinal, não é difícil se chegar à conclusão de que, *se Deus está dirigindo tudo, controlando tudo e Ele mesmo corrigirá todos os erros, que parte teríamos eu e você, pequeninos membros, no aperfeiçoamento dessa grandiosa instituição?*

Aí está a fórmula perfeita para se manter o *status quo*, e tudo com a anuência e o apoio geral dos membros da igreja. Além de suas contribuições financeiras e de sua mão de obra na execução dos projetos da agenda eclesiástica, eles geralmente defendem que todas as coisas estão exatamente onde deveriam estar, segundo a vontade de Deus.

Assim, boa parte dos membros vai sendo mantida e se mantendo numa zona de conforto que evita o desgaste do

¹⁸ Ellen G. White, Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 45 e 49.

confronto com o clero. O pensamento gira em torno do seguinte: “Depois que eu dei meu dízimo para a igreja, o problema sai das minhas mãos e passa para as de Deus. Minha parte está feita!”

É mais do que comum, por conseguinte, que muitos se comportem como células de defesa mal direcionadas. Eles tendem a atacar qualquer tipo de ideia ou pessoa que, ainda que de maneira coerente e cristã, chame a atenção para pontos que precisam ser melhorados na igreja. Afinal, “para que mexer em time que está ganhando?” Contudo, será que esse time, de fato, está ganhando? O restante desse livro vai te ajudar a responder a essa pergunta.

Em seus discursos triunfalistas, os defensores do *status quo* não apenas dizem que, “sim, esse time está ganhando!”. Eles argumentam que “é nas assembleias e nas comissões diretivas que as correções são feitas, pois é Deus quem dirige essas reuniões. Assim, quando alguma coisa não está indo bem, nesses momentos Ele age para tirar alguém de uma posição da qual é indigno.”

Como será visto no decorrer desse livro, esse argumento não necessariamente tem respaldo na realidade. Seu propósito, na verdade, é reforçar a passividade dos membros em sua confiança cega de que “absolutamente tudo está sob o controle divino”.

Por mais delicado que seja falar sobre isso, considere quantos escândalos têm surgido em meio a obreiros que, por longo tempo, ocupavam posições elevadas! Por um acidente, um descuido ou pela insustentabilidade de uma situação, pecados escondidos vêm à tona e trazem dor, vergonha e amargas consequências para toda a igreja.

Antes desses pecados se tornarem públicos, contudo, tais pessoas vinham sendo votadas e reconduzidas normalmente a seus cargos, tanto nas assembleias como nas comissões diretivas. Em outras palavras, Deus não interfere tanto quanto afirmam que Ele o faz! E isso nos adverte de que temos muito mais responsabilidade do que pensamos e de que, no final, teremos de prestar contas a Deus por nossa omissão ou conivência.

O mais triste é pensar que outros, habilidosos em manter seus pecados em segredo, podem estar se perpetuando em altas posições no ministério, até chegarem à jubilação, ao lado de obreiros que viveram uma vida de verdadeira entrega a Deus e à mensagem adventista.

Se você ler mais detidamente as citações de Ellen G. White, não deixará de notar que elas afirmam que:

- 1) Haverá coisas necessitando de ajustes na obra, assim como erros que precisarão ser endireitados.
- 2) Haverá problemas tais que ameaçarão a própria sobrevivência da igreja.
- 3) Trigo e joio estarão misturados numa igreja que precisa ser repreendida, advertida e aconselhada.

Deus, de fato, é colocado por Ellen G. White como o agente que trará correção em todas essas situações. Contudo, em toda a história do povo de Deus na terra, o Senhor sempre se utilizou de pessoas consagradas para fazer essa obra.

Repare, por exemplo, na maneira como Deus interveio em momentos decisivos da história cristã. A começar pela reforma protestante, Martinho Lutero foi o meio mais expressivo pelo qual Deus balançou as estruturas do

Cristianismo medieval, sem nunca ter recebido qualquer revelação sobrenatural que o orientasse.

*Sola scriptura*¹⁹ foi sua única e suficiente revelação, por meio da qual ele desafiou e fez frente a um poder que dominou o mundo pelos longos anos da Idade Média.

Quase trezentos anos mais tarde, no início do século XIX, Guilherme Miller se aprofundou em estudos proféticos que o levariam a uma conclusão que chacoalharia os cristãos na América do Norte. Assim como Lutero, ele não foi o único, porém foi o mais expressivo, a quem a própria Ellen G. White atribuiu inspiração divina em seus estudos e pregação, a despeito da falha quanto ao significado da data de 22 de outubro de 1844.

À semelhança de Martinho Lutero, Guilherme Miller nunca recebeu qualquer revelação sobrenatural. Em suas mãos, apenas uma Bíblia e uma *Concordância Bíblica de Cruden*. A Palavra, contudo, foi suficiente, além da forte influência do Espírito Santo atuando em sua consciência.

Fica claro, assim, que quando Ellen G. White diz que Deus trará correção à obra, não está dizendo, necessariamente, que o fará por meio sobrenatural. É, sim, através de homens e mulheres consagrados e verdadeiros que, munidos da Palavra e impulsionados pelo Espírito Santo, apresentam advertências e demandam mudanças aos líderes da igreja.

Lembre-se, contudo, que estamos falando de uma doença autoimune. Qualquer tentativa de cura acarreta numa

¹⁹ *Sola Scriptura*: traduzido do Latim como “Só a Escritura”, em referência à crença protestante de que apenas a Bíblia é a regra de fé e prática para o cristão, assim como a única intérprete de si mesma.

reação ainda maior do sistema de defesa pervertido, com ações retaliatórias que buscam, a todo o custo, manter o *status quo*, fazendo sofrer mais ainda o corpo, nesse caso, a igreja.

Hoje, séculos depois de sua morte, Miller e Lutero são celebrados e reconhecidos em nosso meio tanto por sua coragem, como por sua obra. Contudo, não podemos nos esquecer do quanto eles sofreram em seu tempo, mesmo nas próprias comunidades cristãs da qual faziam parte.

Lutero foi perseguido, ameaçado, julgado e, finalmente, excomungado por Roma. Só não foi martirizado porque o Senhor lhe protegeu de várias formas, mesmo através de grupos poderosos e influentes que, ainda que por outras razões, também queriam libertação do jugo papal.

Miller foi por muitos e em diversos lugares desdenhado, caluniado, desacreditado e chegou a ser expulso da congregação onde era membro. Houve tanta oposição e ódio contra ele que planejaram matá-lo.²⁰ Os anjos do Senhor, contudo, o livraram da ira dos servos de Satanás.

Em todo o universo, Deus é o único ser infalível. Nenhuma outra pessoa ou instituição, nem mesmo a IASD, pode se apoderar desse adjetivo sem adentrar terreno perigoso, tanto para si como, principalmente, para quem a segue.

Muitos perigos e enganos residem na falsa sensação de infalibilidade. Podemos citar, por exemplo, o comodismo e a letargia que ela gera, e é muito fácil identificar tal atitude na igreja de Laodiceia.²¹

²⁰ Ellen G. White, O Grande Conflito (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 337.

²¹ Cf. Apocalipse 3:14-22

Laodiceia era tão perfeita aos seus próprios olhos que ela simplesmente “não podia falhar”. O problema é que, dentre muitos adjetivos negativos, Jesus a descreve como cega. Como resultado, naturalmente ela jamais conseguiria diagnosticar a realidade de sua condição que, segundo o Senhor, era infeliz, miserável, pobre, cega e nua. Tampouco poderia ela, por si mesma, buscar por cura e soluções.

A única esperança para Laodiceia, portanto, reside em aceitar os conselhos e as advertências de Cristo, que incluem arrepender-se e zelar para com aquilo que lhe foi entregue. Do contrário, ela será “vomitada”, ou seja, rejeitada pelo Senhor.

*É assim que, como movimento profético, **antes que seja tarde** temos de decidir: vamos continuar usando as citações de Ellen G. White quanto ao triunfo da obra e do movimento adventista como desculpa para nossa alienação e comodismo no que tange aos rumos da IASD? Ou vamos ver tais textos como uma garantia de que o Senhor abençoará e recompensará nossos esforços e sacrifícios ao buscarmos por melhores padrões para a igreja?*

5.

A Doença da Eleição Incondicional

Como falei a princípio, tenho profundo respeito por toda igreja séria em nossa sociedade. Tratando-se de doutrina, no entanto, não consigo ver outra denominação que se encaixe tão perfeitamente nas profecias a respeito do remanescente. Assim, eu creio que o movimento adventista foi levantado diretamente por Deus, exatamente conforme as profecias indicavam, isto é, como um povo que restauraria e colocaria diante das pessoas as verdades originais da Bíblia.

O Senhor chamou Abraão pra sair de sua terra e sua parentela, a fim de, através dele, levantar Israel, uma nação inteiramente nova pela qual Ele abençoaria todas as famílias da terra.

E Deus foi fiel em cumprir Sua promessa e levar adiante Seus desígnios. De Abraão a Isaque. De Isaque a Jacó. De Jacó às doze tribos de Israel, cada uma nomeada após um de seus filhos. José levou Israel para o Egito, a fim de salvá-lo. Moisés tirou Israel do Egito, a fim de libertá-lo.

Josué entrou com o povo na terra prometida e ali, séculos mais tarde, Israel chegou ao auge de sua existência, nos reinados de Davi e Salomão.

Por semelhante modo, através de Guilherme Miller, Deus também chamou pessoas de várias denominações existentes para a mensagem do advento, que mais tarde redundou no desenvolvimento da IASD.

Dentre as milhares de pessoas que foram conquistadas pela mensagem profética pregada por Miller, estava uma jovem chamada Ellen Gould Harmon. Humanamente falando, não havia nada de especial nela que a qualificasse ao ofício profético.

Primeiramente, ela era uma mulher vivendo no período vitoriano, o qual restringia a mulher de muitas atividades consideradas masculinas. Ainda assim, houve mulheres que se destacaram naquela época, porém já com uma certa idade. Ellen, contudo, era ainda uma adolescente de dezessete anos quando recebeu sua primeira visão, e quem a levaria a sério?

Pra tornar a história ainda mais desafiadora, Ellen tinha muitos problemas de saúde, em decorrência de uma agressão física que sofreu na escola aos nove anos de idade. Uma garota maior lhe arremessou uma pedra que atingiu em cheio seu rosto. Ellen ficou inconsciente por quase três semanas. Por pouco não morreu. Ficou, porém, com sequelas que perduraram toda a sua vida.

Seria uma loucura, assim, Deus escolher justamente aquela garota para uma missão de tamanho significado e importância na história do Cristianismo. Segundo o apóstolo Paulo, no entanto, esse tipo de loucura é geralmente o

modus operandi divino, ou seja, o meio preferido de Deus realizar sua obra.²²

Após milhares de anos, o Senhor novamente levantou alguém para o ministério profético. Não para substituir a Bíblia, mas para guiar nela os pioneiros adventistas. Foi assim, através de muito estudo, oração e perseverança que um pequeno grupo de fiéis deu início a um movimento cuja mensagem circundaria o mundo como torrentes de luz.

É inegável a similaridade entre Israel e a IASD. A história de Israel, porém, deveria servir de lição para nós. Lembre-se, afinal, que Israel nunca cumpriu plenamente os grandiosos planos que Deus tinha para ele.

Mais do que a qualquer outro povo na história, o Senhor derramou torrentes de luz sobre Israel, através dos profetas, dos sacerdotes e dos reis. Porém, por diversas vezes, os reis deixavam de ouvir os profetas, manipulavam os sacerdotes e, assim, deixavam o povo vulnerável às tentações trazidas pelas nações vizinhas.

Isso sem falar na multidão de falsos profetas que, ora falavam falsamente em nome do Senhor, ora profetizavam em nome de Baal e de outras divindades pagãs.

As palavras do apóstolo João, escritas por volta do ano 95 AD, soam como uma triste lamentação sobre o fim de Israel como a nação escolhida de Deus: “[Jesus] veio para o que era seu, e os seus não o receberam.”²³

De fato, a religião judaica se corrompeu de maneira tal que seus líderes não puderam reconhecer em Jesus, o filho

²² Cf. 1 Coríntios 1:25-29. Veja, também, Êxodo 4:10-17 e 1 Samuel 16:1-13.

²³ Cf. João 1:11

de Maria, Aquele que mostrou a Abraão as estrelas do céu e disse: “Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade.”²⁴

Com lágrimas nos olhos e um grande peso no coração, Jesus lamentou a sorte de Israel, ao dizer: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta.”²⁵

Os representantes do povo de Deus não apenas rejeitaram e mataram o Messias, como também perseguiram e mataram muitos de Seus seguidores, dentre eles, Estêvão, no ano 34 AD.

Nos dias atuais, quando um grupo religioso busca, por meio da força, converter pessoas à sua fé, o chamamos de fundamentalista radical. Era exatamente assim que os oficiais do templo agiam naquela época, isto é, como terroristas!

É notável que a primeira perseguição sofrida pelos cristãos não tenha partido de poderes seculares, mas, sim, do próprio templo, em Jerusalém. Era do templo de Jerusalém, afinal, que eram enviados os *Shaliach*, isto é, emissários oficiais judaicos, com autorização para prender e até matar dissidentes do Judaísmo. À luz de Atos 7, Saulo era o *Shaliach* responsável por lidar com Estêvão, um “pernicioso dissidente” com uma pregação que nenhum dos judeus havia conseguido derrotar.

²⁴ Cf. Gênesis 15:5

²⁵ Cf. Mateus 23:37-38

A narrativa do apedrejamento de Estêvão, descrita em Atos 7, chama muito a atenção dos estudiosos da teologia da aliança.²⁶ Tanto o seu discurso diante dos representantes judeus, como a visão que ele teve do santuário celestial apresentam elementos muito significativos para essa área de estudo.

Estêvão fez um retrospecto da história de Israel apresentando as causas da aliança, isto é, a visível ação divina em favor e na direção de Seu povo. Ao mesmo tempo, ele apresentou a causa para a quebra da aliança, a saber, a reiterada rebeldia dos judeus, a qual atingiu seu ápice quando rejeitaram e crucificaram a Cristo.

Estêvão não pôde prosseguir seu discurso, porque os judeus estavam enfurecidos e fecharam seus ouvidos à sua voz. Estavam prontos, assim, para apedrejá-lo e foi nesse exato momento que os céus se abriram diante dele.

É notável que o próprio Jesus apareceu em pé à destra do trono do Pai, cena que se interpreta como um *Rív*, isto é, um julgamento no qual o soberano desfaz definitivamente sua aliança com o súdito, uma vez que este a violou decisivamente.

Mas como foi que Israel chegou a esse ponto sem volta? Como sabemos, isso não aconteceu do dia para a noite, mas ao longo de um processo. Dentre outras razões, duas tiveram papel destacado:

²⁶ Veja William H. Shea, “A profecia de Daniel 9:24-27”, em Frank B. Holbrook, ed., *Setenta Semanas, Levítico e a Natureza da Profecia* (Engenheiro Coelho – SP: Unaspress), pp. 53-54. Veja também Wilson Paroschi, “Estêvão, Israel e a Igreja”, em *Parousia* V. 6 (Engenheiro Coelho – SP: Unaspress), pp. 39-52.

- 1) ***O excesso de confiança dos líderes judaicos em sua própria história e tradição***, esquecendo-se de que Deus os estabeleceu por Sua graça, e não por qualquer atributo inerente que eles tivessem. Em outras palavras, os judeus se achavam tão especiais que, a seus olhos, Deus precisava mais deles do que eles precisavam de Deus.
- 2) ***A crença geral de que a eleição divina era incondicional***, ou seja, não importava a condição de Israel, Deus jamais o rejeitaria como povo escolhido da aliança. Basta estudar um pouco sobre o significado de aliança, contudo, para entender que se a parte humana descumpra deliberada e reiteradamente sua parte no pacto, o Senhor não tem qualquer obrigação de mantê-lo.

Pode-se dizer que, nos dias em que Jesus andou pela Judéia, o Judaísmo estava no auge de sua organização, apesar do jugo romano. Os turnos dos sacerdotes, dos levitas e dos demais oficiais do templo estavam bem estabelecidos, assim como as chefias das sinagogas na Judéia e em todo o império romano.

Os fariseus, os escribas, os saduceus e os zelotes se vangloriavam de seu *status*, das conquistas em adeptos e da sua importância diante do povo. Quando seus líderes se reuniam no Sinédrio, era como se o céu tocasse a terra.

Tais homens mal podiam entender, contudo, que aquela era a hora mais escura da religião judaica. Havia injustiça social e aberta acepção de pessoas. Havia exploração do lugar sagrado para ganhos particulares. Havia pecados

encobertos. Havia graves deturpações do significado das Escrituras, sempre forçadas para cumprir com os propósitos de um sistema religioso meramente ritual.

Foi nesse contexto desafiador que o Filho de Deus teve de apresentar aos homens a face do Pai, os princípios do Reino e o plano da salvação através de Seu próprio sacrifício.

Embora Jesus tenha dedicado boa parte do Seu ministério em serviço aos pobres e fragilizados da sociedade, Ele gastou muito de Seu tempo com pessoas do sistema judaico. Miraculosamente, alguns foram ganhos para a verdade. A maioria esmagadora, porém, o perseguiu durante todo o Seu ministério, vindo, finalmente, a pregá-Lo na cruz.

Pense em quanto mais pessoas Jesus poderia ter alcançado se esses religiosos não O tivessem atrapalhado tanto! Pense em como o mundo todo poderia ter sido iluminado se não apenas doze apóstolos, mas toda a nação judaica, incluindo seus líderes, O estivessem aguardando e Lhe tivessem reconhecido como Mestre!

Não admira, assim, que Mateus tenha dedicado uma grande porção de seu evangelho, especialmente o capítulo 23, para registrar as mais severas reprimendas que Jesus dirigiu aos líderes judaicos. Antes de continuar, recomendo a leitura de Mateus 23.

Como vimos no capítulo anterior, Ellen G. White tem afirmações sobre o triunfo da obra e do movimento adventistas. Nos seus escritos, porém, também existe um outro lado, isto é, advertências quanto a possibilidade de Deus desqualificar e rejeitar o povo do advento.

São textos raramente ou nunca divulgados, porém que deveriam chamar nossa atenção e nos esvaziar da sensação

de que, não importa o que estamos fazendo com a igreja, Deus Se encarregará de corrigi-la de qualquer maneira.

“O Senhor Jesus sempre terá um povo escolhido para servi-Lo. Quando o povo judeu rejeitou a Cristo, o príncipe da vida, ele tomou deles o reino de Deus e o deu aos gentios. Deus continuará a trabalhar nesse princípio com todos os ramos de Sua obra. Quando uma igreja se mostra infiel à palavra do Senhor, seja qual for sua posição, por mais alta e sagrada que seja sua vocação, o Senhor não pode mais trabalhar com eles. Outros são então escolhidos para suportar responsabilidades importantes. Mas se estes, por sua vez, não purificam sua vida de toda ação errada; se eles não estabelecerem puros e santos princípios em todas as suas fronteiras, o Senhor os afligirá gravemente humilhando-os e, a menos que se arrependam, os removerá de seu lugar a fim de lhes censurar.”²⁷

“Por não haverem cumprido o propósito de Deus, os filhos de Israel foram abandonados e o convite divino foi estendido a outros povos. Se estes também se provarem infiéis, não serão da mesma maneira rejeitados?”²⁸

“Nas balanças do santuário há de ser pesada a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela será julgada pelos privilégios e vantagens que tem desfrutado. Se sua experiência espiritual não corresponde às vantagens que, a preço infinito, Cristo lhe concedeu; se as bênçãos que lhe foram conferidas não a habilitarem para fazer a

²⁷ Ellen G. White. Manuscript Releases, Vol. 14 (Nºs 1081-1135), p. 102.

²⁸ Ellen G. White. Parábolas de Jesus (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 303-304.

*obra que lhe foi confiada, sobre ela será pronunciada a sentença: ‘Achada em falta’. Pela luz que lhe foi concedida, pelas oportunidades dadas, será ela julgada.”*²⁹

*“Deus empregará instrumentos cuja origem o homem será incapaz de discernir; os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar, não houvessem eles negligenciado atender aos reclamos de Deus.”*³⁰

Diferente das explicações com que alguns podem tentar envolver essas declarações, eu não as tomo como advertências vazias. A própria Ellen G. White fez duras e veementes advertências em relação a práticas perniciosas dentro da igreja, especialmente a falta de consagração e compromisso de nosso povo, bem como sobre a atitude despótica e mundana de obreiros colocados em altas posições de responsabilidade.

*Os judeus eram tão infalíveis que falharam. Como o Israel espiritual de nosso tempo, corremos o risco de incorrer nos mesmos erros e falhar também. O perigo existe. É real! **Antes que seja tarde**, portanto, precisamos decidir o que faremos com a eleição divina para com o movimento adventista. Dela abusaremos com nossos vícios ou a ela honraremos com nossa consagração?*

²⁹ Ellen G. White. Testemunhos Seletos, Vol. 3 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 251.

³⁰ Ellen G. White. Mensagens Escolhidas, Vol. 1 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 118.

6.

A Doença do Exclusivismo

Os adventistas do sétimo dia representam numericamente 1% dos cristãos em todo o mundo e 2,75% dos protestantes. Ao mesmo tempo em que são apenas um pequeníssimo grupo no cenário religioso mundial, seu tamanho é suficiente para serem notados.

Apesar de existir preconceito e animosidade por parte de algumas pessoas e/ou grupos religiosos, os adventistas são respeitados e admirados em muitos lugares. Suas instituições de saúde, suas escolas e universidades, suas editoras, suas fábricas de alimentos, seus cantores e músicos, suas emissoras de TV e Rádio, seus pregadores, suas mobilizações sociais, além dos clubes de Desbravadores e de Aventureiros, etc. têm grande impacto na sociedade onde a igreja adventista está inserida.

A média de crescimento de membros da IASD em nível mundial é de 6,5% ao ano,³¹ o que não deixa de ser um número considerável. Apesar disso, também é grande o número dos membros que deixam a igreja, diminuindo o seu crescimento real.

³¹ Veja tabela com informações de secretaria no anexo 5.

Mais adiante, no capítulo treze, avaliaremos um pouco mais detidamente a relação entre as entradas e saídas de membros da IASD. Aqui, porém, trataremos sobre um dos fatores que mais dificultam seu crescimento: a rejeição de suas doutrinas distintivas.

Parte dessa rejeição já era de se esperar. Os adventistas creem nos mesmos pontos fundamentais que a maioria das denominações cristãs, como uma Divindade em três Pessoas, as Escrituras Sagradas, o batismo, a morte sacrificial de Cristo, a vida eterna, a oração, o perdão dos pecados, o juízo, a volta de Jesus, dentre outras. Suas doutrinas distintivas, contudo, são vistas por muitos teólogos e líderes religiosos como um desvio inaceitável, levando muitos a classificar a IASD como uma seita e a se afastar totalmente dela.

Por outro lado, os adventistas tendem a olhar para os demais cristãos com certa desconfiança de sua experiência espiritual. Isso porque os consideram doutrinariamente incompletos, teologicamente estagnados e carentes de um conhecimento que julgam essencial para o pleno entendimento do caráter e dos planos de Deus, bem como das intenções e investidas do inimigo nos últimos dias.

Em outras palavras, apesar das críticas externas, os adventistas se orgulham do quadro completo de suas crenças fundamentais, por causa do qual se consideram o *remanescente* profetizado nas Escrituras:

“A Igreja universal se compõe de todos os que verdadeiramente creem em Cristo; mas, nos últimos dias, um tempo de ampla apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a

chegada da hora do Juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação de Seu segundo advento. Esta proclamação é simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14; coincide com a obra de julgamento no Céu e resulta numa obra de arrependimento e reforma na Terra. Todo crente é convidado a ter uma parte pessoal neste testemunho mundial. (Apoc. 12:17; 14:6-12; 18:1-4; II Cor. 5:10; Judas 3 e 14; I Pedro 1:16-19; II Pedro 3:10-14; Apoc. 21:1-14.)”³²

O conceito de exclusividade, assim, é bastante comum aos adventistas. Afinal, apesar de outros grupos também professarem uma ou outra de suas doutrinas distintivas, a IASD é única no seu quadro doutrinário total.

A partir daqui, vamos buscar responder a três questões fundamentais: 1. Qual a origem e o fundamento da exclusividade doutrinária da IASD? 2. Até onde se estende essa exclusividade? 3. Como os adventistas têm entendido e usado essa exclusividade?

Um pouco da história da teologia adventista

O movimento Adventista do Sétimo Dia surgiu como resultado da grande decepção de 1844. Contrariando a interpretação milerita, Jesus não voltou à terra no dia 22 de outubro daquele ano.

Entre as dezenas de milhares que aguardaram o retorno do Senhor, alguns desistiram da fé, outros continuaram

³² Crença de número 13, “O Remanescente e Sua Missão”. Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. Disponível em <http://www.centrowhite.org.br/iasd/crencas-fundamentais-dos-adventistas-do-setimo-dia/>

marcando datas, ao passo que a maioria voltou para as igrejas de onde eram parte.

Um pequeno grupo de pessoas, contudo, recusava-se a voltar a qualquer que tenha sido sua experiência anterior à esperança do advento. Dentre estes, estavam Ellen Harmon e James White,³³ dois dos principais fundadores da IASD.

O coração daqueles desapontados mileritas estava tão partido quanto o dos discípulos, por ocasião da morte de Jesus. A desilusão, o desânimo e a vergonha eram muito grandes. Entretanto, a chama da profecia insistia em queimar em seu coração.

Por dias e noites a fio, eles se renderam à oração e ao estudo da Bíblia, com o objetivo de entender onde haviam falhado. Estavam em diferentes localidades e nem sequer se conheciam. Com o passar dos anos, porém, pela Providência seus caminhos se cruzaram e, daí por diante, passaram a compartilhar uns com os outros o resultado de seus estudos e, também, a estudar juntos.

Ellen e seus companheiros empreenderam um reexame exaustivo da interpretação de Miller, a respeito do significado das 2300 tardes e manhãs e do santuário na profecia de Daniel 8:14.

Haviam aprendido de Miller e seus companheiros que as 2300 tardes e manhãs, isto é, 2300 dias, representavam 2300 anos, os quais começaram a ser contados em 457 a.C. com o decreto de Artaxerxes da Pérsia, e terminariam no dia 22 de outubro de 1844.

³³ Os quais vieram a se casar pouco tempo depois, conferindo a Ellen o sobrenome White.

Até ali, não puderam senão confirmar os cálculos mileritas quanto à data, os quais tinham como base o princípio de miniaturização de longos períodos proféticos, ou o princípio dia-ano de interpretação.³⁴

Também verificaram a perfeita relação entre a profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8 com a das setenta semanas de Daniel 9. Confirmaram que a visão mais curta era, na verdade, a primeira parte da visão mais longa, e que ambas tinham o mesmo ponto de partida, a saber, “... a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém”.³⁵

Eles concordavam com Miller que a profecia das setenta semanas apontava para a primeira vinda de Jesus, o Ungido, bem como para Seu ministério terrestre e Sua morte. Era chegado o ponto, entretanto, que os separaria definitivamente das conclusões mileritas. Eles compreenderam que a purificação do santuário não tinha que ver com o retorno de Jesus ao mundo, mas, sim, com o início do juízo no santuário celestial, conforme ilustrado no ritual do santuário terrestre.

Os 2300 dias e as setenta semanas

Os livros de Daniel e Apocalipse apresentam uma série de repetições de visões e/ou eventos proféticos. Essas repetições, contudo, não são exatamente iguais. Partindo de um

³⁴ Alberto R. Timm, “Simbolização em miniatura e o princípio ‘dia-ano’ de interpretação profética”, em *Parousia*, ano 3, n. 1 (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress), pp. 33-46, 20.

³⁵ Daniel 9:25

conteúdo já apresentado, elas geralmente ampliam o seu significado e extensão.

No livro de Daniel, o assunto do juízo celestial começa a ser tratado no capítulo sete. Ali é descrita uma cena de julgamento cósmico, na qual a figura de um Juiz Supremo, o Ancião de Dias, aparece assentado em um trono, diante do qual se acham livros de registro.³⁶ Seria precisamente por meio desse julgamento que Deus colocaria fim às múltiplas ações do chifre pequeno contra Deus e Seu povo.

Em Daniel oito, as ações desoladoras do inimigo são novamente apresentadas e, como no capítulo anterior, ele é simbolizado por um chifre pequeno. No verso treze, contudo, Daniel ouve o diálogo entre dois entes celestiais a respeito da duração da visão do capítulo sete. Curiosamente, o texto bíblico indica que a resposta não foi dada ao anjo que havia feito a pergunta, mas, sim, a Daniel: “Ele *me* disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.”³⁷

Concluímos, assim, que o aspecto temporal da visão era tão importante que, mesmo sem Daniel ter perguntado sobre ele, os seres celestiais criaram um expediente para revelá-lo ao profeta, assim como revelaram reiteradas vezes que ele se referia a dias ainda muito distantes, no tempo do fim.³⁸ O capítulo se encerra com Daniel dizendo que a visão lhe causava espanto.³⁹

³⁶ Cf. Daniel 7:9-10, 13-14 e 26-27

³⁷ Cf. Daniel 8:14 (Itálicos nossos)

³⁸ Cf. Daniel 8:17, 19 e 26, 10:14, 12:9

³⁹ Cf. Daniel 8:27

No capítulo nove, Daniel está bastante preocupado a respeito do retorno dos hebreus a Jerusalém. Ele entendia que os setenta anos de cativeiro profetizados por Jeremias estavam chegando ao fim. A situação em Jerusalém, porém, estava caótica. Assim, Daniel ora a Deus e intercede por Seu povo.

Deus atendeu a oração de Daniel tão imediatamente que, antes mesmo de ele a concluir, Gabriel já estava em pé diante dele e disse:

“Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão. Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.” Daniel 9:22-27

Em resposta à oração de Daniel, Gabriel se refere a um decreto que ainda seria editado e que teria eficácia no

processo de reconstrução de Jerusalém. O foco do mensageiro celestial, no entanto, estava mais adiante, num futuro mais distante. Fica claro em sua explicação que o decreto sobre o qual ele falou marcaria o início do cumprimento da visão das setenta semanas.

Gabriel esmiuçou da seguinte forma o período abrangido pelas setenta semanas: 7 semanas (49 anos) + 62 semanas (434 anos) + 1 semana (7 anos) = 70 semanas (490 anos).

As primeiras sete semanas ou 49 anos, provavelmente se referiam ao período desde o decreto de Artaxerxes até a finalização da reconstrução de Jerusalém. Gabriel soma esse período a um mais longo, de 62 semanas ou 434 anos, chegando até o ano 27 AD.

Nas palavras de Gabriel, essa porção de tempo da profecia chegaria “até ao Ungido, ao Príncipe.”⁴⁰ É notável que ele tenha usado o termo “Ungido”,⁴¹ pois foi exatamente no ano 27 AD que Jesus iniciou Seu ministério messiânico, justamente a partir da cerimônia de Seu batismo no Jordão.

Não fica difícil concluir, assim, que o batismo de Jesus (que, obviamente, não era para arrependimento de pecados), tinha o propósito de ungi-Lo para o início de Sua missão e cumpria perfeitamente a profecia. Diferente de qualquer outro batismo já realizado na história Cristã, no batismo de Jesus os céus se abriram, a voz do Pai foi ouvida dizendo: “Este é meu filho amado, em quem me

⁴⁰ Cf. Daniel 9:25

⁴¹ Do Hebraico *Mashiach*, traduzido para o Grego como *Christós*. Aparecem nas versões de Língua Portuguesa como *Messias* e *Cristo*, respectivamente.

comprazo” e o Espírito Santo veio sobre Ele, “descendo como pomba”.⁴²

A última semana, isto é, os últimos sete anos da profecia das setenta semanas, apontava para o ministério de Jesus e Seu sacrifício na cruz. Gabriel também falou das profundas implicações desse sacrifício, tanto para o plano da redenção humana, como para o sistema religioso judaico.

Em suas próprias palavras, Gabriel diz que “Ele [o Ungido] fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares...”⁴³ “... para cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna.”⁴⁴

Isso tudo se cumpriu perfeitamente. Logo após Seu batismo, Jesus constituiu Seus discípulos e fundou as bases de Sua igreja, para a qual transferiria Sua aliança eterna, a mesma feita com o povo hebreu através de Abraão.

Depois de três anos e meio, no ano 31 AD, Jesus foi morto na cruz para pagar pelos pecados da humanidade, o que tornou obsoleto todo o ritual de sacrifícios do santuário terrestre. Chegamos, assim, ao centro exato da última semana da profecia e, daí até o final, ocorreu apenas a finalização de um processo. Como vimos no capítulo anterior, o apedrejamento de Estêvão no ano 34 AD marcou a rejeição final de Israel como o povo titular da aliança, a qual, agora, foi plenamente conferida à igreja.

⁴² Cf. Mateus 3:16-17

⁴³ Cf. Daniel 9:27

⁴⁴ Cf. Daniel 9:24

A profecia das setenta semanas, portanto, serve como um decisivo fator de autenticação: 1) de Jesus como o verdadeiro Messias prometido; 2) de Seu sacrifício como cumprimento dos rituais do santuário; 3) de Sua igreja, como a nova depositária dos oráculos e do ministério da salvação.

O tempo do juízo

A cadeia profética dos capítulos 7-12 do livro de Daniel nos dão detalhes importantes a respeito do juízo, especialmente quanto ao seu início, o que nos traz de volta às 2300 tardes e manhãs.

Lembre-se que Daniel havia se espantado com a visão. É provável que ele tenha falado sobre ela a outras pessoas. Porém, se esse foi o caso, ele deixou claro que “não havia quem a entendesse”,⁴⁵ apesar de não especificar o que exatamente não havia sido compreendido.

O fato de Daniel ter se espantado indica que alguma coisa ele entendeu da visão. Não é difícil concluir que a parte que não ficou clara era a que lidava com o aspecto temporal de seu cumprimento, e não necessariamente o evento que ela apontava, a saber, a purificação do santuário.

Como todo judeu, Daniel entendia precisamente que a purificação do santuário terrestre acontecia por ocasião do Dia da Expição,⁴⁶ o qual era um dia de juízo para a casa de Israel.

⁴⁵ Cf. Daniel 8:27

⁴⁶ Cf. Levítico 16

Nessa grande e dramática festa anual judaica, dois bodes eram separados e trazidos para o santuário. Um seria para o Senhor e seria sacrificado como oferta pelos pecados do povo. O outro seria para Azazel, nome que na literatura extrabíblica antiga sempre era associado a uma entidade demoníaca.⁴⁷ Diferentemente das ofertas trazidas ao santuário, esse segundo bode não era oferecido em sacrifício, pois seria levado vivo ao deserto.

O primeiro bode era sacrificado sobre o altar de sacrifício, no pátio, e tinha seu sangue levado para dentro do lugar santíssimo do santuário. O sumo-sacerdote aspergia o sangue sobre a tampa da arca da aliança – o propiciatório – e também diante dela. Saindo do tabernáculo, ele aspergia o sangue sobre os chifres ao redor do altar e, sete vezes, sobre o próprio altar.

Enquanto isso, o povo aguardava expectante diante da tenda da congregação. No coração de cada um havia profunda reflexão sobre suas falhas, para as quais deveria haver arrependimento genuíno e confissão, pois Deus estava passando Seu povo em juízo naquele momento.

Desse modo, estava feita a expiação (ou purificação) pelo santuário, pela tenda da congregação e pelo altar. Restava, porém, a última parte do rito da expiação, que representava a conclusão do ato de julgamento.

O sumo-sacerdote tomava o segundo bode e, impondo as mãos sobre sua cabeça, transferia para ele todos os

⁴⁷ William H. Shea, “Azazel in the Pseudepigrapha”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 13/1 (Silver Springs – MD: Andrews University Press), pp. 1-9.

pecados confessados no santuário desde o último dia da expiação até aquele. Em seguida, alguém previamente designado conduzia o bode ao deserto e lá o soltaria.

Jesus era perfeitamente representado pelo primeiro bode. Na cruz, ele foi sacrificado para expiar, isto é, para cobrir e purificar os pecados dos seres humanos com Seu próprio sangue.

Satanás, por outro lado, era perfeitamente representado pelo segundo bode. A ida deste ao deserto representava o momento em que, como originador de todo o mal, ele receberá a punição da morte por sua obra de tentação, corrupção e engano.⁴⁸

Assim, todo aquele que, dentre o povo de Deus, se arrepende e confessa seus pecados com fé no sacrifício de Cristo, recebe o perdão divino e é absolvido no juízo. Os que rejeitam os méritos do cordeiro de Deus, porém, serão condenados no juízo e receberão a penalidade final do pecado que é a morte eterna.⁴⁹

Dessa maneira, o santuário celestial – que foi onde o pecado primeiro se levantou⁵⁰ – finalmente será purificado, assim como a Terra e todo o universo.⁵¹

⁴⁸ Cf. Mateus 25:41, Apocalipse 20:1-3, 10

⁴⁹ Cf. Romanos 6:23, Apocalipse 20:14

⁵⁰ Cf. Ezequiel 28:14, Apocalipse 12:7

⁵¹ Cf. 2 Pedro 3:10-13

O tempo do fim

Os mensageiros celestiais disseram a Daniel que a visão das 2300 tardes e manhãs se referia a dias ainda muito distantes, no tempo do fim. Ao ordenarem que Daniel encerrasse e selasse seu livro, entretanto, eles informaram que, no tempo do fim, o livro seria aberto, esquadrinhado e entendido por muitos sábios.⁵²

Na sequência, Daniel ouve um novo diálogo entre eles, e ele fornecia mais uma informação valiosa, dessa vez sobre quando se daria o tempo do fim. Novamente, destaca-se a iniciativa dos seres celestiais de informar até o que o profeta não tinha condições de perguntar.

Eles deixaram Daniel saber que o tempo do fim aconteceria depois de *um tempo, dois tempos e metade de um tempo*.⁵³ Essa expressão já havia sido mencionada na visão de Daniel sete. Isso significa que ambos os períodos proféticos terminariam no tempo do fim.

Tanto em Daniel 7:25 como em Daniel 12:7, fica claro que essa profecia se refere a um período em que o povo de Deus seria perseguido por um poder antagonista, o qual, além de tentar destruir o povo santo, atacaria o próprio Deus.⁵⁴

O termo *tempo* aqui equivale a *ano*, de maneira que assim podemos ler a expressão: um ano + dois anos + metade

⁵² Cf. Daniel 12:4 e 10

⁵³ Cf. Daniel 12:7

⁵⁴ Veja, também, Apocalipse 11:2 e 13:5, onde o mesmo período é referido como “quarenta e dois meses” e, semelhante a Daniel, num contexto de perseguição provocada por uma besta

de um ano = três anos e meio. Seguindo o princípio de miniaturização de grandes profecias de tempo, portanto, estamos diante de 42 meses ou 1260 dias/anos.

Não é uma tarefa tão simples identificar claramente o início dessa profecia na história, pois o texto não apresenta taxativamente um evento de partida. O seu decorrer e seu final, no entanto, foram claramente definidos e, respectivamente, se referem ao período da Idade Média e à derrocada do poder papal em 1798 AD, com a prisão do Papa Pio VI pelas tropas de Napoleão.

Em que outro tão longo período da história, afinal, teria sido o povo de Deus tão dura e selvagemmente perseguido? Além disso, que outro grande poder perseguidor veio a perder sua força e seu domínio mundial, os quais eram usados especialmente para perverter os oráculos sagrados e perseguir o povo de Deus?⁵⁵

Portanto, se os 1260 anos terminaram em 1798 AD, matematicamente eles só podem ter começado em 538 AD. Nesse ano, contudo, ocorreram eventos com relevância suficiente para marcar coerentemente o início dos 1260 anos, isto é, o período de supremacia papal:

“(1) a despeito do fato de [o papa] Símaco ter legalmente de se submeter algumas vezes ao herético rei ariano Teodorico, ele não apenas se considerava superior ao governante secular, mas chegou mesmo a se autodenominar ‘juiz em lugar de Deus’ e ‘subgerente do Altíssimo’; (2) Justiniano I não apenas chamou o papa de ‘o cabeça de todas as Sagradas Igrejas’, mas também legalizou

⁵⁵ Cf. Daniel 7:26, 8:2-25, 12:7

oficialmente a supremacia eclesiástica do papa; e (3) foi somente em 538 que a cidade de Roma se tornou livre do domínio de qualquer reino ariano ‘herético’, e a Igreja de Roma foi capaz de desenvolver mais efetivamente a sua supremacia eclesiástica.”⁵⁶

Assentado com Seus discípulos no monte das Oliveiras, Jesus apresentou uma espécie de *time-lapse*⁵⁷ profética dos grandes sinais dos tempos que teriam lugar na terra, começando com o cerco de Jerusalém e terminando com Seu retorno glorioso.

As palavras proféticas de Jesus se ajustam perfeitamente a essa interpretação, segundo a qual os 1260 anos equivalem à “tribulação daqueles dias” de que ele falou.

“Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.” Mateus 24:9 e 29

De fato, em amalgamação com o poder secular, a igreja cristã perseguiu, condenou, excomungou, torturou

⁵⁶ Alberto R. Timm. A importância das datas de 508 e 538 d.C. para a supremacia papal. Disponível em <http://www.centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/a-importancia-das-datas-de-508-e-538-d-c-para-a-supremacia-papal/>

⁵⁷ Técnica cinematográfica que, utilizando uma baixa frequência de quadros fotográficos, reproduz rapidamente cenas que durariam um tempo mais longo para serem assistidas, dando a impressão de aceleração ou abreviação dos fatos.

e matou um sem número de pessoas que, na verdade, estavam buscando honrar e obedecer a Deus. Alguns eventos no mundo natural, entretanto, começaram a marcar o final desse período de trevas, sinalizando o começo de um período de grandiosa luz.

No dia 1º de novembro de 1755, um grande terremoto em Lisboa, capital do católico país de Portugal, chamou a atenção das nações. O tremor foi tão forte que foi sentido quase no mundo inteiro. Em Portugal, causou dezenas de milhares de mortos.

Jesus também havia falado sobre terremotos em seu discurso profético,⁵⁸ o que despertou maior interesse pelas Escrituras. Diversas outras áreas da ciência e da filosofia também tiveram grande desenvolvimento a partir desse evento. Em outras palavras, a mentalidade das pessoas começava a se abrir.

Em 19 de maio de 1780, mais um sinal chamou muito a atenção das pessoas, especialmente na América do Norte. Pouco depois das 10 horas da manhã, o céu começou a escurecer e, por volta do meio dia, a escuridão já era completa, vindo a ser dissipada apenas no dia seguinte. Ao cair da noite, a lua apresentou um aspecto vermelhado, como sangue, aumentando a expectativa das pessoas sobre o que estava acontecendo.

É provável que tudo não tenha passado do efeito de grandes queimadas, cuja fumaça na atmosfera tenha causado todos esses fenômenos. A profecia, porém, apresentava os fatos, sem necessariamente apontar suas causas. Um evento como esse, portanto, não é invalidado como

⁵⁸ Cf. Mateus 24:7

cumprimento profético pelo fato de, possivelmente, não ter tido causas sobrenaturais.

Em 1798, como já mencionado, as forças francesas sob o comando de Napoleão Bonaparte invadem Roma e destituem do poder o Papa Pio VI. Esse foi um evento que surpreendeu o mundo todo, uma vez que o domínio papal subsistiu por mais de um milênio e meio sobre a terra.

Até então, a Igreja Romana tinha freado em muito o desenvolvimento científico, filosófico, linguístico, médico e teológico numa escala global. A partir desse ponto, no entanto, ela finalmente perdeu seu domínio sobre as nações da terra, coroando a cadeia de sinais que marcaram o início do tempo do fim, no qual o livro de Daniel seria aberto, esquadrinhado e entendido.

O significado de 22 de outubro de 1844

Chegamos, assim, onde esse capítulo começou, ou seja, no início do século XIX, com Guilherme Miller estudando o livro de Daniel e chegando a conclusões extraordinárias.

Como já dissemos antes, apesar de Miller ter errado num ponto muito significativo, sua linha de interpretação não podia ser de todo desprezada. Impressionantemente, o capítulo dez do livro de Apocalipse narra eventos que podem ser perfeitamente interpretados como a experiência de Miller e dos mileritas.

Em resumo, João contempla um ser celestial que, de acordo com a descrição dada, só pode ser interpretado como Jesus em Sua vinda gloriosa ao mundo. Esse Ser,

porém, tinha na Sua mão um livro descrito como aberto. Lembre-se que cerca de 600 anos antes disso, Gabriel havia ordenado a Daniel que fechasse e selasse o seu livro.

Chama muito a atenção a similaridade entre a cena que ocorre a seguir, em Apocalipse, com àquela de Daniel:

“Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.” Apocalipse 10:5-7

“Então, eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um, de um lado do rio, o outro, do outro lado. Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão.” Daniel 12:5-7

Era chegada a hora, portanto, de o livro profético de Daniel ser aberto e compreendido e isso fica bem claro na continuidade do texto de Apocalipse:

“A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo

em pé sobre o mar e sobre a terra. Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo.” Apocalipse 10:8-10

Ao tomar o livro e comê-lo naquela visão, João representava Guilherme Miller e os mileritas que, avidamente, abriram o livro de Daniel e, através do seu exaustivo estudo, chegaram à doce conclusão de que Jesus voltaria à terra em 1844.

É digno de nota que um dos sinais dos tempos preditos por Jesus tenha ocorrido apenas dois anos após Miller ter começado a pregar sobre o retorno iminente do Senhor. Embora ele já tivesse chegado às suas conclusões em 1818, foi apenas em 1831 que, tendo recebido uma resposta divina, decidiu ensiná-las a outras pessoas. E foi bem nesse ínterim que, no dia 13 de novembro de 1833, houve uma grande chuva de meteoros na América do Norte, causando mais expectativa nas pessoas tanto ali como em outras partes do mundo.

Era mais uma evidência de que a interpretação milerita se harmonizava perfeitamente com a cadeia de sinais que, no livro de Apocalipse, era descrita como o sexto selo: “Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, *as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes.*”⁵⁹

⁵⁹ Cf. Apocalipse 6:12-13 (itálicos nossos).

Tudo isso aumentou mais ainda os esforços de pregação de Miller e seus companheiros, bem como propiciou a aceitação de sua interpretação por um grande número de pessoas. Estima-se que no fatídico dia 22 de outubro de 1844, entre cem mil a um milhão de pessoas levantaram os olhos ao céu nos Estados Unidos, com algum tipo de expectativa provocada pela pregação milerita.

A passagem daquele dia, contudo, cumpriu exatamente o que foi revelado a João. Aquela foi uma experiência tremendamente amarga e vergonhosa para todos eles.

Mas não podemos esquecer que o capítulo dez de Apocalipse ainda não havia terminado, e o seu último verso contém grande significado e profunda esperança: “Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.” Apocalipse 10:1

Em outras palavras, a profecia indicava que o amargor do desapontamento não seria o fim, mas o começo de um período em que as profecias deveriam ser amplamente difundidas, especialmente as que lidam com a sucessão de impérios terrestres.

Reparadores de brechas

E foi assim que nasceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, ou seja, como um movimento profundamente profético, com forte ênfase no estudo da Bíblia.

Como resultado dessa raiz, os pioneiros adventistas não apenas entenderam em que Miller e seus companheiros haviam errado em sua interpretação. Eles também

desenterraram verdades Bíblicas esquecidas há séculos, em conformidade com a profecia de Isaías: “Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável.”⁶⁰

O sábado como verdadeiro dia de adoração, o santuário celestial, as três fases do juízo, a mortalidade da alma, o grande conflito entre Cristo e Satanás, a volta de Jesus de maneira visível a todos os seres humanos, as duas ressurreições dos mortos, o milênio, a restauração do planeta terra, estão entre as principais crenças bíblicas que os adventistas paulatinamente foram compreendendo e adicionando ao seu corpo doutrinário, a tal ponto de considerarmos esse processo como uma segunda reforma protestante.

Semelhante a outros grupos cristãos, os adventistas têm pregado os quatro ensinamentos fundamentais do evangelho: 1. Deus criou o mundo e o homem de maneira perfeita; 2. O homem, sendo livre, cedeu à tentação e se tornou pecador, digno de morte; 3. Deus tomou medidas para redimir a humanidade, através da morte de Seu Filho na cruz; 4. Deus enviará Seu Filho para buscar todo aquele que nEle crê.

Nenhum desses pontos fundamentais, contudo, anula ou é anulado pelas outras verdades bíblicas que os adventistas desenterraram e têm ensinado. Enquanto os demais cristãos geralmente veem esses ensinamentos como estando em oposição ao evangelho, os adventistas não só os harmonizam perfeitamente com o evangelho, como também os utilizam para ampliar o significado do evangelho.

⁶⁰ Cf. Isaías 58:12

Para um adventista, portanto, pregar o evangelho não se resume a ensinar apenas aqueles quatro pontos, mas, sim, toda a verdade da Escritura. Era exatamente a isso que Paulo se referia quando disse que Deus “...deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao *pleno conhecimento da verdade*.”⁶¹, o mesmo que ele exemplificou ao dizer que: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei.”⁶²

Nesse sentido, duas passagens do capítulo quatorze do livro profético do Apocalipse assumem um significado decisivo para os adventistas. A primeira mostra João dizendo: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.”⁶³

O anjo visto por João representa os mensageiros do evangelho nos últimos dias, ao passo que esse evangelho, aqui significativamente chamado de “evangelho eterno”, apresenta um apelo à adoração e à obediência ao Criador. As palavras do anjo em muito ressoam a razão apresentada por Deus, no quarto mandamento, para a guarda do sábado:

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do

⁶¹ Cf. 1 Timóteo 2:4 (itálicos nossos)

⁶² Cf. Romanos 3:31

⁶³ Cf. Apocalipse 14:6-7

SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou.” Êxodo 20:8-11 (ênfase do autor)

De fato, o sábado é um mandamento revestido de profundo significado. Ele sintetiza os três primeiros mandamentos na forma de um selo. Uma vez aceito, caracteriza na pessoa o reconhecimento da autoridade de Deus em razão de Sua ação criadora.

A segunda passagem faz referência à perseverança ou paciência dos santos, isto é, o povo de Deus nos últimos dias. A alternância entre o cumprimento de sinais dos tempos seguido por aparente tardança traria muita agitação e ansiedade, o requereria uma dose extra de paciência. Além desse atributo, o anjo fez questão de revelar outra característica dos santos, como lemos no texto: “Aqui está a perseverança dos santos, *os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.*”⁶⁴

Como no texto de Paulo que lemos mais acima, é notável também neste texto a combinação entre a obediência, manifestada pela guarda dos mandamentos, e a fé, que aponta diretamente para a justiça de Cristo.

Como Paulo, os adventistas não julgam haver alcançado a perfeição, pois, à semelhança do santo apóstolo, também lutam com sua natureza pecaminosa. Por vezes, o bem

⁶⁴ Cf. Apocalipse 14:12 (Itálicos nossos)

que queremos, não fazemos, ao passo que o mal que detestamos, esse praticamos. Apesar disso, prosseguimos para o alvo. Não rechaçamos nem rebaixamos a lei. Ela é tão perfeita e eterna que Cristo não teve outra escolha, senão morrer na Cruz, por a termos quebrado. Somos, assim, um povo de fé que reconhece os mandamentos do Senhor.

Na compreensão adventista, assim, pregar o evangelho eterno tem que ver com uma abordagem holística e harmoniosa, tanto da revelação como do próprio ser humano. O evangelho, em outras palavras, será acompanhado por todas as demais verdades das Escrituras, as quais contemplam as pessoas em suas dimensões física, mental e espiritual.

É exatamente seguindo esse princípio que a IASD enfatiza a crença bíblica de que nosso corpo é o templo do Espírito Santo,⁶⁵ e que sua saúde tem impacto direto sobre nossa mente e sua capacidade de assimilar as verdades das Escrituras. Desse modo, ensinamos que quanto melhor cuidarmos de nossa saúde física e mental, mais condições teremos de cultivar nossa espiritualidade.

Um chamado universal

Depois da amarga experiência testemunhada por João, o capítulo dez de Apocalipse termina com a ordem para que o apóstolo ainda profetizasse a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis. Na sequência, o capítulo onze inicia-se com uma ordem para que ele *medisse* o santuário de Deus.

⁶⁵ Cf. 1 Coríntios 6:19

Novamente, o assunto do santuário vem à tona e sob o aspecto de avaliação ou julgamento, conforme a simbologia do livro. É notável que, segundo o verso dois, essa medição não alcançaria o período de 42 meses, equivalente profético dos 1260 anos. Ou seja, o julgamento se iniciaria após esse período, o que nos traz de volta a um ponto crucial no tempo do fim: o ano de 1844.

A profecia das 2300 tardes e manhãs, nesse sentido, desempenha um duplo papel de validação: 1. Do juízo que ocorre no santuário celestial; 2. Do surgimento do movimento adventista, cujos membros são identificados como os sábios que compreenderiam as profecias.

É importante ressaltar que o juízo se trata de um processo, não de um ato imediato. Sabemos que ele se iniciou em 1844, porém não sabemos quando terminará. É mais do que razoável, contudo, que ele leve um período relativamente longo para ser concluído, o que se dará pouco tempo antes de Jesus retornar. Afinal, estamos falando de um julgamento de proporções cósmicas e com consequências eternas.

Mas antes que esse julgamento acabe, ou seja, ainda dentro do *tempo de graça*, Deus Se utilizará de mensageiros que façam Sua verdade ser ouvida no mundo inteiro. O capítulo dezoito de Apocalipse assim profetiza a esse respeito: “Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória.”⁶⁶

O anjo visto por João novamente representa os mensageiros dos últimos dias e, em Apocalipse dezoito, ele se

⁶⁶ Cf. Apocalipse 18:1

dirige especificamente aos filhos de Deus que estão espalhados em Babilônia. Símbolo máximo de confusão religiosa e mistura doutrinária, Babilônia representa o sistema que contraria abertamente os ensinamentos fundamentais das Escrituras. Primariamente, é identificada com a igreja romana, porém também se estende a outras denominações que dela herdaram doutrinas corrompidas que não puderam ser corrigidas pela reforma protestante.

A essa altura, o mundo inteiro estará sob as cordas sedutoras e entorpecentes de Babilônia, consumindo de suas mentiras. Com forte pregação, contudo, os mensageiros de Deus anunciam sua queda, que se dará quando as igrejas cristãs apoiarão leis que restringirão a liberdade religiosa, impondo a observância do domingo como dia de adoração em detrimento do sábado bíblico.

Em outras palavras, o falso sistema de adoração de Babilônia e suas doutrinas enganosas ficarão patentes e darão a última oportunidade para que os filhos de Deus que ainda estavam nela pudessem sair.

Atendendo ao brado “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos.”⁶⁷, os últimos servos do povo de Deus são conduzidos para o aprisco sobre o qual Jesus havia falado: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.”⁶⁸

⁶⁷ Cf. Apocalipse 18:4

⁶⁸ Cf. João 10:16

A totalidade do povo de Deus, assim, estará preparada para enfrentar os últimos eventos do fim e, então, receber o Filho do Homem nas nuvens do céu.

Respondendo às Perguntas do Começo

Como ficou claro, os adventistas possuem, sim, um quadro doutrinário exclusivo, o qual reflete os pensamentos divinos expressos na Bíblia de maneira mais completa, mais coerente e mais profunda do que o de qualquer outra denominação cristã.

Isso, porém, aponta não para alguma qualidade inerente aos adventistas, mas, sim para a direção divina em restaurar a verdade da maneira e no momento que Ele disse que faria. Os adventistas foram apenas o grupo de pessoas que, além do *sola scriptura*, levaram mais a fundo o conceito de *tota scriptura*, isto é, de que toda a Escritura é inspirada e não apenas algumas de suas partes.

A exclusividade, portanto, não está *no portador*, isto é, na instituição adventista ou nos próprios adventistas, mas na *mensagem* que ele carrega. Dessa forma, ela não pode ser usada para dizer que os adventistas são os únicos aceitos ou os mais aceitos por Deus. Nem para afirmar que Deus não atua na vida de outros cristãos ou mesmo em suas igrejas. Tampouco significa que ser adventista é garantia de salvação e não ser adventista é sinônimo de perdição.

A exclusividade deve ser vista, sim, como uma responsabilidade sagrada. Como uma missão e um propósito de vida: levantar a voz e fazer com que todos tenham a chance de ouvir a mensagem do evangelho eterno.

Deus chamou Abraão e disse que, através dele, abençoaria todas as nações da terra. Obviamente, não foi por acaso que Deus chamou Abraão. Apesar de suas fraquezas, o Senhor viu as qualidades que ele possuía e que o qualificavam para aquele papel de tamanha relevância.

Abraão, porém, não era o fim dos planos divinos, nem mesmo o meio. Ele era apenas o começo de um plano que envolveria muito mais pessoas, uma nação numerosíssima, por meio da qual o Senhor desejava espalhar Seu conhecimento ao mundo inteiro.

Exatamente como no caso de Abraão, Guilherme Miller e os mileritas foram o começo. E como no caso de Israel, os adventistas são o meio pelo qual Deus deseja alcançar um fim: reunir Seu povo fiel espalhado em diferentes nações, povos, línguas, religiões e denominações *ao redor do evangelho eterno!*

Não há, portanto, motivo para orgulho ou vaidade de nossa parte. Tampouco há qualquer expediente para nos acomodarmos com nossa própria religiosidade, ao passo que mostramos intolerância para com outros irmãos que creem de modo diferente. Esses sentimentos reprováveis são sintomas da perniciosa doença do exclusivismo.

Me refiro à crença e postura de alguns adventistas de que, sendo a IASD a igreja remanescente da profecia, todas as demais denominações estão sob a direção dos demônios, e seus membros alienados da comunhão com Deus e Sua salvação.

Tal atitude exclusivista estava tão presente no meio adventista no passado que os líderes da denominação nos EUA foram chamados a responder sobre isso diante

da comunidade protestante geral, e o fizeram da seguinte forma: “Não cremos que somente nós constituímos os verdadeiros filhos de Deus – que somos os únicos e autênticos cristãos que atualmente existem sobre a terra. Cremos que Deus possui um grande número de seguidores fervorosos, leais e sinceros em todas as comunidades cristãs que [...] são testemunhas verdadeiras do Deus vivo [...]. Os adventistas do sétimo dia creem firmemente que Deus possui um precioso remanescente, uma multidão de crentes fervorosos e sinceros, em todas as igrejas (não excetuando a comunidade católica-romana).”⁶⁹

Ainda assim, o problema persiste, de tal mal maneira que, mais recentemente, líderes da IASD tanto em nível mundial como regional têm buscado corrigir essas distorções.⁷⁰ Uma declaração oficial votada em 2013 declara que: “Reconhecemos aquelas agências que exaltam a Cristo diante dos homens como uma parte do plano divino para a evangelização do mundo e temos em alta estima os homens e mulheres cristãos de outras comunhões que estão empenhados em ganhar almas para Cristo. [...] Se uma mudança de convicção levar um membro de nossa Igreja a não se sentir mais em harmonia com a fé e prática adventista do sétimo dia, reconhecemos não somente o direito mas também a responsabilidade desse membro de

⁶⁹ Questões sobre Doutrina (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 162 e 165.

⁷⁰ Veja, por exemplo: Helio Carnassale, “Unindo esforços sem cair no ecumenismo”, Revista Adventista Online, disponível em <http://www.revistaadventista.com.br/blog/2017/01/07/unindo-esforcos-sem-cair-no-ecumenismo/>

mudar, sem opróbrio, sua filiação religiosa de acordo com a crença.”⁷¹

Por vezes, me pergunto se não estamos, à semelhança da igreja romana, criando a nossa própria *extra ecclesiam nulla salus*, ou seja, declarando que fora da igreja adventista não há salvação!

O problema do exclusivismo na IASD é mais profundo do que nossas declarações oficiais têm sido capazes de sanar. Em grande medida, ele formatou nossa cultura religiosa e, também, nossas práticas ministeriais. Como resultado, embora na teoria sejamos inclusivistas, na prática confirmamos a imagem de exclusivismo.

Temos muita dificuldade para socializar e até mesmo dialogar com pessoas de outras denominações. Não nos misturamos com elas. Não temos amigos entre elas. Orar e adorar a Deus juntamente com elas, além de nos causar incômodo, é estigmatizado em nosso meio como ecumenismo.

Nada disso, porém, tem que ver com o ecumenismo proibido pela Bíblia, ou seja, a mistura religiosa que busca nivelar as doutrinas de diferentes grupos, obrigando que grupos minoritários (como o nosso) ceda em pontos doutrinários.

Esse tipo de resistência de nossa parte tende a afastar as pessoas das outras denominações, quando as deveríamos estar atraindo. Temos uma mensagem tão poderosa e um corpo de crenças tão consistente que naturalmente tocarão

⁷¹ General Conference Working Policy, “Relações com outras Igrejas Cristãs e Organizações Religiosas”, tradução disponível em <http://www.centrowhite.org.br/relacoes-com-outras-igrejas-cristas-e-organizacoes-religiosas/>

muitas pessoas, a menos que as mantenhamos distantes através de uma atitude sectário-exclusivista.

Mais adiante, no capítulo quatorze, falaremos mais detidamente sobre como nossa academia teológica precisa de mais espaço para exercer um papel efetivo no estabelecimento de padrões bíblicos de comportamento para nosso povo. Um comportamento doentio diante das pessoas, afinal, vai cerrar seus ouvidos à mensagem que portamos, nos fazendo falhar em nossa missão.

É claro que existe preconceito e intolerância para conosco. Algumas das experiências pessoais que narrei anteriormente demonstram isso. Mas por pior que elas tenham sido, também foram oportunidades de testemunhar e é assim que precisamos enxergar experiências desse tipo. Elas deixarão marcas profundas tanto naqueles que nos perseguem, como nos que observam nossa atitude diante de injustiças e perseguições.

Isso me faz pensar sobre a atitude de Estêvão antes de sua morte. Ele tinha uma mensagem poderosa. Ele estava do lado de Deus. Porém, era considerado como promotor de uma seita demoníaca. Os oficiais do templo não foram capazes de resistir às suas palavras, por isso decidiram apedrejá-lo. Entre os antagonistas inflamados pelo Diabo, estava Saulo, que deu seu voto consentindo que Estêvão fosse morto.

A atitude do diácono para com eles, no entanto, chama-nos a atenção: “Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras, adormeceu.” Atos 7:60

Se o discurso de Estêvão já havia desafiado as convicções de Saulo, a atitude final daquele servo de Cristo abalou

completamente seu orgulho farisaico. E foi assim, com o semblante sereno de Estêvão vívido em sua mente, que Paulo se encontrou com o Senhor na estrada para Damasco e, convertido a Cristo, continuou onde Estêvão parou.

É muito interessante notar a maneira equilibrada com que Jesus lidava com a questão da exclusividade, e esse deveria ser nosso parâmetro. À mulher Samaritana, ele declarou sem rodeios que a salvação vinha dos judeus.⁷² O Mestre, portanto, tinha plena convicção quanto à exclusividade da nação judaica como detentora dos oráculos sagrados e como canal pelo qual o Messias viria salvar a humanidade.

Por outro lado, o fato de Ele ter visto a necessidade de passar por Samaria e ter ministrado a uma samaritana pecadora revela dois pontos vitais: 1. Todos têm o direito de receber a mensagem do evangelho eterno, mesmo os considerados imundos pela sociedade (como era o caso dos Samaritanos para os Judeus); 2. A salvação vinha dos Judeus, mas não era só para os judeus e, sim, para todos o que aceitassem o Messias.

Em outro episódio emblemático, os discípulos vieram alertar a Jesus sobre um “problema muito sério” que estava acontecendo: “Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual *não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco*. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós.”⁷³

⁷² Cf. João 4:22

⁷³ Cf. Marcos 9:38-40 (itálicos nossos)

Imagine se existisse apenas a igreja adventista no mundo, ou seja, apenas 22 milhões de pessoas que professam o nome de Cristo num universo de 7,8 bilhões de seres humanos! Você acha que estaríamos num mundo melhor ou mais desafiador? Como seria se, no lugar de cada local onde se reúnem cristãos, existissem bares, boates, cassinos, bocas de fumo, prostíbulos, etc.? É inegável, assim, que apesar dos abusos e distorções cometidos por certos grupos cristãos, a maioria das denominações cristãs presta um serviço muito relevante em favor do evangelho de Cristo.

Exatamente nesse sentido, Ellen G. White declarou: “Em que corporações religiosas se encontrará hoje a maior parte dos seguidores de Cristo? Sem dúvida, nas várias igrejas que professam a fé protestante.”⁷⁴ Bem por isso, ela costumava recomendar que “nossos pastores devem tentar se aproximar dos pastores de outras denominações. Orar por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nesses pastores do rebanho.”⁷⁵

Em resumo, a igreja adventista é um meio, não o fim; uma ponte, não o destino. Pontes não são feitas pra se morar nelas, mas para darem acesso ao outro lado. O fim é a salvação das pessoas e o destino é o céu; céu este no qual

⁷⁴ Ellen G. White. O Grande Conflito (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 383

⁷⁵ Ellen G. White. Testemunhos Para a Igreja, v. 6 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 78

vamos adorar a Deus lado a lado com irmãos advindos de inúmeras confissões religiosas.

Antes que seja tarde, portanto, precisamos decidir se nos manteremos enclausurados em nosso orgulho doutrinário ou se iremos em direção daqueles de quem Gabriel também disse: “sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro.”⁷⁶

⁷⁶ Cf. Apocalipse 22:9

7.

A Doença da Ultrainstitucionalização

Boa parte dos pioneiros adventistas eram contrários à ideia de se organizar o movimento.⁷⁷ Eles haviam sido expulsos de suas igrejas e, de certa maneira, criaram uma espécie de resistência a instituições, por as considerarem Babilônia.

Com o tempo, porém, eles foram entendendo que o simples fato de o movimento ser formalmente instituído não significava que ele se tornaria parte de Babilônia. Além disso, o crescimento e expansão da obra apresentavam necessidades que tornavam essencial sua organização.

Até ali, o movimento não tinha segurança jurídica diante da sociedade. Suas propriedades, por exemplo, estavam em nome de pessoas físicas. Não havia um corpo oficial de líderes que coordenasse o trabalho e respondesse pelo grupo, tanto local como nacionalmente.

⁷⁷ Denis Fortin e Jerry Moon. Enciclopédia Ellen G. White (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 1135-1137.

O período de 1861 a 1863, assim, marcou a organização formal do movimento adventista, resultando na fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Tiago White capitaneou o processo de organização e teve o apoio de sua esposa, Ellen G. White. Embora ela tenha se sentido satisfeita com os resultados, havia um ponto que a preocupava muito: a concentração de poder nas mãos de uma ou poucas pessoas na liderança da instituição.

E suas preocupações tinham fundamento, pois os anos seguintes testemunharam o mau uso da autoridade pelos presidentes da Associação Geral, incluindo o próprio Tiago White. O único que não recebeu reprovação nesse sentido foi John Byington, o primeiro presidente.

Dentre os demais, porém, alguns conseguiram se destacar por sua postura extremamente autoritária e arbitrária, como George I. Butler e Ole A. Olsen. A liderança deste último, a propósito, foi uma das mais nocivas para a igreja. Não bastasse sua própria atitude ditatorial, ele deu liberdade para que seus associados, inspirados pela sua forma peculiar de liderar, também agissem com aberto autoritarismo. Ellen G. White o confrontou várias vezes por sua conduta e, a fim de silenciá-la e demonstrar seu poder, ele fez arranjos para enviá-la para a Austrália.

Não podemos deixar de falar, ainda, do Dr. John H. Kellogg. Embora ele não tenha sido um presidente da igreja, detinha um poder semelhante na obra médica adventista que, naquela época, possuía certa paridade com a Associação Geral. Kellogg frequentemente utilizava o poder que estava à sua disposição para defender seus pontos de vista pessoais dentro da organização. Ele rebateu e rejeitou

publicamente as advertências de Ellen G. White quanto ao seu modo de liderar.

Ellen G. White apelou por décadas para uma autoridade menos centralizada, especialmente pela presença constante do que ela chamava de “poder monárquico”⁷⁸ por parte de pessoas em altas posições. Assim, líderes como Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner empreenderam algumas tentativas a fim de trazer mudanças. Sua proposta de solução para o extremo do autoritarismo, porém, aterrissava no extremo do congregacionalismo,⁷⁹ de maneira que Ellen G. White não pôde apoiar tal iniciativa.

Embora Ellen G. White ansiasse por uma mudança do *status quo*, ela não estava disposta a unir forças com aqueles que, apesar de desejarem a mesma coisa, tendiam para uma direção extrema que ela não podia apoiar. Como resultado, ela teve de esperar o momento certo para agir de maneira mais decisiva.

Na Assembleia Geral de 1901, as portas estavam mais abertas para mudanças. Na véspera da abertura dos trabalhos, Ellen G. White teve a oportunidade de falar numa reunião onde estavam vários líderes que serviriam como delegados. Seu discurso de quase uma hora e meia preparou o espírito dos delegados para tomarem votos na direção de uma mudança. Ela advertia, pra citar palavras de seu próprio discurso,

⁷⁸ Do inglês *kingly power*, geralmente traduzido como “poder régio” nas edições brasileiras.

⁷⁹ Congregacionalismo é o sistema de governo eclesiástico no qual cada congregação local, em assembleia geral, tem o direito de decidir sobre quaisquer rumos a seguir, seja em matérias administrativas, eclesiásticas, missiológicas e teológico-doutrinárias.

quanto à necessidade de “uma reforma sem qualquer atraso. [Pois,] ver aquela assembleia passar e se encerrar como as anteriores, com a mesma manipulação, com o mesmo tom e a mesma ordem – Deus proíba! Deus proíba, irmãos.”⁸⁰

Apoiada por líderes que compreendiam a necessidade de uma reestruturação equilibrada da obra, como Arthur G. Daniells e William C. White (seu terceiro filho), ela conseguiu com que fosse votada uma reorganização da IASD.⁸¹

Nasciam, assim, as uniões-associações e a estrutura de departamentos. O objetivo, no caso das uniões, era reconhecer a diversidade de realidades dentro da igreja, concedendo autonomia e poder para essas sedes administrativas tomarem decisões de acordo com necessidades mais regionais. Já no caso dos departamentos, o foco estava sobre a unidade, uma vez que seus programas manteriam a igreja “falando a mesma língua”.

Um voto ainda mais surpreendente foi tomado e seu objetivo era o de conter o autoritarismo dos presidentes: não mais seria eleito um presidente para a Associação Geral. Em vez disso, a comissão diretiva da Associação Geral passaria a servir como uma espécie de conselho de administração e exerceria o papel que, até então, era ocupado por um só obreiro. Um membro da comissão seria eleito para presidi-la, porém para um curto período de tempo e sujeito à autoridade da comissão, a qual poderia removê-lo a qualquer tempo.

⁸⁰ Discurso de Ellen G. White, “Diante dos Delegados, na Biblioteca do Campus”. Manuscrito 43-A. Tradução do autor.

⁸¹ George R. Knight, *If I Were the Devil*. (Hagerstown: Review and Herald), pp. 90-91

Ellen G. White ficou muito satisfeita com os resultados daquela assembleia. Com o passar dos anos, porém, ela percebeu que apesar das boas decisões tomadas, não houve mudanças na mentalidade e no espírito de líderes como Kellogg, Jones, Waggoner.⁸² Eles persistiam em resistir às decisões tomadas na assembleia, em vez de focarem na missão da igreja, e travaram uma batalha acirrada contra Daniells até a assembleia seguinte, em 1903.

Na assembleia geral de 1903, contudo, a obra médica – até então, regida por Kellogg – foi transformada num departamento, perdendo o status e poder que detinha. Além disso, foi tomado um voto para reestabelecer o posto de presidente da AG, para o qual Daniells foi eleito. Como resultado, o antigo problema do autoritarismo por parte do presidente da AG voltou a ocorrer. O próprio Daniells foi advertido por Ellen G. White em diversas ocasiões por esse motivo.

Desde 1903, poucas modificações importantes foram feitas na estrutura da igreja, exceto pelo processo de criação e estabelecimento das divisões, que, na assembleia de 1918, foram definidas como extensões da Associação Geral para um determinado território. A questão da concentração de poder, contudo, não apenas se manteve, como se tornou ainda mais sofisticada e enraizada.

Várias figuras de destaque no meio adventista têm discutido sobre esse assunto, especialmente nos EUA. Através de artigos, teses doutorais, palestras, aulas, livros e até um

⁸² Barry Oliver, *SDA Organizational Structure: Past, Present and Future*. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press), pp. 201-204.

sermão numa assembleia das Associação Geral, há um forte movimento que busca por uma redefinição de parâmetros estruturais da IASD.⁸³

Como resultado, a Associação Geral criou uma força-tarefa com cem representantes do mundo inteiro para discutir oficialmente o assunto. No final, um relatório foi preparado e, a começar pelo seu título, ele parecia muito promissor: “Princípios, Possibilidades e Limites de Flexibilidade no Desenho da Estrutura Organizacional Adventista do Sétimo Dia”.⁸⁴

Agora era oficial e autorizado pela Associação Geral: dentro de princípios e limites estabelecidos, a igreja poderia experimentar estruturas diferentes em qualquer lugar do mundo! Até os mais críticos reconheceram que o documento abria novos caminhos para o surgimento de modelos estruturais mais ajustados à missão.

Um dos delegados da força-tarefa, contudo, já havia predito que “deve haver uma melhor maneira de fazer igreja, mas perus não votam a favor do Natal, e os diretores de departamento não votarão sua própria saída do escritório”.⁸⁵ Dito e feito. As possibilidades nunca saíram do papel.

⁸³ Uma análise histórica da discussão pode ser encontrada em Tomaz A. de Jesus, “Resenha crítica da obra *If I Were the Devil*”, em *Acta Científica*, v.1 n. 16. (Engenheiro Coelho – SP: Unaspress), pp. 93-110.

⁸⁴ Principles, Possibilities, and Limits of Flexibility in the Design of Seventh-day Adventist Organizational Structure. A report to The Commission on Ministries, Services, and Structures Silver Spring, MD. October 4-6, 2006.

⁸⁵ Matéria disponível em <https://adventist.news/en/news/there-must-be-a-better-way-of-doing-church-but-turkeys-dont-vote-for-christmas/>

Apesar de a Bíblia não especificar qual tipo de estrutura a igreja deve adotar, ela possui princípios suficientes para guiar os líderes nesse aspecto. Encontramos em suas páginas, por exemplo, que a estrutura da igreja primitiva foi sendo desenvolvida de acordo com as necessidades que iam aparecendo, sem rigidez organizacional.

A passagem de Atos 6:1-7 exemplifica isso muito bem. Com o aumento do número de discípulos, os apóstolos já não conseguiam – paralelamente à pregação do evangelho – manter satisfatoriamente o atendimento social às viúvas dentre os cristãos de origem grega. Como resultado, um mal estar se instalou e demandava um incremento na estrutura de liderança que pudesse atender àquela necessidade.

Assim, um parecer foi apresentado diante da comunidade, no sentido de serem escolhidos “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria”⁸⁶ para cuidarem desse trabalho, enquanto os apóstolos se dedicariam exclusivamente à oração e à pregação. Foi aí, inclusive, que os dons de pessoas como Estêvão passaram a ser aproveitados na vida da igreja, ou seja, a partir de uma redistribuição das responsabilidades.

A função da estrutura, portanto, é garantir condições plenas para que todos os organismos da igreja cumpram a missão em sua total capacidade.

A história da IASD também oferece uma grande variedade de conselhos quanto a maneira de nos relacionarmos com essa questão. Talvez as mais importantes lições que

⁸⁶ Cf. Atos 6:3

aprendemos ao recapitular nosso passado, no que tange à sua estrutura, sejam as seguintes:

- 1) A estrutura serve à missão; não o contrário;
- 2) A estrutura não pode servir a si mesma e a missão ao mesmo tempo;
- 3) A estrutura deve ser proporcional ao tamanho da missão. Nem menor, nem maior;
- 4) A estrutura é transitória; precisa se ajustar às diferentes realidades de missão mundiais;
- 5) A estrutura é tentadora; precisa de mecanismos de depuração;
- 6) A estrutura precisa de pessoas da missão, e vice-versa;
- 7) Se tiver de fazer sacrifícios, entre a estrutura e a missão, sacrifique a estrutura.

A despeito disso, a IASD permanece com a mesma estrutura organizacional, cada dia mais hipertrofiada, complexa e custosa, a tal ponto de ser perfeitamente equiparada à de qualquer empresa multinacional com fim lucrativo.

Considerando a limitação de recursos de que a igreja dispõe, é essencial que se faça um uso mais objetivo deles, priorizando o que é prioritário e pondo de lado o que é secundário. Nossa estrutura, porém, torna isso virtualmente impossível.

Em termos práticos, estamos falando de quatro níveis hierárquicos acima da igreja local:

- 1) Uma Associação Geral, com sede-base em Silver Spring, MD (EUA).
- 2) Treze Divisões da Associação Geral ao redor do mundo.

- 3) 137 Uniões, dentro de suas respectivas divisões.
- 4) 698 Associações/Missões, dentro de suas respectivas uniões.⁸⁷

Cada um destes níveis conta com seus próprios administradores e diretores de departamentos; secretárias, pessoal de escritório e pessoal de apoio; instalações e manutenção prediais. Tudo isso sem falar num sem número de materiais impressos, digitais, etc.

Para manter toda essa estrutura, cada real que entra na tesouraria das igrejas através de dízimos e ofertas está sujeito a uma distribuição que o pulveriza para todas as camadas.

Tomando como exemplo a AES, 73% do dízimo fica com a Associação, para manutenção dos pastores, obreiros, funcionários, Rádio e TV Novo Tempo locais e materiais evangelísticos. 7% são divididos entre a Rede Novo Tempo, a obra da colportagem, o UNASP, a FADMINAS e a Educação Adventista. 10% são destinados à USEB⁸⁸ e outros 10% são destinados à DSA. Estas duas últimas, por suas vezes, destinam 10% do total recebido para a AG.

Nessa pirâmide institucional, a base é contemplada apenas na distribuição das ofertas, das quais 60% fica para a igreja local, 20% vai para a AG e os outros 20% são divididos entre a AES (14%), a USEB (3,6%) e a DSA (2,4%).

⁸⁷ Dados de 2018, disponíveis em <https://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2019A.pdf>, p. 4.

⁸⁸ União Sudeste Brasileira, escritório administrativo regional da IASD localizado em Petrópolis, RJ.

Em 2019, o volume dos dízimos representou 80,32% das entradas da AES, e o das ofertas, 19,68%. Considerando que apenas 60% do volume das ofertas fica para a igreja local, estamos falando de um valor bem pequeno (11,81% das entradas) para a igreja local manter sua estrutura física e técnica, além das suas atividades regulares.

Não admira que tantos membros se sintam insatisfeitos nesse aspecto, principalmente quando comparam a simplicidade e até a deficiência da maioria de seus templos com a qualidade e a adequação dos prédios das instituições adventistas, como associações, colégios, etc. Por vezes, não parece se tratar da mesma igreja.

É verdade que, biblicamente, nós deveríamos ofertar mais, de maneira a aproximar o volume das ofertas do volume dos dízimos. Precisamos refletir, contudo, sobre o porquê de nossas ofertas serem tão baixas. Talvez parte da resposta esteja precisamente ligada ao quanto nossos membros veem como retorno de suas doações, especialmente em sua esfera imediata.

Argumenta-se que essa distribuição voltada para a manutenção da estrutura serve para manter tanto a unidade da igreja como sua missão em nível mundial. Entretanto, será que para manter a unidade e a missão da igreja, precisamos manter a estrutura da maneira como ela está? Mais ainda: será que estamos conseguindo manter eficazmente a unidade e a missão da igreja?

O pastor é o principal elo entre a denominação e os membros. É através dele que a IASD transmite e reforça os padrões que formam sua identidade, inclusive no aspecto doutrinário. Da mesma forma, é por meio do pastor que os

planos, as estratégias e as metas que compõem a missão da igreja são apresentadas aos líderes e membros locais. Assim, é no ministério que a igreja precisa focar prioritariamente.

O modelo de atendimento pastoral que nós adotamos é o de distritos pastorais, sob o qual quatro fatores são levados em consideração para a formação de um distrito pastoral: 1. Número de membros 2. Número de congregações 3. Dinâmica geográfica 4. Entradas financeiras.

A formação de um distrito, assim, depende de uma equalização desses quatro elementos. O fator financeiro geralmente é preponderante, pois as entradas precisam ser suficientes tanto para arcar com os gastos do pastor distrital como para contribuir com a manutenção dos níveis acima do distrito.

Como resultado, numa região mais desenvolvida socialmente, onde as entradas tendem a ser maiores, haverá menos membros e congregações por pastor. Já numa região com maiores desafios sociais, o pastor terá um número maior de membros e congregações.

Além de desigual, essa estratégia tem sido insuficiente para o pastoreio, pois até mesmo nas regiões com melhor realidade financeira, há muito mais ovelhas do que o pastor consegue pastorear.

Esse plano até funcionaria se tivéssemos, na prática, uma estrutura de discipulado que atendesse a todas as ovelhas através do pastoreio compartilhado. No entanto, administrações vêm e vão, sem ninguém estar disposto a pagar o preço para levar um plano como esse para além das intenções. Falaremos mais detidamente sobre isso no capítulo treze.

Pra complicar mais ainda, o pastor adventista recebe uma agenda com uma série de programas denominacionais para promover, o que deixa pouco espaço para que ele desenvolva um ministério mais afinado com as necessidades locais.

Diante de tamanho desafio, a vida útil do pastor num distrito geralmente é encurtada, com desgaste de ambos os lados: do pastor que, muitas vezes frustrado por não ter conseguido atingir seus objetivos pastorais, sente a necessidade de começar de novo em outro local e com outras pessoas; e da igreja que, não se sentindo bem atendida, tem esperança de que o próximo pastor esteja mais presente e a pastoreie melhor.

Assim, raramente um pastor adventista consegue iniciar e terminar ou consolidar um projeto de base. Daí vem um novo pastor que, tendo outras vocações, geralmente vai começar projetos diferentes. E o ciclo se repete.

Em denominações com sistemas ministeriais que priorizam um pastorado local, a realidade tende a ser bem diferente. Além de os pastores cuidarem de bem menos ovelhas,⁸⁹ eles tendem a ficar por muito mais tempo na igreja, vindo a executar diversos projetos juntamente com a liderança e membresia local.

Ele tem tempo para conhecer bem os irmãos, para formar laços que aumentem sua influência na comunidade e para treinar e equipar os membros para a missão. Em outras palavras, ele não é visto por sua congregação como “mais um pastor que chega e que, daqui a pouco, vai embora sem nem sequer ter aprendido o nome dos membros”.

⁸⁹ Geralmente, o pastor cuida de apenas uma igreja, na qual conta com pastores auxiliares conforme o tamanho da congregação.

Sim, há um outro lado nessa história. Por essas igrejas não estarem tão diretamente conectadas a uma estrutura, isto é, por terem mais liberdade para agir localmente, é bem mais desafiador manter sua unidade doutrinária e missional. Contudo, não seria essa a proposta dessa reflexão. A ideia seria buscar um equilíbrio, não uma desconexão. Uma otimização dos recursos com foco no mais importante.

Considere, afinal, que cada uma de nossas sedes administrativas vai tirar cerca de dez obreiros de posições pastorais para coloca-los no escritório. Além disso, como demonstrado nos dados acima, gerará um gasto adicional que seria suficiente para manter cerca de trinta pastores distritais!⁹⁰

Trocando em miúdos, estamos falando da perda de cerca de quarenta pastores que poderiam estar cuidando de ovelhas, equipando a liderança local e levando o evangelho a novos territórios! Será que não podemos fazer melhor do que isso?

As justificativas mais comuns para a criação de novos escritórios regionais são: 1. Os membros vão sentir que a igreja está mais perto deles. 2. Fica mais fácil administrar. 3. Fica mais fácil fazer a igreja crescer.

A igreja, contudo, precisa de mais pastores cuidando de ovelhas, não de mais pastores nos escritórios administrativos. Os membros vão se sentir mais próximos da igreja se seu pastor estiver mais perto deles e não pelo fato de ter uma Associação mais perto de sua casa.

⁹⁰ Estimativa feita pelo autor baseada no Relatório da 23ª Assembleia Quadrienal da Associação Espírito Santense – 2015-2018 (Matias Barbosa - MG: Juizforana Gráfica e Editora), p. 53.

Como será visto no próximo capítulo, muito do que temos chamado de “administrar”, na verdade significa *microgerenciar*. Microgerenciamento é um tipo de gestão em que o chefe, diretor ou gerente pratica um excessivo controle sobre sua equipe.⁹¹

De fato, os planos que mais consomem o tempo do pastor e da igreja são os que vêm de cima e, realmente, garantir que eles sejam implementados exige um forte e contínuo microgerenciamento.

O crescimento do número de membros e das entradas financeiras também não são indicadores de que estamos crescendo dentro dos padrões de qualidade da Bíblia. É preciso avaliar se estamos cumprindo a missão de fazer discípulos para o Reino de Deus!

Sobre o aspecto da missão mundial, eu tive o privilégio de servir como missionário por cerca de três anos. Nesse período, tive contato com a realidade missionária da igreja tanto na região onde atuei, como em nível mundial. Participei de cursos e fiz conexões com missionários de diferentes localidades. Vi muito claramente que nosso maior desafio no campo missionário é a pouca quantidade de missionários que conseguimos enviar e manter.

Nos orgulhamos muito de estarmos presentes em mais países do mundo do que qualquer outra denominação protestante. Não podemos deixar de considerar, porém, que em muitos desses lugares, nossa presença é apenas simbólica.

⁹¹Leiamaisem:<https://www.siteware.com.br/gestao-estrategica/microgerenciamento-o-que-e/>

Somente a título de exemplo, tomemos o grandioso território da União Oriente Médio e Norte da África, dentro da famosa janela 10/40. Essa sede administrativa supervisiona as atividades da igreja em 20 países, nos quais habitam mais de 550 milhões de pessoas.⁹² Quantos adventistas você acha que existem em todo esse território? Se seu palpite ficou ao redor de cinco mil pessoas, meus parabéns! Você provavelmente tem um bom conhecimento sobre a realidade da igreja e do próprio Cristianismo naquela região.

É exatamente isso: cinco mil membros, de 58 congregações, para mais de meio bilhão de pessoas num imenso território cuja religião predominante é o islamismo! Se você pensa que isso é pouco, aperte os cintos para o que vem a seguir: a grande maioria dos membros são pessoas de outras nacionalidades que estão ali a trabalho.

Então, sim. Estamos em muitos países do mundo. Mas em que condições?

No final de 2018, a igreja tinha 628 obreiros internacionais,⁹³ ou seja, missionários cujo chamado é processado e gerido pelo Departamento de Recursos Humanos para Missionários da Associação Geral.⁹⁴

Essa é considerada a *primeira classe* de missionários adventistas no mundo. Eles contam com toda uma estrutura destinada a apoiá-los diante dos aspectos críticos do serviço internacional.

⁹² Dados disponíveis em <https://www.adventistyearbook.org/entity?EntityID=32980>

⁹³ Dados disponíveis em <https://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2019A.pdf>, p. 9.

⁹⁴ International Personnel Resources and Services (IPRS).

Eles recebem um treinamento preparatório bastante abrangente, ministrado pelo Instituto de Missões Mundiais da AG, e são assistidos por um especialista em recursos humanos ao longo de todo o seu período de serviço. Ao retornarem ao país de origem, recebem um novo treinamento, destinado a prepara-lo para os desafios de voltar para sua cultura.

O número de obreiros desse tipo já foi bem maior⁹⁵ e está diminuindo com o passar dos anos. Ao mesmo tempo, há um esforço para se aumentar o número de missionários de baixo custo para a igreja, como os captados pelo Serviço Voluntário Adventista (SVA), pelo projeto “Um Ano Em Missão” (OYIM), os Estudantes Valdenses, os *Tentmakers* e os contratados para um período determinado.

Todos esses projetos são excelentes e precisam, de fato, aumentar. Além de auxiliarem na missão, eles proporcionam uma experiência singular para os que participam deles, especialmente os jovens. Vale lembrar, contudo, que a maioria dos missionários enviados através deles geralmente ficam pouco tempo no campo missionário e sob condições bem limitadas. Além disso, por seu caráter mais voluntário, não necessariamente estamos falando de mão de obra especializada, como seria o caso de um obreiro interdivisão.

Além de importantes agências missionárias independentes, como a AFM,⁹⁶ há várias iniciativas internas que buscam captar, treinar, enviar e manter missionários

⁹⁵ 1138 no ano 2000, 860 em 2010 e 801 em 2015.

⁹⁶ Adventist Frontier Missions é um ministério independente que apoia a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, porém sem qualquer vínculo formal com a denominação. Saiba mais em: <https://afmonline.org/about-us/>

adventistas no mundo. A própria DSA está na segunda edição de um projeto dessa natureza, o que tem contribuído muito com a missão e, ao mesmo tempo, proporcionando uma experiência enriquecedora para seus obreiros.

Tive a honra de ter sido chamado para a primeira edição desse projeto, juntamente com outros três pastores brasileiros.⁹⁷ Nosso destino foi a União Oriente Médio e Norte da África, onde servimos como obreiros interdivisão. Já a segunda edição enviou 25 missionários para países da janela 10/40, porém sob a gestão da própria DSA.⁹⁸

Todas essas ações representam gastos que podem ser muito elevados. Contudo, se, apesar do peso da atual estrutura, uma medida de esforço foi suficiente para levantar recursos, pense em quanto mais poderíamos fazer se nos esforçássemos mais e com uma estrutura mais leve!

As necessidades da missão, portanto, deveriam nos levar a buscar por todos os recursos que pudéssemos encontrar a fim de não apenas mantê-la, mas expandi-la sem precedentes.

A pandemia de COVID-19 durante o ano de 2020 tem proporcionado muitas reflexões a respeito do que é essencial para a igreja. Os templos foram fechados. Fomos obrigados a nos distanciar uns dos outros e a nos adaptar a uma liturgia eletrônica. Mesmo a retomada dos cultos presenciais está sendo feita com uma série de restrições que têm

⁹⁷ Felipe Lemos, “Para além do véu: Quatro famílias missionárias brasileiras serão enviadas para o Oriente Médio pela Igreja Adventista Sul-americana”, em Revista Adventista, Fevereiro de 2012 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 29 (disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>)

⁹⁸ Saiba mais em: <https://noticias.adventistas.org/pt/grupo-de-25-familias-e-consagrado-para-missao-mundial/>

esvaziado nossos templos. Tudo isso abriu um espaço para repensarmos uma série de coisas e, também, tem provido *momentum* para fazermos mudanças necessárias.

O fato é que quanto mais institucionalizada a igreja for, ou seja, quanto mais posições administrativas existirem em relação ao número de pastores, menos missional o ministério será. As relações entre os obreiros, assim, inevitavelmente são levadas para um nível mais profissional, especialmente quando eles estão em níveis hierárquicos diferentes.

Presidentes e administradores tendem a agir como chefes e patrões, ao passo que obreiros e demais servidores tendem a se sentir como meros empregados.

Os concílios ministeriais que deveriam servir para orientação Bíblica, para discussão ministerial e motivação missional, tendem a se parecer mais com reuniões empresariais.

Como resultado, o foco e os interesses dos obreiros vão sendo desviados da missão para a instituição, pois ali parece residir a chave para uma vida ministerial mais bem sucedida e com mais significado.

Assim, é mais do que natural que os ministros comecem a competir pelas posições institucionais, inclusive através da produção de resultados sintéticos e orientados para relatórios que os projetem.

Em outras palavras, de vocação o ministério torna-se uma carreira profissional, diante da abundância de posições a serem galgadas. Afinal, das associações locais à Associação Geral, são muitas as cadeiras de destaque que fazem bilhar os olhos de muitos.

Não admira que o ministério pastoral adventista seja um ambiente tão árido para o cultivo de amizades profundas.

Seu amigo, hoje, pode ser seu concorrente, amanhã, e as confidências que você fez a ele podem se voltar contra você. Seu amigo, hoje, amanhã pode ser seu “chefe” ou alguém considerado mais importante no ministério, e você poderá se decepcionar por não mais reconhecê-lo.

A vida ministerial, assim, vai sendo vivida como uma estrada solitária, com amigos “de verão” tanto para o pastor, como para sua família. Seria este, contudo, o ideal divino para a vida de Seus ministros? A este respeito, recomendo uma leitura do capítulo dezesseis da carta de Paulo aos Romanos.

Antes que seja tarde, portanto, precisamos decidir se seguimos viagem com o excesso de bagagem que nos limita e retarda ou se, liberando todo peso desnecessário, pisamos fundo no acelerador e sacrificamos tudo o que for necessário para cumprirmos a missão. Se o grande sinal que falta para o fim chegar é o cumprimento da missão, do que temos tanto medo? O que mais estamos esperando?

8.

A Doença da Ultradepartamentalização

No capítulo anterior, vimos como se deu o surgimento dos departamentos da igreja, primeiramente no nível da Associação Geral e, depois, vindo a se estender a cada nível hierárquico inferior.

Quando estudamos planejamento estratégico, aprendemos que uma organização só pode ser bem-sucedida à medida em que ela tiver bem definidos sua visão, sua missão e seus valores.

A visão se refere a como a empresa se vê no futuro. Já a missão tem que ver com a razão de existir da organização e o meio pelo qual a visão será alcançada. Por último, mas não menos importante, são declarados os valores, isto é, quais padrões éticos e técnicos serão obedecidos enquanto a missão é cumprida.

A igreja jamais deve ser vista como uma empresa, afinal nosso objetivo não é o lucro e nossa visão advém das Escrituras Sagradas. Mesmo assim, por se tratar de uma organização, a visão, a missão e os valores da igreja precisam

ser tão claros quanto os de uma empresa secular. E é precisamente nesse ponto que algumas discordâncias aparecem, especialmente quando se trata da missão da igreja. A propósito, qual seria a missão da igreja, em sua opinião?

Tenho absoluta certeza que sua resposta gira em torno de salvar os perdidos ou de pregar o evangelho a toda a criatura, que é algo que se faz para salvar almas, correto? O problema é que embora a resposta esteja certa, a realidade prática da igreja nos mostra que estamos muito longe dessa missão.

No capítulo quatorze, discutiremos um pouco mais de perto esse ponto. No entanto, pense numa igreja como a sua. Coloque no papel todas as horas gastas pelos membros com atividades relacionadas à igreja, como ensaios e apresentações musicais; preparação e apresentação de sermões, aulas e palestras; transmissões ao vivo, louvor e orações; construções e manutenções; reuniões administrativas e confraternizações; pequenos grupos e visitas missionárias; classes bíblicas e estudos bíblicos; etc. etc. etc.

Digamos que sua igreja tenha cem membros e que a soma das horas trabalhadas por todos eles dentro de um mês, seja de três mil horas. Ou seja, cada membro dedicou pelo menos uma hora por dia para atividades da igreja.

Dessas três mil horas, quantas você acha que foram gastas diretamente com a pregação do evangelho, seja através de estudos bíblicos nos lares, virtuais ou numa classe bíblica; em visitas missionárias e em testemunho sobre Jesus?

Será que as atividades missionárias representariam, pelo menos, dez por cento de todo o tempo gasto com o dia a dia da sua igreja?

Agora imagine, por exemplo, uma fábrica de sabão que gasta menos de dez por cento da mão de obra de seus funcionários com a produção efetiva de seu produto principal, o sabão. Ali, os empregados passam noventa por cento de seu expediente observando o sabão, cheirando o sabão, conversando sobre o sabão, fazendo experiências com o sabão, etc. Qual você acha que seria o futuro dessa empresa?

Não estou dizendo que as atividades com que gastamos mais tempo na igreja são tão irrelevantes como cheirar sabão e etc. Por outro lado, por mais relevantes que elas possam ser, não estão diretamente ligadas à missão. Portanto, elas deveriam ocupar muito menos do nosso tempo do que aquelas que, de fato, lidam com ir até o pecador e lhe apresentar a cruz de Cristo.

Certa vez, Jesus contou uma parábola muito interessante que, embora tivesse outro propósito, tocava diretamente nesse ponto. Trata-se da parábola do bom samaritano, o qual socorreu um judeu que, descendo de Jerusalém para Jericó, foi atacado por ladrões que o deixaram quase morto.

Da maneira como Jesus contou a história, entendemos que, antes de o bom homem de Samaria encontrar o judeu, duas outras pessoas já haviam passado por ali, visto o corpo ensanguentado e simplesmente se desviado dele. É notável que se tratavam de homens religiosos do templo: um era sacerdote, o outro, Levita.

Talvez aqueles homens estivessem em viagem a serviço do templo, isto é, tão “atarefados” que não tinham tempo para atender ao moribundo. Também é possível que, “julgando” estar o homem já morto, como pessoas do templo

não poderiam tocar nele, pois se tocassem em um cadáver, ficariam “imundos” até à tarde.

A pergunta que emerge de todo esse cenário é: será que não estamos fazendo a mesma coisa que esses homens hoje? Será que não estamos tão envolvidos “trabalhando para Jesus” que não temos tido tempo para cumprir a urgente e prioritária missão que o próprio Jesus nos confiou? Será que não temos tornado a igreja em uma estrutura tão complexa e pesada que tem sobrado pouco tempo, dinheiro e energia para cumprir a missão?

Há uma multidão de coisas boas que podem ser feitas no contexto da igreja e todas elas com benefícios reais para a comunidade de fiéis. Afinal, nossos departamentos são tantos que atendem aos membros desde o Rol do Berço até ao Ministério da Terceira Idade!

Será, contudo, que temos tempo, energia e recursos suficientes para manter toda essa estrutura, ou seja, para cuidar tão bem dos de dentro, ao mesmo tempo em que cumprimos a missão, que é levar as boas novas à incontável multidão que está do lado de fora?

A resposta está bem diante de nós. Basta comparar o crescimento da população mundial com a quantidade de pessoas a quem, numa base individual, temos transmitido nossa mensagem. Ou seja, a missão está ficando para trás e cada dia de maneira mais difícil de reverter.

Nossos membros mais ativos, por vezes, se sentem frustrados por não conseguirem equilibrar as demandas dos cargos que ocupam na igreja com o desejo de cumprir a missão por meio do evangelismo pessoal. Isso sem falar nas necessidades de suas famílias, muitas vezes preteridas diante de tantas atividades da igreja.

No capítulo anterior, vimos que cada departamento tem um custo na pirâmide institucional adventista. Aqui veremos que esse custo não é apenas de dinheiro, mas também de tempo e oportunidade.

Sob o comando presidencial, os diretores dos vários departamentos da Divisão traçam seu planejamento anual. Dentro de suas respectivas áreas, eles definem programas, projetos e ênfases que descenderão para os níveis inferiores (uniões e associações).

Nestes níveis, o mesmo processo se repete. Sob o comando dos presidentes, os diretores dos departamentos passarão adiante os planos recebidos de cima e, a eles, acrescentarão os seus próprios planos.

Depois de tudo consolidado, é elaborada uma agenda com todos os programas para o ano seguinte. Ela é primeiramente apresentada aos pastores distritais, que terão a incumbência de promovê-la e garantir seu cumprimento diante dos líderes das congregações locais.

A agenda também é apresentada aos líderes locais em encontros regionais e, numa base mensal, os pastores serão lembrados e cobrados dos itens da agenda nos concílios mensais.

Por mais organizado que tudo isso seja, algumas reflexões precisam ser feitas sobre esse sistema. Considere, por exemplo, que esses planos são feitos de maneira massificada, desconsiderando a multiplicidade de realidades e culturas que cada região e que cada igreja local possui.

Pense, afinal, em quantos dos materiais distribuídos pelo pastor acabam subutilizados, ficando parados na igreja ou na casa dos líderes, a despeito de terem custado precioso recurso financeiro.

São tantos projetos que a igreja não consegue acompanhar. No fim, nossos líderes locais se sentem frustrados por não conseguirem executar boa parte do que lhes é apresentado. Mal um projeto acaba, já começa outro, e outro, e mais outro, e assim sucessivamente.

A igreja local não tem tido tempo e oportunidade para pensar. Em grande medida, ela tem perdido a habilidade de criar meios e estratégias com relevância local. Isso sem falar que, como vimos no capítulo anterior, são muito pequenos os recursos para se investir localmente.

Se a visão era que os adventistas se vissem como um grande movimento missionário, o que, de fato, tem acontecido, é que temos nos tornado uma grande corporação.

Projetos vão, projetos vêm e quantos deles têm resultado em reavivamento espiritual e missionário em nossas fileiras locais? É pouco resultado para muito investimento!

Nesse ínterim, o pastor distrital se vê muito mais como um empregado, um gerente regional, do que como um líder espiritual e missionário. Afinal de contas, ele será avaliado, cobrado e tratado de acordo com sua aplicação às demandas do sistema.

Não é à toa, portanto, que um pastor gaste a maior parte do seu precioso tempo promovendo, gerenciando e aplicando a agenda departamental.

Nossos líderes precisam entender que, mesmo indiretamente, estão dizendo que não acreditam na capacidade dos pastores e dos membros da igreja local para cumprirem a missão. Por isso, eles decidem pensar pela igreja e pelos pastores, colocando estes como mero executores dos seus planos.

Essa condição vivida pela igreja tem retirado dela a característica de movimento, transformando-a num ser mais estático do que dinâmico. Existe movimento, mas é muito pequeno, pois não atinge a maioria dos membros. Estes, em vez de propagadores de uma mensagem, limitam-se a serem consumidores de um conteúdo regular.

Talvez uma das coisas mais importantes a serem compreendidas nesse sentido é que a finalização da obra não será feita pelos líderes da igreja, mas pelo povo de Deus. A liderança da igreja, contudo, pode atrapalhar isso por aprisionar o povo de Deus em programas e agendas.

Ao hipertrofiarmos a estrutura, atrofiamos nossos servidores e membros. Tiramos deles a segurança de que, por mais simples que sejam, no poder do Espírito de Deus eles podem fazer coisas maravilhosas em sua comunidade. Nas palavras de Ellen G. White, “A obra de Deus é retardada pela *incredulidade criminosa* em Seu poder de usar as pessoas comuns para levar adiante Sua obra com sucesso.”⁹⁹

Antes que seja tarde, temos de decidir qual a nossa prioridade: a missão ou as outras atividades da igreja? Alimentar as ovelhas gordas do aprisco ou as esqueléticas que estão extraviadas no mundo? O exemplo de Jesus mostra claramente qual deve ser nossa decisão. Antes da fundação do mundo, Ele decidiu que desceria do céu a fim de “buscar e salvar o perdido”, e será precisamente isso o que Ele requererá de sua igreja ao julgá-la.

⁹⁹ Review and Herald, 16 de julho de 1895 (tradução e itálicos do autor)

9.

A Doença da Ultra-hierarquização

Cristão é o nome dado a todo o que reconhece a Cristo como Senhor, Salvador e Modelo máximo a ser seguido. Como uma denominação cristã, o modelo de liderança de Jesus, o Cabeça da igreja, deveria servir como uma base sempre presente para os líderes adventistas.

Jesus era um líder firme, mas também era amoroso e cordial. Seus ensinamentos e discursos apelavam à razão, porém não deixavam de tocar o coração com referências aos ternos traços do caráter do Pai celestial.

Enquanto os rabinos de sua época aceitavam apenas os melhores jovens para discipular, Jesus escolheu e suportou um grupo formado por homens imaturos, lentos, incrédulos e altamente competitivos.

As brigas e discussões dos discípulos geralmente circundavam o mesmo assunto: “Entre nós, quem é o maior?”¹⁰⁰ Assim, em diversas ocasiões Jesus buscou substituir suas reivindicações egoístas por valores eternos e padrões elevados de relacionamento.

¹⁰⁰ Cf. Lucas 9:46

Jesus fez isso tanto por palavra como por atitude. Como exemplo, ele lavou os pés dos seus discípulos. Por mais simples que isso possa parecer hoje, naquela época esse ato representava uma humilhação inconcebível para um rabino. Depois de tê-lo feito, porém, ele perguntou se os apóstolos haviam entendido sua atitude. Jesus mesmo explicou: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”¹⁰¹

Cristo, por assim dizer, virou o mundo de cabeça para baixo, pois o pecado causou uma inversão dos valores deste mundo. As lições ministradas por Jesus aos discípulos devem nos fazer refletir sobre quais padrões e valores estão determinando nossos relacionamentos em Sua Vinha:

“Jesus, pois, chamou-os para junto de si e lhes disse: Sabeis que os governadores dos gentios os dominam, e os seus grandes exercem autoridades sobre eles. Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo; assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” Mateus 20:25-28 (ênfase do autor)

Deus não tem problema com hierarquia. O céu é um lugar de ordem e, também, de hierarquia. Da mesma forma, não é errado haver hierarquia na igreja. Paulo confirma isso

¹⁰¹ Cf. João 13:13-15

ao declarar que “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.”¹⁰²

O grande problema é como se faz uso de altas posições dentro da hierarquia. Nas palavras e no exemplo de Jesus, fica claro que liderança é uma experiência de serviço, não de comando, e que precisa ser pautada pelos valores celestiais, não terrenos.

É com esses olhos que precisamos avaliar a forma como a igreja está sendo liderada, e, ao fazê-lo, nem sempre vemos uma aplicação dos valores cristãos de liderança.

Numa conversa com o presidente de uma Associação, ele me afirmou com toda sua convicção que “um pastor distrital tem de entender *quem ele é e quem o presidente da Associação dele é*. Da mesma forma, o presidente da Associação tem de entender *quem ele é e quem o presidente da União é*. O presidente da União...” e assim por diante. Foi falando até parar no presidente da Associação Geral.

É exatamente isso o que nossa ultra-hierarquização tem feito com muitos de nossos obreiros. O poder sobe à cabeça! Cargos se tornam inerentes à pessoa. Eram todos pastores; todos obreiros da vinha. Agora, contudo, se distinguem por patentes vitalícias. Não são mais pastores. São presidentes, secretários, tesoureiros, diretores de departamentos e de instituições.

Na tentativa de justificar ou suavizar esses fatos, há quem chegue a dizer que, “se os discípulos eram exatamente

¹⁰² Cf. 1 Coríntios 12:28

assim, como esperar que os líderes da igreja sejam diferentes?” Considere, contudo, que os discípulos tiveram apenas três anos e meio de vivência com Jesus. A experiência foi tão intensa, na verdade, que só depois de Jesus subir ao céu eles começaram a assimilar boa parte do que receberam.

Um simples exemplo disso é que eles continuavam indo ao templo orar no horário do sacrifício, a despeito de terem visto Jesus, o cordeiro de Deus, crucificado, ressurreto e ascendendo ao céu.

A conduta imatura dos discípulos, portanto, jamais deve ser vista como desculpa para imitarmos seus erros, porém como uma lição sobre o que não devemos permitir em nosso meio.

Na continuidade do relato bíblico, entendemos claramente que os discípulos amadureceram, a ponto de, no fim, se sacrificarem em favor de Cristo e dos irmãos. Quando vamos nós, também, amadurecer a esse ponto?

Como já tratado no capítulo sete, há uma grande brecha que possibilita o abuso de autoridade em nossa liderança. Líderes em posições mais elevadas exercem poder autoritário. Pastores e servidores vivem como empregados. Enquanto isso, nossos líderes leigos por vezes relatam se sentirem como fantoches, sem condições de fazer qualquer diferença no trânsito de decisões da igreja.

Isso porque, embora a IASD adote um sistema representativo de governo, mais e mais membros afirmam não se sentirem representados pelas decisões tomadas. O que está acontecendo?

Mais adiante, no capítulo doze, vamos abordar mais especificamente essa questão. Porém, é preciso ter em mente

que representar um grupo significa ouvir as pessoas, dialogar, explicar, entender, buscar um consenso com a maioria e, então, levar isso para os ambientes decisórios.

O trabalho de um representante, em outras palavras, é buscar fazer ouvida a voz do grupo que ele representa, não buscar pelos seus próprios interesses. O que temos chamado de representatividade, na verdade, seria melhor definido como *substituição*, pois é isso o que estamos fazendo. Não ouvimos as pessoas, não dialogamos, não explicamos, não entendemos e não buscamos pela voz do corpo local. Simplesmente as substituímos pelos pensamentos e direções de alguns poucos líderes.

Na assembleia geral de 1901, Ellen G. White declarou:

*“Aqui há homens que estão à frente de nossas várias instituições, dos interesses educacionais e das associações em localidades e estados diferentes. Todos estes devem ser homens representativos, ter voz ativa em elaborar e formar os planos que serão postos em execução. Deve haver mais de um, dois ou três homens para atender a todo o vasto campo. A obra é grande, e não há uma mente humana que, por si só, possa planejar a obra que precisa ser efetuada.... Pois bem, desejo dizer que Deus não pôs algum régio poder em nossas fileiras para controlar este ou aquele ramo da obra. O trabalho tem sido muito restringido pelos esforços para controlá-lo em todo o sentido.... Precisa haver uma renovação, uma reorganização; tem de ser introduzido um poder e vigor nas comissões que são necessárias.”*¹⁰³

¹⁰³ The General Conference Bulletin, 3 de abril de 1901, p. 25-26. (ênfase do autor).

Como já falado alguns parágrafos atrás, não é na hierarquia que reside nossa doença, mas no excesso dela, bem como no excesso de confiança em indivíduos e em pequenos grupos de líderes. Além de insalubre para essas próprias pessoas, pense em quão destrutivo isso tem sido para a igreja!

Existe poder demais nas mãos de uns poucos membros das comissões, principalmente nas dos presidentes. Com isso, há forte condução nas decisões das diferentes comissões que votam pautas importantes da vida da igreja.

Ellen G. White expressou sua preocupação sobre isso por diversas vezes, inclusive quando declarou:

“Não deve haver comando entre os servos do Senhor. Nenhum jugo deve ser posto no pescoço da herança de Deus comprada com sangue. Deve-se quebrar todo jugo. Homens e mulheres são mais preciosos aos olhos do Senhor do que a mente humana pode avaliar. Cristo compreende seu valor, pois Ele sacrificou-Se por sua redenção. Somos Sua propriedade, a aquisição de Seu sangue. Não prestem obediência a qualquer poder ou controle humanos. ‘Não sois de vós mesmos; porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.’ 1 Coríntios 6:19, 20”¹⁰⁴

Ela também rechaçou atitudes de líderes que buscavam ora conduzir, ora suprimir a consciência de obreiros em posições inferiores:

“Por muitas vezes tenho repetido a advertência: Não coloquem jamais como presidente de uma Associação um homem que supõe

¹⁰⁴ Manuscrito 140, 1902.

*que tal posição lhe conferirá poder para dominar e controlar a consciência de outros. É natural para o homem ter grande estima por si mesmo. Os velhos hábitos lutam pela supremacia; entretanto, um homem que ocupa um cargo de confiança não deve glorificar a si mesmo. O obreiro que, diariamente, subordina sua vontade à de Cristo não admitirá tal ideia. Ele praticará as virtudes do caráter de Cristo em toda mansidão e humildade de espírito; e isso dará àqueles a quem se supõem serem beneficiados por sua administração a preciosa liberdade dos filhos de Deus. Serão livres para usufruir a graça concedida a eles para que todos compreendam os preciosos privilégios que os santos possuem como membros do corpo de Cristo. Aquele que está incumbido de sagradas responsabilidades deve sempre demonstrar a mansidão e sabedoria de Cristo; pois é assim que ele se torna representante do caráter e dos métodos de Cristo. Jamais deve ele usurpar autoridade, comandar ou ameaçar dizendo: 'A menos que você faça o que eu digo, não receberá pagamento da Associação.' Um homem que profere tais palavras é indigno de ocupar o cargo de presidente de uma Associação. Ele tornaria os homens escravos sob seu juízo."*¹⁰⁵

É impressionante vermos em nossa liderança algumas das mesmas nefastas atitudes que caracterizavam o papado da Idade Média. Um sistema sofisticado e enraizado, com poderosos mecanismos de condução, controle, defesa e ataque, a fim garantir sua perpetuidade.

Um sistema aprendido e consolidado ao longo de gerações, com um fino processo de recrutamento e formatação

¹⁰⁵ Carta 416, 1907, p. 5, 6, (30 de dezembro de 1907, a A. G. Daniells e W. C. White).

de novos líderes. Os que farão tudo ao seu alcance para manter o *status quo* são os mais desejados. Se um obreiro, entretanto, é visto como independente ou se não se tem certeza sobre sua lealdade, esforços são feitos para mantê-lo fora da esfera de decisões.

Muitos afirmam que para alguém fazer alguma diferença na igreja, precisa, primeiro, crescer e subir dentro do sistema tal qual ele se apresenta. Depois, chegando ao topo, poderá tomar as medidas que julgar necessárias.

Para chegar a altos cargos dentro da instituição, porém, um obreiro precisará se calar, se submeter, consentir e compactuar muitas vezes e com muitas coisas. Ele se deparará com um sistema tão intrincado e solidificado que entenderá ser preciso muito mais do que uma pessoa no exercício de sua função denominacional para trazer alguma mudança substantiva. Isso se ainda restar algo de sua intenção original.

Prova disso é que administrações vêm e vão, assim como seus lemas, *slogans*, programas e ênfases. Quando entram, elas apresentam um discurso aparentemente novo, falando de crescimento e expansão. As ideias, contudo, são as mesmas. Por melhores que sejam, não conseguem se materializar de maneira sustentável na realidade prática de nossas igrejas.

O tempo se encarrega de mostrar que o discurso era *mais do mesmo*, isto é, mais programas para uma agenda já abarrotada. Pior do que isso, nenhuma reforma abrangente foi promovida no sentido de criar mecanismos que protejam a igreja das manipulações aqui descritas.

A despeito disso, existe em nosso meio um tal deslumbre com as pessoas em altas posições hierárquicas,

impedindo que realidades como essas sejam sequer notadas. Estamos falando de uma cultura de culto a personalidades, que tende a converter obreiros em celebridades.

Isso não quer dizer que nossos líderes não devam ser bem recebidos, nem mesmo que não sejam dignos de uma justa distinção em virtude do serviço que prestam.¹⁰⁶ Existe, contudo, um exagero a esse respeito. Você já reparou, afinal, na maneira como líderes em posições elevadas são tratados por nosso povo? Já percebeu como eles tendem a ser mais apreciados e a receber mais honra do que os demais? Já percebeu como aquilo que eles falam parece ter mais peso de verdade simplesmente por causa da posição que ocupam?

Em abril de 2019, alguns países da DSA tiveram o privilégio de receber a visita do presidente mundial da IASD. Receber o presidente mundial da igreja ou mesmo um diretor mundial de departamento é motivo de muita alegria, pois eles trazem ao nosso corpo de membros e obreiros um testemunho de viva voz acerca do progresso da mensagem em nível mundial. É, também, uma oportunidade de enviarmos, através deles, um relato de como o Senhor nos tem abençoado em nosso território, dos desafios que enfrentamos e do trabalho que estamos desenvolvendo.

Não seria exagero, no entanto, mobilizar grandes comitivas para irem até os aeroportos onde o presidente desembarcará a fim de recebê-lo com honras de chefe de estado? O que se pretende com isso, afinal? A quem estamos exaltando dessa maneira? O que essas manifestações estão falando sobre nós para aqueles que presenciam essas cenas

¹⁰⁶ Cf. 1 Tessalonicenses 5:12-13

nesses lugares públicos? Não é assim que incentivamos a idolatria a personalidades em nosso meio? Não é assim que a glória que devia ser dada unicamente a Deus acaba sendo desviada para elementos humanos?

Por duas vezes, em profundo êxtase, João se prostrou maravilhado ante Gabriel. Ele não teve vergonha de relatar sua atitude: “Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: *Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus.* Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.”¹⁰⁷ Quanto temos a aprender com a atitude desse anjo!

É simplesmente impossível que um sistema ultra-hierarquizado como o nosso não resulte num ardente desejo e num viciante apego às posições elevadas. Isso contribui para uma subversão da função ministerial, gerando disputas de natureza política, corrompendo as ações pastorais, tirando a pureza, o foco e a força do ministério.

Com isso, obreiros ordinários por vezes se sentem desestimulados em seu trabalho local. Afinal, onde todo mundo quer ser chefe, quem vai querer fazer o trabalho do dia a dia?

Antes que seja tarde, precisamos decidir quais padrões e valores pautarão nossa organização, nossos relacionamentos e nossas funções como obreiros e líderes leigos. Permitiremos que o espírito de orgulho e vaidade se perpetue ou nos converteremos segundo a mansidão e a humildade de Cristo, tribuando a Ele a glória devida ao Seu nome?

¹⁰⁷ Cf. Apocalipse 19:10 (itálicos nossos). Veja também Apocalipse 22:9

10.

A Doença do Autoritarismo

A Santa Inquisição foi, talvez, um dos aspectos que mais marcaram o período escuro da supremacia papal, durante a Idade Média. Criada na França no século XII, tratava-se de um tribunal católico que monitorava, julgava e condenava à excomunhão e à morte pessoas consideradas hereges ou inimigas da igreja.

Foi também contra ela que, entre os séculos XII e XIV, vários reformadores corajosamente se levantaram e fizeram sua voz ser ouvida. Boa parte deles não conseguiram escapar da Santa Inquisição e foram silenciados pela morte. O legado que deixaram, contudo reverberou na alma de muitos outros, como Martinho Lutero, dos quais somos herdeiros.

Apesar de brutais, esses registros históricos são muito importantes para nos lembrar de quantas aberrações já foram feitas em nome de Deus. Assim, teremos mais chances de identifica-las e combatê-las ao nos depararmos com elas.

O ano de 2019 só havia começado e, apesar de eu estar em férias, meu espírito estava muito agitado. Minha mente ainda guardava as fortes impressões da assembleia quadrienal da Associação, que ocorrera menos de dois meses antes.

Àquela altura, eu admito que estava grandemente desanimado, perguntando ao Senhor por que Ele permitia que as coisas fossem assim em Sua igreja. Talvez uma das maiores dificuldades – mas também uma das maiores necessidades – num momento como esse, seja separar Deus dos pecados e equívocos dos homens que conduzem a igreja. Justamente por não estar conseguindo isso naquele momento, eu senti muita vontade de desistir do ministério.

Orei muito a Deus e pedi por uma luz. Em meio a essa experiência, me senti impressionado a escrever uma carta ao presidente da DSA no intuito de discutir sobre as questões que fazem um pastor querer desistir do ministério.

Em vez de simplesmente devolver minha credencial de pastor e me retirar calado, eu decidi fazer minha voz ser ouvida. Isso me deu paz e um propósito renovado. Conversei com minha esposa e, além de ela me apoiar nessa iniciativa, sua leitura e observações do documento me ajudaram a refiná-lo consoante ao seu propósito. Dedicamos, assim, alguns dias das nossas férias para esta finalidade, e o fizemos com muita oração e súplica ao Senhor.

Depois de escrito, busquei meios de me assegurar que ele chegaria às mãos do líder máximo da IASD para oito países da América do Sul.

Apesar de gostar de escrever, não sou escritor. Escrevi uns poucos artigos. Esse é o primeiro livro que escrevo e, tanto quanto aquela carta, busco fazê-lo com humildade e sob a direção do Espírito de Deus.

Antes de prosseguir, é imprescindível que você leia a carta, cuja cópia está disponível no anexo 1 da seção de anexos desse livro.

Permanecemos em oração nos dias posteriores ao envio da carta, até que recebi uma ligação telefônica de um dos líderes da DSA. Ele disse que o presidente havia lido a carta e pedido a ele que também a lesse e me desse um feedback.

Esse pastor foi muito respeitoso em seu contato. Em princípio, ele buscou suavizar as realidades que eu apresentava na carta, afirmando que tinha feedbacks positivos de pastores de diferentes lugares. Ao longo da conversa, no entanto, ele foi admitindo que tinha ciência de boa parte delas.

Ele me informou, inclusive, que a DSA estava trabalhando num plano chamado Gestão por Competências Ministeriais (GCM). Salientou, contudo, que diante da dimensão da DSA, mudanças dessa magnitude equivalem a mudar a rota de um navio transatlântico, em comparação com a rápida manobra de um jet-ski.

Segundo ele, o intuito do projeto seria justamente corrigir distorções ministeriais, por meio do estabelecimento do perfil de pastor que a igreja espera. Ele salientou que isso seria feito segundo os padrões da Bíblia, do Espírito de Profecia e dos regulamentos da igreja. Para tanto, doze pastores distritais de diferentes lugares do Brasil foram convidados a participar de um encontro de dois dias em Brasília, no qual ajudariam a estabelecer o que a igreja espera do pastor e como ele seria avaliado.

Na conversa de cerca de quase uma hora e meia, aquele líder falou extensivamente sobre o que, na visão dele, reflete o pensamento da igreja sobre o ministério. Um discurso muito coerente e muito correto. O único problema é que era tudo muito mais teórico do que prático.

Ficou claro para ele que, embora eu concordasse com as respostas dadas, eu não estava satisfeito com elas. Além de sua natureza teórica, elas não apontavam na direção de mudanças sensíveis, nem mesmo no longo prazo.

Como exemplo, citei a necessidade de um sistema de ouvidoria ministerial ou uma secretaria ministerial fora da jurisdição da administração, uma vez que os pastores de modo geral não sentem que podem confiar nos ministeriais, especialmente em situações de conflito com a administração.

Segundo o líder, entretanto, o sistema atual é suficiente. Ele argumentou dizendo que quando uma situação não pode ser solucionada na Associação, é levada à União. Se mesmo na União não for resolvida, o assunto é trazido à Divisão, onde, segundo ele, as coisas eram finalmente solucionadas.

Contei a ele, então, a história do meu retorno do Oriente Médio, após três anos de serviço missionário. Comecei falando sobre como fui recebido pela minha Associação de origem. No mesmo dia em que cheguei, o presidente da Associação me ligou dizendo que havia uma ordem da União para que ele não me recebesse. Estranhei muito isso. Perguntei a razão e ele me disse que naquele ano haveria várias assembleias e o presidente da União o havia orientado a reservar vagas para os departamentais e administradores que não fossem reeleitos.

Pedi a ele por um encontro pessoal na Associação. Ele relutou, mas agendou comigo um dia e um horário. No dia e horário agendados, eu e minha família fomos até a Associação, porém tivemos de esperar por várias horas até sermos recebidos pelo presidente.

O tempo de espera, entretanto, me foi útil para poder conversar com o secretário ministerial sobre nossa situação. Ele me ouviu com muita atenção, porém, como será demonstrado a seguir, nada fez ou nada pôde fazer em meu favor.

Quando finalmente o presidente nos atendeu, expliquei pra ele a minha situação e que nós precisávamos ficar mais perto dos familiares, ou seja, naquele território, a fim de nos recuperarmos de algumas experiências extenuantes que vivemos na missão. Essa, inclusive, havia sido a recomendação da psicóloga da Associação Geral que acompanha os missionários adventistas. Ela me prestou atendimento semanal por cerca de um mês via Skype e me disse que estava comunicando aos líderes tanto sobre a necessidade de retornarmos, como de nos reconectarmos com nossos familiares.

Antes mesmo de termos embarcado para a missão, havia sido estabelecido que cada pastor voltaria para seu campo de origem. O próprio presidente havia confirmado isso para mim por e-mail: “Quedas-te tranquilo, você é nosso mesmo sendo selecionado você irá como empréstimo para o campo missionário e com retorno para a [Associação] quando terminar o prazo do serviço em campo missionário.”¹⁰⁸

Agora, contudo, ele estava irredutível e disse que suas mãos estavam atadas! Disse que já havia feito arranjos para sermos recolocados em outro estado, em troca de um obreiro que a União de lá não queria mais naquele território.

¹⁰⁸ Trecho do e-mail enviado a mim pelo presidente da associação no dia 16/11/2011

Dessa forma, uma entrevista foi agendada com o presidente da outra Associação, e para lá nos dirigimos. Aquele líder foi muito transparente conosco, desde o início. Ele me falou que o presidente da sua União estava receoso de me receber, pois havia uma “sombra” sobre mim e ele suspeitava que eu tivesse feito alguma coisa errada no Oriente Médio, motivo pelo qual eu estava retornando ao Brasil mais cedo do que o esperado.

Durante aquela conversa, contudo, tivemos a chance de explicar em detalhes em que circunstâncias tivemos de deixar o campo missionário, isto é, após uma denúncia falsa que levou à apreensão dos nossos passaportes, a três tensos interrogatórios na polícia federal do Iêmen e a uma dolorosa expulsão daquele país; e após uma frustrada tentativa de transição para o Marrocos e para a Tunísia.

Nossos quase três anos no campo missionário foram intensos e nos renderam muitas experiências dramáticas e histórias marcantes. Em todo o tempo, o Senhor cuidou de nós e, além de abençoar nosso trabalho, nos livrou das ameaças do inimigo, tanto de prisão, como de morte.

Os países muçulmanos estão entre os mais desafiadores do mundo para a pregação do evangelho. Em geral, as leis religiosas islâmicas são amalgamadas com as leis civis, de maneira que o estado não só adota o Islamismo como a religião oficial, como também proíbe que os cidadãos se convertam para outras religiões.

Em lugares assim, missionários são considerados espiões e até terroristas. Se apanhados, são submetidos à prisão, tortura, expulsão e, muitas vezes, à execução. Ficamos muito perto de ser presos quando fomos denunciados à Polícia Federal

do Iêmen, que é o oitavo país que mais persegue cristãos no mundo.¹⁰⁹ Precisaria de um outro livro só para falar sobre a extraordinária experiência que vivemos durante aquele período. O fato, entretanto, é que acabamos sendo expulsos do Iêmen e, depois de várias tentativas frustradas de recolocação no território da MENAU, entendemos que era hora de voltar para casa, pelo bem da nossa saúde mental.

Depois de ouvir um pouco da nossa história, aquele líder se demonstrou totalmente compreensivo. Disse que termos conversado pessoalmente clareou as coisas a tal ponto que ele estava decidido a me chamar para lá. Havia, porém, uma ressalva: o presidente da sua União o havia orientado a fazer o meu chamado apenas após a assembleia quadrienal daquela Associação.

Assim, voltamos para casa entendendo que, mesmo contra nossa vontade, era naquele estado que teríamos de trabalhar e tentar nos recuperar.

Nesse ínterim, alguns amigos nos procuraram e se ofereceram para conversar com presidentes de outras associações da minha União, a fim de conseguirmos um chamado. Demonstrei minha gratidão pelo cuidado e apoio, porém além de nunca termos compartilhado nenhuma dessas realidades com eles, não aceitei nem a mínima interferência no processo, reiterando que estávamos totalmente confiantes na direção divina.

Na assembleia quadrienal da Associação que nos chamaria, contudo, aquele presidente não foi reeleito. Na verdade,

¹⁰⁹ Veja lista disponível em <https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/paises-da-lista>

eu já sabia que ele não seria reconduzido ao cargo. Na ocasião em que estive na minha Associação de origem, o presidente, não sei por que motivo, nos disse que o presidente da União onde iríamos trabalhar iria “tirá-lo” da presidência.

Com isso, ficamos numa posição muito vulnerável, com risco de ficar sem local de trabalho. Depois de ter ouvido isso, o líder ministerial da DSA disse que os regulamentos da igreja (REA)¹¹⁰ estabelecem que, depois de seu serviço interdivisão, o obreiro tem direito de retornar para o seu campo de origem. Ele completou dizendo que eu poderia ter acionado a Divisão sobre o assunto.

Expliquei pra ele que foi justamente o que eu fiz. O secretário executivo da DSA estava acompanhando os trâmites do nosso retorno. Escrevi um e-mail pra ele relatando toda a situação. Imediatamente, ele encaminhou meu e-mail para o presidente e o secretário executivo da minha União, dizendo que eles deveriam me recolocar dentro daquele território.

No mesmo dia, recebi uma ligação do secretário executivo da União, que me repreendeu por ter entrado em contato com a DSA, me proibiu de fazer qualquer outro contato e, em tom ameaçador, salientou que a minha recolocação era uma atribuição deles e que seria feita em qualquer lugar do Brasil.

Àquela altura, eu estava num estado emocional tão desgastado que não consegui fazer mais nada. Assim, alguns dias mais tarde recebi a ligação do secretário executivo da minha Associação. Ele informou que a comissão diretiva havia

¹¹⁰ Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Divisão Sul-Americana, 2020, Seção N 60 30.

votado meu “chamado” para pastorear um distrito naquela outra União, porém numa associação que ficava em outro estado.

Longe da família e ainda feridos da missão, nossa recuperação e adaptação foram muito difíceis. Contudo, o Senhor teve misericórdia de nós e nos abençoou, de modo que nada disso prejudicou nosso pastoreio, apesar de nos ter machucado profundamente.

Salientei ao líder da DSA, portanto, que nem o sistema atual é eficaz, nem os regulamentos são obedecidos pelos líderes da igreja. Embora a DSA tenha feito um movimento para me assistir, não acompanhou o caso até se certificar de que, de fato, ele havia sido solucionado.

Do início ao fim, nosso diálogo foi muito amistoso e, a partir desse ponto, ele entendeu que ou encerrava a conversa ou teria de concordar comigo em tudo.

Assim, o pastor pediu para encerrarmos a chamada e que nos falássemos mais em outra ocasião. Já passava das 21h, então concordei prontamente. Ele ficou de me ligar na sexta-feira daquela semana, mas não o fez. Desde então, nunca mais tivemos contato.

A grande sensação que ficou após aquela chamada foi a de que, sim, claro que a DSA sabe dessas coisas todas. Eles até estão trabalhando num projeto pra remediar isso, de alguma forma. Porém, além de se tratarem de medidas homeopáticas, não abrangem pontos que realmente poderiam trazer mudanças.

O processo de nomeações, por exemplo, nem sequer é tocado. No capítulo doze expandiremos esse ponto, demonstrando que se trata de um processo totalmente passível de manipulação.

A DSA tem autonomia para fazer modificações importantes. E mesmo no que não tem autonomia para fazer, tem autonomia para sugerir mudanças à Associação Geral. Até onde fui informado, no entanto, o projeto da Divisão (GCM) não contempla nem uma, nem outra coisa.

O que fazer, assim, quando o organismo mais autoritativo da igreja em nosso território não faz uso da autoridade que lhe foi concedida por Deus para promover mudanças tão urgentes e necessárias? Qual a razão para isso?

É exatamente nesse ponto que muitos obreiros, e também muitos dos membros da igreja que têm conhecimento dessas realidades, afirmam: “Não vai mudar nunca! O orgulho e a vaidade humana nunca vão permitir mudanças substanciais no ministério adventista!”

Não foi por orgulho e vaidade que nossos pioneiros fundaram esse movimento. Será por orgulho e vaidade, contudo, que ele irá fracassar? Deus proíba! Deus proíba!

Os espias não estavam mentindo. Os gigantes cananeus eram realmente poderosos. Diante deles, mesmo os melhores soldados de Israel eram como gafanhotos. A guerra, contudo, pertencia ao Senhor. Ele pelejaria! No entanto, o povo tinha de marchar. As tropas tinham de ir para a batalha. Deus não faria tudo sozinho.

Se o Senhor os havia trazido até ali, não foi para derrota, mas para o êxito. Não importava o tamanho do desafio. Maior era o Senhor do que os inimigos. Diante do Todo-Poderoso, os inimigos não passavam de grãos de areia!

Foi com tal convicção e com tal firmeza de espírito que, do meio dos espias temerosos, “Calebe fez calar o povo

perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela.”¹¹¹

Uma voz, seguida por outra, e outra e, então, por muitas outras vozes, têm poder para fazer a diferença!

O Vazamento da Carta

Em abril de 2019, fui convidado a participar de um grupo de WhatsApp chamado “Comunidades Missionais”. Seu objetivo seria proporcionar um espaço para pastores de igrejas contextualizadas, missionários e ex-missionários (como era o meu caso) compartilhar ideias e realidades de missão da igreja.

Apesar de não postar muita coisa no grupo, tentava acompanhá-lo, a fim de estar antenado às discussões sobre missão e, também, receber bons materiais que ali são postados.

Na manhã do dia 12 de setembro de 2019, foi postado no grupo a respeito de uma iniciativa que me chamou a atenção. De acordo com a postagem, membros leigos da igreja no oeste paulista estavam pedindo apoio através de um abaixo-assinado com várias propostas de mudanças para o ministério adventista.¹¹² A pessoa que postou pediu a opinião dos membros do grupo, o que vários fizeram imediatamente.

¹¹¹ Números 13:30

¹¹² https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/Membros_da_Igreja_Adventista_do_7_Proposicao_dos_membros_leigos_da_Igreja_Adventista_do_7o_Dia_da_Associacao_Paulista_Oeste/

Li o material e, no final daquela manhã, escrevi minha opinião sobre o assunto. Antes de continuar, recomendo a leitura da minha manifestação no grupo, disponível no anexo 2.

Apesar de eu não concordar com alguns pontos do manifesto, motivo pelo qual não o assinei, apreciei o esforço dos seus idealizadores, principalmente por vir de membros leigos. De alguma forma, eles estavam buscando por melhorias e, se não estavam fazendo pelos meios regulares, precisamos refletir sobre quão reais ou efetivos estes meios são. Falaremos mais detidamente sobre esse assunto mais adiante.

Foi nesse contexto que decidi dar a minha contribuição na discussão. Nove meses haviam-se passado desde aquela conversa telefônica com o secretário ministerial da DSA, sem que nada sinalizasse para mudanças no horizonte. Assim, junto com minha opinião, falei da carta que eu havia escrito ao presidente da DSA e da minha percepção sobre a resposta que me foi dada. Enviei uma cópia da carta ao grupo como um exemplo do esforço que tanto pastores como membros da igreja devem fazer para soar um alarme nos escritórios da IASD.

O texto introdutório à postagem da carta é suficiente para demonstrar que não era minha intenção disseminar o documento. Aquele foi o único grupo onde falei da existência desse material e apenas a título de exemplo em uma discussão pontual. Participo de vários outros grupos de pastores e membros e em nenhum eu havia sequer falado sobre o assunto.

Por alguma razão, porém, a carta acabou sendo enviada para fora do grupo e isso viralizou instantaneamente nos

mais diversos grupos de pastores no WhatsApp. Pessoas começaram a me ligar e enviar mensagens de vários lugares, perguntando se a carta era autêntica. A todos esses, enviei uma nota explicando o que havia acontecido.

Com algumas poucas exceções, a maior parte das pessoas que entraram em contato comigo naquele dia me ofereceram suas orações e manifestaram apoio diante do material. Elas viram nele um instrumento positivo que, em algum grau, provocaria um diálogo no ministério.

Também recebi ligação de líderes da União e da Associação, a quem expliquei exatamente da mesma maneira o contexto da carta, sua postagem e seu indesejado vazamento.

De repente, eu e minha família estávamos no epicentro de um grande conflito. Nunca experimentei tanta pressão em minha vida, nem mesmo quando fui livrado de atentados terroristas ou quando tive armas apontadas para mim, quando missionário no Oriente Médio.

De um lado, os principais líderes da igreja na América do Sul. Do outro, um sem número de obreiros que se sentiram representados por minhas palavras. Entre eles, alguns se ofereceram para, se preciso, irem comigo à DSA, a fim de defender meu direito de manifestação.

Nos contatos que recebi de pessoas ligadas à administração, elas falavam muito sobre estarem preocupadas com a imagem da igreja e também comigo. Sua atitude, contudo, demonstrava mais preocupação com o sistema do que com a igreja ou comigo. Elas buscavam meios de desacreditar tanto a legitimidade da minha atitude, como o material que produzi, o qual, àquela altura,

havia chegado até mesmo a membros da igreja em alguns lugares.¹¹³

Em um desses diálogos, a conversa durou quase três horas e foi pacífica. Em princípio, buscaram de todas as formas rechaçar minha atitude de ter escrito uma carta ao presidente da Divisão. Segundo eles, conforme o regulamento da igreja eu deveria ter dialogado com a Associação primeiro, pois a liderança estava “totalmente aberta ao diálogo e sensível às opiniões dos obreiros.”

Precisei trazer à conversa, no entanto, algumas situações emblemáticas que demonstravam que essas afirmações não tinham respaldo na realidade.

Como exemplo, citei o caso do meu retorno ao Brasil, no qual a Associação se omitiu, a União me ameaçou e a Divisão não se assegurou de que o problema havia sido solucionado.

Citei, ainda, uma conversa que tive com um deles, seis meses antes. Na ocasião, eu havia explicado que não concordava que a Associação estabelecesse o alvo de batismo dos pastores. Quem melhor conhece a realidade do distrito é o pastor e os líderes locais. Assim, não faz sentido a Associação definir esse tipo de meta.

Ele havia argumentado que o alvo havia sido estabelecido com base na média dos últimos cinco anos, com um incremento de 10%. Expliquei que entendia a lógica aritmética do alvo, porém não concordava com o modo como os alvos são alcançados dentro da IASD.

¹¹³ Nenhum membro do meu distrito e, até onde tenho conhecimento, nenhum membro leigo da igreja no território da Associação onde sirvo recebeu o material.

Apresentei pra ele dados da secretaria da igreja que revelavam uma taxa de apostasia exorbitante no território da DSA. Batizamos muitas pessoas, porém a maior parte deles não permanece na igreja. Isso sinaliza que precisamos fazer um trabalho com melhor qualidade no preparo das pessoas, e não temos como fazer isso mantendo um alvo tão elevado.

Admiti para ele que, em diversas ocasiões, eu batizei pessoas para atingir meu alvo mesmo sabendo que elas precisavam de um preparo melhor. Não as forcei a se batizar. Elas queriam ser batizadas. Minha consciência de pastor, contudo, me acusava de estar cedendo à pressão dos números por batizá-las cedo demais.

Assim, deixei claro pra ele que eu não iria mais batizar uma pessoa sequer que eu não tivesse convicção de que estava pronta para descer as águas. Pedi a ele, dessa forma, que diminuísse meu alvo de batismo para quarenta pessoas.

Contudo, ele não só rejeitou meu pedido, como compartilhou sua visão sobre o ministério e sobre a igreja de um modo que me causou espanto. Já citei uma dessas coisas no capítulo anterior e mencionarei outras nos capítulos doze e treze.

Ao mencionar falas como essas, meu objetivo não é estigmatizar obreiros. Não se trata de questões pessoais. O que se está discutindo são as ideias que eles defendem e, com base nelas, o uso que eles fazem das posições institucionais que ocupam. Bem por isso, jamais menciono qualquer nome. Como deixei claro naquela carta ao presidente da DSA, não se trata de uma ou outra pessoa, mas de um sistema calcificado. Ele é o útero no qual essas mentalidades e posturas são formadas e nutridas.

Através desses exemplos, demonstrei que não havia tanta receptividade para diálogo como eles estavam dizendo que havia, tampouco sensibilidade para, pelo menos, compreender o ponto de vista de um obreiro ordinário, quanto mais para aceitar uma simples solicitação como a redução do seu alvo de batismo.

A conversa com os líderes prosseguiu e, durante boa parte dela, seu discurso buscava atenuar as realidades apresentadas pela carta, o que eu contestei apresentando fartos exemplos. Em diversos momentos, porém, eles admitiram que aquelas coisas realmente existiam e em diversos lugares.

Um deles, entretanto, cravou a opinião de que essa é uma realidade que não vai mudar. Ele reconheceu que, através de mecanismos de controle, pequenas melhorias podem ser feitas e disse que algumas já estavam sendo feitas. Ressaltou, porém, que por causa do orgulho e da vaidade humana, não acreditava que grandes mudanças poderiam ocorrer.

Ouvir isso foi tão desanimador que minha esposa, que também participou da conversa, chegou a dizer que, se as coisas fossem realmente assim, então não queríamos mais continuar no ministério! Salientei, entretanto, que não aceitava aquilo e que acreditava, sim, em grandes mudanças no ministério adventista.

Já no final da conversa, um dos líderes falou que estaria acompanhando os desdobramentos da carta junto com os líderes superiores. Ele me falou que eu seria convocado para comparecer diante da comissão ministerial da Associação e salientou que o objetivo seria me ouvir.

Ele fez questão de dizer, contudo, que agora as minhas chances de retornar para minha União de origem

eram ínfimas. Respondi que, de acordo com o regulamento da igreja, estava se completando o tempo pra eu retornar. Porém, ele me disse que os administradores daquela União tinham meios para não cumprir isso.

Os dias se passaram e as coisas foram se acalmando. Continuávamos recebendo manifestações de apoio de obreiros de todas as partes do Brasil e até de outros países. Era sensível que havia muitas pessoas em oração por nós e somos gratos por cada uma delas, pois nos deram força para nos mantermos firmes.

Fui convocado para comparecer perante a comissão ministerial da Associação. Ao chegar lá, contudo, vi que o propósito era o de ser sabatinado e reprovado, não de ser ouvido. Dentre as muitas perguntas com que me interrogaram, um dos presentes me perguntou se eu retirava o que havia escrito na carta. Respondi que jamais o faria! Outro me perguntou se eu me arrependia de tê-la compartilhado no grupo de WhatsApp. Respondi que sim, pois se eu soubesse que ela sairia daquele grupo, jamais a teria compartilhado. Esse não era meu propósito.

Vejo, contudo, um propósito divino operando até mesmo num acontecimento como esse. Como Jesus certa vez disse: “Se estes se calarem, as próprias pedras clamarão!”¹¹⁴ A carta realmente provocou uma discussão sobre os assuntos colocados. Inúmeros obreiros sentiram que, finalmente, seu clamor chegava às instâncias mais altas da igreja e isso trouxe esperança de dias melhores para o ministério adventista.

¹¹⁴ Cf. Lucas 19:40

Como resultado daquela reunião, porém, a comissão diretiva da Associação registrou um voto de admoestação e de desaprovação à minha carta e seu compartilhamento no grupo de WhatsApp. Antes de prosseguir, recomendo a leitura do voto, disponível no anexo 3, bem como das minhas observações a ele, no rodapé.

Autoritarismo e inquisição na IASD

Como já vimos anteriormente, Ellen G. White atuou incisivamente contra o autoritarismo na igreja. Numa de suas declarações mais contundentes, ela afirmou que:

“Um exemplo tem sido dado por homens que estão servindo onde não deveriam estar, que estão fermentando suas Associações. Os presidentes de Associações estão imbuídos de um espírito dominador, exigindo submissão de homens ao seu julgamento; caso alguém recuse, a conduta adotada para com ele é tal que enche o Céu de indignação. Como Deus pode impressionar as igrejas para contribuir com seus recursos adquiridos com dificuldade para serem administrados por homens egoístas, autossuficientes e tão arrogantes e autoritários que atraem sobre si o desagrado de Deus? Nossas instituições necessitam de purificação assim como o templo quando Cristo esteve na Terra. O homem governa sobre a consciência dos homens, o homem dita as regras para seus semelhantes como se fosse Deus. Em todos os lugares, através do campo, esse espírito está fermentando corações com os mesmos propósitos mesquinhos e egoístas. A reação deve vir e quem então colocará as coisas em ordem? Jesus disse: ‘Se alguém

*quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me.' Mateus 16:24.*¹¹⁵

Ela mesma foi alvo da tirania de um líder autoritário que, sem mecanismos que freassem suas tendências ditatoriais, decidiu silenciar sua voz ao transferi-la, literalmente, para o outro lado do mundo.

Notavelmente, isso ocorreu após a intensa disputa ao redor do tema da justificação pela fé, durante a famosa assembleia da Associação Geral de 1888. A respeito dessa ocasião, Ellen G. White escreveu: “Nunca em minha experiência de vida fui tratada como nessa assembleia.”¹¹⁶

Contrariando George I. Butler e Uriah Smith, respectivamente, presidente e secretário da Associação Geral, Ellen G. White saiu em defesa dos jovens pastores Ellet J. Waggoner e Alonzo T. Jones. Editores da revista *Signs of the Times*, eles se destacaram como propositores da mensagem de justificação pela fé.

Butler e Smith entendiam que essa nova compreensão aniquilaria o papel da lei na experiência cristã. O propósito de Ellen G. White, Waggoner e Jones, contudo, era trazer um equilíbrio que demonstrasse que tanto a lei como a fé tinham Cristo como seu centro fundamental.

De longe, aquela foi a assembleia mais tensa e conflituosa na história da igreja. Apesar das densas trevas que a envolveram, porém, a luz brilhou mais forte e o resultado final foi positivo. A igreja finalmente alcançara uma posição

¹¹⁵ Carta 65, 19 de junho de 1895, p. 7 e 8.

¹¹⁶ Carta 7, 1888 em 1888 Materials, p. 187.

equilibrada quanto ao relacionamento da lei com a graça divina e, dessa forma, podia elevar a Cristo ainda mais alto para a Ele atrair os pecadores.

Nada disso, no entanto, ficaria sem custo para Ellen G. White. Mesmo contra sua vontade, resignadamente ela aceitou se mudar para a Austrália no final de 1891, aos 64 anos de idade e com saúde frágil.

Por longo tempo, aquela foi uma experiência extremamente amarga e custosa para ela, principalmente pelo fato de ter contraído malária e febre reumática ao desembarcar no país. Foi apenas depois de um bom tempo que ela conseguiu se reerguer e encontrar o propósito para o qual o Senhor havia permitido aquela mudança.

De fato, o Senhor tornou em grandiosa bênção a mudança de Sua serva para a Austrália. Nos quase nove anos em que ali viveu, ela contribuiu muito para o desenvolvimento da igreja naquele país. Fruto do seu trabalho visionário, a importante escola Avondale College foi estabelecida e foram lançados os planos para a fundação de um hospital. Mesmo distante, sua pena jamais foi silenciada. Além de ter finalizado o livro *O Desejado de Todas as Nações*, ela continuou transmitindo mensagens de advertência e encorajamento à igreja e seus líderes na América do Norte.

Ao analisar e julgar os sofrimentos alheios, muitos manifestam uma tendência reducionista e um tanto insensível. Como, no fim, tudo parece ter servido a um propósito proveitoso, eles suavizam e diminuem o significado das duras experiências pelas quais os outros passaram.

José se tornou governador do Egito e perdoou seus irmãos. Ainda assim, ele foi enfático em lhes dizer “Vós, na

verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida.”¹¹⁷

Em outras palavras, o fato de ter se tornado governador da maior nação do mundo não fez José se esquecer do que seus irmãos lhe fizeram e do extremo sofrimento que isso lhe causou. José, também, jamais afirmou que o erro de seus irmãos refletia a vontade de Deus, mas, sim, que Deus *transformou* em bênção aquela situação injusta. Certamente, Deus tinha meios melhores para cumprir os mesmos propósitos.

Depois de cinco anos vivendo na Austrália, Ellen G. White escreveu uma dura carta a Ole A. Olsen, o presidente que a exilou, e lhe dirigiu as seguintes palavras:

“O Senhor não estava dirigindo nossa saída da América. Ele não revelou que era Sua vontade que eu deixasse Battle Creek. O Senhor não planejou isso, mas permitiu que agissem segundo vossa própria imaginação. O Senhor desejava que W. C. White, sua mãe e seus obreiros permanecessem na América. Nós éramos necessários no centro da Obra, e tivesse vossa percepção espiritual discernido a verdadeira situação, nunca teríeis consentido com as medidas tomadas. Mas o Senhor lê os corações de todos. Havia tanta disposição para que partíssemos que o Senhor permitiu que esse evento tivesse lugar. Aqueles que estavam cansados com os testemunhos dados foram deixados sem as pessoas que os transmitiam. Nossa separação de Battle Creek foi para deixar os homens cumprirem sua própria vontade e

¹¹⁷ Cf. Gênesis 50:20

maneira, que julgavam superior à maneira do Senhor. (...) O resultado está perante vós. Tivessem permanecido do lado certo, tal decisão não teria sido tomada neste tempo. O Senhor teria trabalhado pela Austrália por outros meios, e uma forte influência teria sido mantida em Battle Creek, o grande coração da Obra.”¹¹⁸

Em agosto de 1900, Ellen G. White se despediu da Austrália com o senso de dever cumprido. Ao regressar aos EUA, apesar de já estar com 72 anos de idade, ela foi um instrumento decisivo para a reorganização da igreja nas assembleias de 1901 e 1903.

Conforme vimos em capítulos anteriores, contudo, a obra que ela começou nunca foi completada no que tange à contenção do mau uso das altas posições de liderança na igreja.

Muitas pessoas estranham o fato de, em seu testamento, Ellen G. White não ter deixado nada diretamente para a igreja que ajudou a fundar e à qual serviu até sua morte. Em vez disso, ela buscou proteger seu patrimônio literário e sua família, além de prover auxílio a causas que, possivelmente, ela via como menos assistidas, como a do evangelismo aos negros americanos.¹¹⁹

Alguns usam isso para tentar desaboná-la como profetisa, uma vez que ela mesma havia recomendado que os

¹¹⁸ Carta a O. A. Olsen, 1896. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/428.7806#7836>

¹¹⁹ Documento traduzido disponível em <http://www.centrowhite.org.br/ellen-g-white/testamento-de-ellen-g-white-09021912/>

membros incluíssem a igreja em seu testamento e evitassem uma longa lista de beneficiários.¹²⁰

No documento, contudo, ela repartiu suas posses pessoais e até mesmo parte de lucros futuros de alguns de seus escritos para seus filhos, noras, netos e etc. Ela também nomeou cinco depositários de sua confiança a fim de administrarem seu patrimônio literário. Quatro deles eram membros da comissão diretiva da Associação Geral, incluindo seu próprio presidente, o pastor Arthur G. Daniells.

Não temos informações oficiais sobre os motivos que levaram Ellen G. White a agir dessa forma. Contudo, qualquer pessoa que, como ela, já foi perseguido, retaliado e sentiu o calor das chamas da tirania por falar a verdade, provavelmente terá uma pista sobre suas possíveis razões.

Ao nomear depositários para os seus escritos, em vez de simplesmente transferi-los para a igreja, ela os estava exaltando e, também, protegendo. O acervo receberia um tratamento especial, o que facilitaria sua publicação e distribuição. Mais do que isso, ele ficaria protegido caso alguém, mesmo que fosse da liderança da igreja, quisesse silenciá-lo.

Ellen G. White confiava totalmente em Deus e em Sua direção final da obra adventista. Seu testamento demonstrou, no entanto, que ela tinha ressalvas quanto a se confiar cegamente nos líderes humanos. Se isto for verdadeiro, não seria exagero dizer que, apesar de sua profunda gratidão a Deus e segurança de que Ele tinha tudo em Suas mãos, a mensageira do Senhor morreu com um lamento no coração

¹²⁰ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 4 (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 476-485

por não ter visto fechada a porta de acesso ao autoritarismo na igreja.

Seja como for, uma coisa é certa: para Ellen G. White, Deus, a igreja e os homens colocados na liderança não são a mesma coisa, por mais que a atitude de muitos líderes queira dizer o contrário.

*Nenhum ser humano é um super-herói. Precisamos uns dos outros. Ellen G. White iniciou uma obra que precisa ser terminada. Nem tudo o que ela fez, o fez como profetisa, mas como membro da igreja. Logo, não precisamos ser profetas para também fazer alguma coisa. **Antes que seja tarde**, portanto, cada um de nós precisa tomar uma posição: manteremos um sistema que permite que seus líderes ajam de maneira arbitrária ou, com alta voz, diremos “Basta! Não mais!”, exigindo mudanças nos regulamentos?*

11.

A Doença da Ultraconfidencialidade

S seja em um relacionamento, em uma família ou em uma organização, discrição e confidencialidade têm um lugar muito importante. Nem tudo o que acontece precisa ser do conhecimento de todos.

Ter uma postura discreta e saber manter informações delicadas sob sigilo não necessariamente se trata de encobrir a verdade a fim de enganar as pessoas. Às vezes, nem todos estão preparados para lidar com certas coisas. Em outras ocasiões, os fatos precisam ser averiguados e tratados adequadamente antes de serem divulgados, ou mesmo para que nunca precisem ser divulgados.

Jesus falou dos escândalos e do poder que eles têm para atrapalhar os mais frágeis em sua jornada de salvação. Na visão de Jesus, contudo, a natureza do escândalo reside primariamente na natureza do ato praticado, não na sua divulgação. Foi nesse sentido que Ele afirmou que “...é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem

o escândalo!”¹²¹ O contexto da passagem deixa isso claro ao associar os escândalos com atos feitos com membros do corpo, numa alusão às tentações que levam as pessoas a pecados que chocam a comunidade de crentes.

Apesar de uma divulgação irresponsável também configurar um ato pecaminoso, ela não pode ser confundida com o ato que está sendo divulgado, tampouco tratada com o mesmo rigor com que deve se lidar com o mesmo.

Lidar com a confidencialidade é como manusear uma espada de dois gumes. Embora ela possa ser utilizada de maneira legítima, também pode servir como um meio muito eficaz para maquiar e até perpetuar escândalos.

Como vimos no capítulo anterior, a história eclesiástica revela como a confidencialidade foi usada pelo papado para esconder e manipular a verdade. A própria Bíblia, só pra citar um exemplo, era considerada um livro que escandalizaria seus leitores. Por isso, foi preservada nas línguas originais ou, no máximo, numa língua falada apenas pelos clérigos romanos, o Latim. Ainda assim, havia poucas cópias, às quais a igreja romana proibia o acesso, bem como a produção de cópias e traduções.

A confidencialidade é um dos elementos mais valorizados na cultura adventista. A intenção original é positiva, ou seja, resguardar o nome e a imagem da igreja, a fim de não impedir que as pessoas sejam atraídas para a mensagem que ela prega.

O problema é que, além de na igreja não existir só o trigo, mesmo entre os membros mais fiéis ninguém está

¹²¹ Cf. Mateus 18:7

acima da esfera da tentação. E é a partir daí que a confidencialidade pode se tornar uma arma perigosa, tanto para um indivíduo, como para uma comunidade.

Os fariseus sabiam manusear muito bem a confidencialidade, a fim de esconder seus pecados. O que não é público – pensavam eles – não existe e, portanto, não pode ser punido. Foi exatamente nesse sentido que Jesus os advertiu severamente, chamando-os de hipócritas que falavam uma coisa e praticavam outra.¹²²

Por diversas vezes, Jesus procurou advertir os líderes judaicos de maneira mais particular. Eles, contudo, não faziam mais do que rechaçar as coisas que o Mestre dizia. Foi assim que, como você leu no capítulo 23 de Mateus, diante das multidões Jesus expôs completamente a farsa do sistema judaico.

O longo e duro discurso de Cristo expunha, ao mesmo tempo, a corrupção da religião judaica e a maldade de seus líderes. Seu objetivo, no entanto, era chamar a atenção para o fato de que tudo aquilo no qual os líderes judaicos se estribavam iria ruir muito em breve. Por mais dura que a mensagem tenha sido, portanto, na verdade ela era uma mensagem de misericórdia.

A religião judaica no tempo de Jesus girava em torno de aparências. Por fora, tudo devia parecer bonito e impecável. Por dentro, porém, a realidade era bem diferente. Bem por isso, Jesus não suavizou suas palavras e afirmou que, no seu interior, eles só tinham ossos de mortos e todo tipo de imundícia.¹²³ O comportamento farisai-

¹²² Cf. Mateus 23:3

¹²³ Cf. Mateus 23:27

co, portanto, constituía um fenômeno que mesclava um comportamento público ultraconservador com um comportamento privado condescendente.

A quem, contudo, eles queriam enganar? Afinal, “de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.”¹²⁴ Quem mais era prejudicado com isso, no entanto, era o povo. Aprisionadas a uma tradição de rituais e aparências, as pessoas eram privadas de uma experiência religiosa com profundo significado espiritual.

Como vimos em capítulos anteriores, importantes obras que ajudam a contar a história da IASD registram uma série de debates ou mesmo embates públicos ao redor de decisões importantes da igreja. Até um certo ponto, havia mais transparência e liberdade para discussão de ideias, especialmente nos EUA.

A Enciclopédia Ellen G. White, por exemplo, afirma que “A década de 1850 testemunhou um debate público nas páginas da *Review and Herald* sobre o tema da organização, com itens como a nomeação de presbíteros e diáconos locais e um plano para remunerar os ministros sendo gradualmente aceito.”¹²⁵

Na IASD atual, porém, apenas é seguro tecer comentários e opiniões se elas forem de apoio aos que estão no comando da igreja. Do contrário, a lâmina da ultraconfidencialidade adventista testará seu fio de corte.

¹²⁴ Gálatas 6:7

¹²⁵ George R. Knight, em Denis Fortin e Jerry Moon (Editores). Enciclopédia Ellen G. White. (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 1135.

Livros, artigos, apostilas, teses, palestras, aulas e vídeos são produzidos para relatar situações passadas sobre as quais nada mais podemos fazer. Um dos grandes historiadores da igreja descreveu da seguinte maneira um movimento político presente na assembleia de 1903: “Na assembleia de 1903, Kellogg e Alonzo T. Jones *tentaram remover Daniells da igreja* porque ele havia resistido a seus esforços poderosos.”¹²⁶ Enquanto isso, as situações e decisões que estão bem diante de nossos olhos vão passando como por debaixo de um tecido macio e aveludado, recebendo nosso tácito e passivo aval.

Em outras palavras, os registros da história de nossa igreja não têm atingido a utilidade para a qual foram escritos, ou seja, ajudar a igreja a manter os acertos e corrigir os erros do passado.

A base que forma essa cultura ultraconfidencial é a crença de que nossos membros não têm maturidade para lidar com certas discussões. Mas se isso for verdadeiro, a razão é justamente por estarmos há tanto tempo ocultando deles contextos que os levariam a um amadurecimento.

Nunca é tarde, porém, para amadurecer. Num primeiro instante, pode ser que alguns diálogos os chocariam. Pode ser, inclusive, que alguns desistam e saiam da igreja. Pense, porém, em quantos já têm saído da igreja, apesar de nos esforçarmos tanto para dar a impressão de que ela é perfeita!

Eduquemos nosso povo! Não os tratemos indefinidamente como crianças! Contextualizemos nosso povo sobre

¹²⁶ A. Leroy Moore, em Denis Fortin e Jerry Moon (Editores). Enciclopédia Ellen G. White. (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 1162. (Itálicos nossos)

as discussões importantes! Nem o Cristianismo, nem o Adventismo caíram do céu prontos. Eles são desenvolvidos por meio de concílios, diálogos abertos e discussões honestas. Quanto mais o povo se envolve, mais se identifica e se apropria do movimento.

Os profetas e o registro bíblico de seu ministério profético não tiveram tanto essa preocupação com as aparências. É assim que sabemos da malignidade de Jezabel, dos graves pecados de Davi, da covardia de Pedro, da briga entre Paulo e Barnabé, e etc. Se nada disso foi desculpa para alguém abandonar o povo de Deus no passado, haveria justificativa para alguém abandonar a igreja por causa dos problemas do presente?

O fato é que a doença da ultraconfidencialidade tem amordaçado obreiros e membros, fazendo-os sentirem-se como *inimigos da igreja e de Deus* se veem a necessidade de questionar ou confrontar métodos, decisões e direções advindas de líderes do alto escalão.

Existe todo um aparato de defesa do tipo *ad hominem*, isto é, que constrói uma narrativa que denigre internamente qualquer pessoa que, mesmo com argumentos válidos, desafie a “autoridade”.

Se não se pode refutar uma ideia, muda-se o foco da discussão para seu autor. Em conversas e reuniões confidenciais, levanta-se tudo sobre ele. Verdades, rumores, suspeitas, exageros e até mentiras podem entrar no pacote. No fim, o sistema tende a prevalecer, ao passo que a pessoa é levada ao descrédito e a uma punição, sem que suas ideias tenham sido consideradas.

Pra exemplificar esse ponto, um acadêmico de uma de nossas faculdades teológicas fez contato comigo através de um

colega e pediu uma cópia da minha carta. Ele disse que ouviu muitas coisas negativas sobre o documento e sobre mim. Curiosamente, não quiseram lhe encaminhar o material.

Depois de lê-lo, ele deu seu feedback, demonstrando que concordava com as realidades apresentadas. Em sua opinião, contudo, além de se tratar de uma realidade imutável, minha atitude não ficaria sem um pesado contra-ataque do sistema. O que ele mais queria saber, entretanto, era qual a minha real intenção ao escrever a carta, ou seja, se meu caráter condizia com o que eu estava defendendo. A ele e a qualquer outro que tenha essa inquietação até legítima, respondo com três textos da Palavra de Deus:

- 1) "Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade." 2 Coríntios 13:8
- 2) "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva." Isaías 8:20
- 3) "Mas, levantando-se no Sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco, e lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos. Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho

ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele." Atos 34:39

No fim, tudo isso impede a igreja de crescer. Não existe autocrítica em nossa liderança. O discurso é sempre triunfalista, semelhante ao dos políticos tradicionais, ou seja, de pessoas que estão pensando nas próximas eleições; que, inseguros, não querem parecer fracos; que, paranoicos, não querem dar brechas para os “inimigos de plantão”; que, egoístas, defendem os interesses próprios e não a entidade ou o povo que representam.

Não admira que nossos próprios regulamentos tenham sido configurados de maneira a cercear a liberdade de expressão dos obreiros, servindo como um instrumento de controle e censura da comunicação ministerial.

Esse, aliás, é um assunto muito curioso no território da DSA. Quando fui enviado para trabalhar como missionário no Oriente Médio, participei de um treinamento preparatório para o serviço missionário transcultural. O treinamento foi ministrado pelo Instituto de Missões Mundiais da Associação Geral. Numa de suas sessões, recebemos uma cópia eletrônica da *GC Working Policy* (GCWP), que são os regulamentos eclesiástico-administrativos da Associação Geral, juntamente com diversas orientações sobre nossos benefícios e responsabilidades.

No território da DSA, contudo, não é permitido que os obreiros tenham acesso aos REA, senão somente a alguns regulamentos específicos. Desse modo, importantes

aspectos da vida da igreja e do ministério são regidos por um manual sigiloso.

Misteriosamente, uma cópia digital desse documento sempre acaba sendo compartilhada, chegando para alguns obreiros. Quando isso ocorre, no entanto, aquele que envia pede ao colega que não revele de onde veio o material. É com base nessa cópia eletrônica que farei algumas considerações.

Na sua seção E 12 15 S, o livro dos REA trata sobre as razões para disciplinar administrativamente um obreiro. Dos onze itens, três me chamam a atenção pela subjetividade com que podem ser interpretados e, assim, usados para castrar a liberdade de expressão dos pastores.

O primeiro é o seguinte:

“3. Por apostasia e insubordinação. O obreiro deve ser disciplinado quando abandona os princípios bíblicos e eclesiásticos; quando apoia reiteradamente qualquer atividade que mina a autoridade da denominação; quando se nega persistentemente a reconhecer a autoridade devidamente constituída da Igreja; quando não se submete à ordem e disciplina da igreja local; quando critica destrutiva e reiteradamente a estrutura da Igreja.”¹²⁷

Talvez você não tenha notado a letra S no final da referência à seção de onde o texto acima foi tirado. Cada vez que essa letra aparece num regulamento, isso significa que ele teve seu texto alterado pela DSA, ou seja, não é exatamente assim que está no original.

¹²⁷ Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2020.

Vale a pena comparar o texto acima com o texto da GCWP:

“2. Apostasia - No caso de apostasia em que o ministro se afasta do mundo, ou se identifica com, ou dá apoio contínuo a qualquer atividade subversiva à denominação, e/ou se recusa persistentemente a reconhecer a autoridade da igreja adequadamente constituída ou a se submeter a pela ordem e disciplina da igreja, ele / ela tem, por tal deslealdade, provado ser indigno de um lugar ou parte no ministério evangélico desta Igreja.”¹²⁸

Embora os textos sejam parecidos e caminhem numa direção de proteção da integridade ministerial, o texto dos REA adiciona um elemento que não está presente no original: “... quando critica destrutiva e reiteradamente a estrutura da Igreja.” À primeira vista, a leitura parece razoável, porém percebe-se que ele contém uma subjetividade que pode ser usada como instrumento de censura. Afinal, o que é crítica destrutiva? E o que significa a estrutura da igreja? São os líderes, são as doutrinas, é a organização, é a denominação, é o que, enfim?

De igual modo, no item de número dez, outro elemento muito subjetivo chama a atenção:

¹²⁸ General Conference Working Policy, 2019-2020, Section L 60 20 (Tradução do autor. Original: 2. Apostasy—In the case of apostasy whereby the minister falls away to the world, or identifies with, or gives continuing support to, any activity subversive to the denomination, and/or persistently refuses to recognize properly constituted church authority or to submit to the order and discipline of the church, he/she has, by such disloyalty, proven unworthy of a place or part in the gospel ministry of this Church.

“10. Por acesso, uso ou divulgação indevidos dos dados sob responsabilidade da Igreja. Deve-se disciplinar o obreiro que indevidamente acesse, use ou divulgue dados de sistemas da Organização, ou outros dados sob a responsabilidade de igreja, ou que viabilize tais ações a terceiros, sendo considerado mais grave quando os dados em questão sejam considerados pessoais por disposição legal. Quando aplicável, os casos serão tratados de acordo com a legislação vigente dos países da Divisão Sul-Americana.”

O que significa acesso, uso ou divulgação indevidos? Me chama a atenção que tanto esse item como o que vamos abordar a seguir não constam na GCWP, e isso me diz muito sobre o quão diferente estamos fazendo as coisas por aqui. É notável que, enquanto a GCWP apresente apenas cinco itens que discorrem sobre as razões para disciplina de um obreiro, os REA têm mais do que o dobro!

Finalmente, o item de número “11. Por outras razões. Deve-se disciplinar o obreiro que incorra em qualquer conduta incompatível com as altas normas da ética cristã. Quaisquer outros motivos (ver B 100 22) ou conduta inconsistente com as elevadas normas da ética cristã, ou quando sua conduta lançar sombras sobre a integridade do corpo de obreiros, tal como violência, calúnia, difamação, falso testemunho ou outras atividades questionáveis que demonstrem que o obreiro é indigno de ser um líder na Igreja.”

Como avaliar objetivamente se a conduta de um obreiro é compatível com as altas normas da ética cristã? Como determinar se sua expressão lança sombras sobre a integridade do corpo de obreiros?

Na minha cabeça, todos os itens acima têm um significado com o qual concordo plenamente. O problema é que, na cabeça dos administradores, eles podem significar algo totalmente diferente, inclusive que esse livro está incorrendo em todos esses pecados “contra a igreja”.

E por falar em livro, há um regulamento especial nos REA sobre a produção de materiais por parte de obreiros, a saber, a seção B 150 18. Para resumir as regras, se um obreiro planeja escrever um livro cuja distribuição poderá lhe gerar ganhos financeiros, antes de começar a escrevê-lo, ele deve pedir autorização da comissão ministerial de sua Associação para usar parte de seu tempo livre com esse propósito. Se aprovado, a comissão ministerial enviará o pedido para ser votado na comissão diretiva da União. Com o aval da União, o obreiro poderá começar a escrever o material.

Depois de finalizado o manuscrito, seu conteúdo deverá ser avaliado. Se for publicado por editora não adventista, a avaliação ficará sob a responsabilidade da comissão ministerial da Associação. Se for publicado por editora adventista, a avaliação fica sob a responsabilidade desta.

O propósito declarado no regulamento é desaprovar produções que tenham por objetivo ganho financeiro ou promoção pessoal de seus obreiros. As regras, contudo, vão muito além desse expediente, vindo a desencorajar, censurar e punir produções que, por mais relevantes que sejam para a igreja, possam ser interpretadas como subversivas.

Antes de prosseguir, esclareço que esse livro não tem propósito de lucro ou ganho financeiro. Todo o custo de produção foi pago com recursos pessoais. Será distribuído

prioritariamente nos meios digitais, através de uma versão gratuita (PDF) e também de uma versão paga (EPUB). O valor pago, entretanto, será apenas simbólico, uma vez que a plataforma de distribuição não aceita distribuí-lo gratuitamente. Também poderá ser impresso, contudo não será distribuído com margem de lucro sobre eventuais custos de impressão e postagem.

Como você viu no capítulo anterior, o vazamento da minha carta ao presidente da DSA me rendeu um voto de admoestação e reprovação. O motivo declarado foi a oitava das razões para disciplina de um obreiro: “Por uso inadequado da comunicação pela internet (ver E 100 05 S)”.

Como o próprio texto diz, a base utilizada para o voto foi a seção “E 100 05 S Política denominacional sobre o uso adequado da comunicação pela Internet”.¹²⁹ Com cinco páginas de extensão, o regulamento amplia e traz para o ambiente virtual as mesmas regras de confidencialidade colocadas anteriormente. Ele termina, contudo, com a perseverante lembrança de que condutas consideradas em desarmonia com seu conteúdo “são passíveis de advertência, suspensão e demissão por justa causa.”

Novamente voltamos à natureza autoimune dessa e das demais doenças que estamos apresentando. O sistema de defesa do corpo está atacando os membros do próprio corpo e, assim, os impedindo de funcionar!

Curiosamente, enquanto há um arsenal de mecanismos apontados para os obreiros, abaixo, quanto mais alto

¹²⁹ Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Divisão Sul-Americana, 2020.

um obreiro chega na organização, mais rarefeitos e simbólicos são os mecanismos a que ele tem de responder.

Muitas pessoas me perguntam qual foi a reação dos colegas pastores diante da minha carta ao presidente da DSA e das circunstâncias que decorreram de seu vazamento. Como já mencionei, recebi incontáveis manifestações de apoio de pastores de diversos lugares do Brasil. Muitos deles diziam que, juntamente com outros colegas de ministério, estavam orando por mim e pedindo que Deus me guardasse.

Alguns colegas, contudo, me falaram sobre uns poucos comentários negativos que me chamaram muito a atenção. Num deles, um colega pastor afirmou: “O pastor Tomaz deu um tiro no pé. Ele tinha tantas chances de crescer no ministério! Mas, depois dessa, pode esquecer!” Outro pastor assim expressou sua opinião: “Esse rapaz aí acabou com o ministério dele. Vai ser demitido e não vai mudar nada no sistema.” Ainda outro me repreendeu pessoalmente, dizendo em tom agressivo: “Você fez uma coisa muito errada. Você mexeu com a minha igreja e eu não admito isso! Você prejudicou a imagem da minha igreja!”

A meu ver, existem pelo menos cinco tipos de pastores diante das realidades aqui apresentadas: 1. Os adaptados conformados 2. Os adaptados oportunistas 3. Os conscientes covardes 4. Os conscientes cautelosos. 5. Os alienados da realidade.

Os adaptados esperavam um ministério diferente, mais semelhante ao que aprenderam na faculdade de teologia. Ao se depararem com uma realidade tão diversa, os conformados se submeteram totalmente, enquanto os oportunistas

passaram a procurar formas de crescer no ministério do jeito que ele está.

Os conscientes são aqueles que, dia a dia, se chocam com os problemas e não conseguem aceitá-los. Para eles, o ministério tem um custo mais alto, por coloca-los em frequente luta com sua consciência, levando alguns simplesmente a desistir. Eles entendem o perigo de se expressar e tentar mudar alguma coisa. Assim, pensando mais em sua estabilidade financeira e no sustento de sua família, os covardes se escondem e sofrem calados. Já os cautelosos, apesar de nem sempre conseguirem expressar sua opinião, mantêm suas convicções e aguardam pelo tempo em que sua voz poderá ser ouvida.

Por fim, existem os pastores alienados da realidade, ou seja, aqueles para quem o ministério é exatamente aquilo com que eles sonhavam quando se sentiram chamados para pastorear o rebanho do Senhor. No fim, contudo, são mais ovelhas do que pastores.

Felizmente, existem muito mais pastores conscientes cautelosos do que todos os outros tipos somados. Homens que oram fervorosamente por mudanças e que estão dispostos a lutar por uma renovação do estado das coisas.

Que tipo de pastor eu sou? Sou alguém que se formou para ser pastor de ovelhas, que ama sua igreja e que não irá desistir dela, nem do ministério. Alguém que não suporta mais viver em conflito com sua consciência diante de inconsistências. Alguém que sabe dos riscos que corre, porém cujo coração está firme no Senhor!

- Mas, pastor Tomaz, você está prejudicando a igreja!
- Quem? Eu?

– Você está expondo a igreja, pastor!

– Será que estou expondo *a igreja* ou os erros cometidos *contra* a igreja? Me responda: que outro modo haveria, nos dias de hoje, de trazer mudanças positivas? Só orar? Como você avalia a atitude de Lutero? Ele só orou? Ele usou a mídia de sua época: pergaminho, pena com tinta e a porta da catedral de Wittenberg. E o que dizer de Ellen G. White? Ela só orou? Ela usou a mídia de sua época: cartas e publicações! O que dizer, finalmente, dos profetas que perderam a vida por advertirem os reis do povo de Deus?

– Mas e a imagem da igreja, pastor?

– Nossos líderes se esforçam exageradamente para passar uma ideia de que, sob sua gestão, a igreja é perfeita. Enquanto isso, padecemos de diversas mazelas ocultas, por vezes evidenciadas nos tristes escândalos que aparecem. O que se maquia e se esconde, dificilmente será corrigido.

Embora eu defenda que há um lugar apropriado para a confidencialidade, nossa situação é de tal perigo que, nesse momento, essa deveria ser a menor de nossas preocupações. Os assuntos que estamos abordando aqui são muito sérios e estão sendo omitidos, sob a desculpa de que falar sobre eles vai denegrir a imagem da igreja. Nossos líderes e seus procedimentos precisam ser confrontados em terreno diverso daquele onde estão acostumados a fazer sua vontade prevalecer.

Como falei no prefácio desse livro, toda denominação tem suas lutas. Todo mundo sabe disso e não é isso o que enfraquece a imagem de uma denominação. A imagem de uma denominação é realmente afetada quando, de maneira hipócrita, seus líderes buscam esconder as coisas dos

membros, perpetuando injustiças e desmandos. Uma atitude de transparência e responsabilidade, por outro lado, gera confiança e produz engajamento.

Em nome de Deus, eu desejaria nunca precisar ter escrito nenhuma carta, tampouco esse livro! Ao escrever essas coisas, contudo, o faço desejoso de que nossos canais internos de comunicação sejam tão efetivos e democráticos que ninguém nunca mais precise recorrer a um meio externo para fazer sua voz ser ouvida.

Roupa suja se lava em casa, mas se em uma casa impera a lei do silêncio e da mordaza; se numa relação não há momento para uma discussão honesta e bem intencionada; se se preocupam mais com a aparência das coisas diante dos que estão de fora, do que com a realidade diária dos de dentro; será preciso um ato extraordinário que restabeleça os princípios quebrados.

Muitos de nossos membros, notadamente os que fazem parte das novas gerações, não sentem que têm canais de comunicação direta e franca com os líderes da igreja. Eles vão acumulando dúvidas, reclamações e preocupações sem, muitas vezes, terem a chance de contribuir com ideias ou receber um esclarecimento convincente que os leve a uma harmonização com a igreja.

Isso não é de se admirar, pois, como demonstrado, o próprio corpo de pastores não dispõe de fóruns nos quais possam ser ouvidos pela liderança.

O problema é que, quando a igreja não cria canais para ouvir seus membros, especialmente os mais jovens, ela vai perdendo sua relevância na vida deles. Como resultado, muitos desanimam e se afastam. Outros, resistindo,

buscam seus próprios meios de falar o que estão sentindo. Nem sempre são os meios corretos. Nem sempre o tom e as palavras são os mais apropriados. Precisamos reconhecer, contudo, que eles estão lutando pela igreja e que, por mais imperfeita que ela possa ser para eles, é a única que insistem em chamar de sua.

Ironicamente, quando alguns membros usam as redes sociais para fazer questionamentos e conseguem visibilidade, rapidamente um líder se manifesta e lhes concede uma atenção muito superior à que lhes foi dada antes. Isso é suficiente para nos alertar que, mais do que nos preocupar com a imagem da igreja na sociedade, precisamos demonstrar que nos importamos com os que estão dentro dela.

Eu havia traduzido minha carta para o Inglês e a anexei a uma outra carta que escrevi a fim de enviá-la ao presidente da Associação Geral. Entretanto, o vazamento não me deu a chance de fazê-lo. Os líderes da Associação e da União que me procuraram insistiam em que eu devia ter ido “pelos canais eclesiais”. Apesar de ter demonstrado pra eles que esses canais não funcionam, resolvi fazer uma última tentativa.

Depois que a poeira baixou, redigi uma nova carta. Dessa vez, seguindo os canais, a destinei ao presidente da Associação. Era uma carta mais objetiva, com treze propostas de mudanças. Antes de continuar, é essencial que você leia esse documento, disponível no anexo quatro.

Tive a oportunidade de entregar a carta nas mãos do presidente, numa visita que ele fez à minha casa no dia 27 de novembro de 2019. Salientei que gostaria de receber uma resposta com a posição expressa da liderança a respeito das

propostas apresentadas. Ele assentiu e disse que, oportunamente, me daria um *feedback*.

No dia 20 de março de 2020, participei de uma reunião por videoconferência com ele e o secretário executivo. No final, ele me disse que havia lido a carta, assim como o presidente da União, e falou que iria procurar uma oportunidade pra me dar um *feedback*. Até a publicação desse livro, porém, nenhuma resposta me foi dada.

Antes que seja tarde, precisamos decidir que tipo de igreja queremos ser. Uma que se utiliza da força para silenciar as vozes discordantes? Que é tão laodiceana a ponto de não conseguir admitir suas falhas? Que não suporta mesmo críticas legítimas e bem intencionadas? Que gasta tanto de sua preciosa energia para manter uma imagem irreal de perfeição, a custo de injustiça e ocultação? Oxalá escolhamos ser uma igreja que, da multidão de conselhos, tire sabedoria; das críticas, tire aperfeiçoamento; de uma boa autorreflexão tire motivação para mudar; uma igreja real e que lida com os problemas da maneira como procura lidar com doutrinas: com seriedade e honestidade.

12.

A Doença da Ultrarrepresentatividade

No capítulo anterior, falamos sobre como os líderes se esforçam para passar uma imagem de que, sob sua gestão, a igreja está “muito bem, obrigado!”. Do modo como as coisas são apresentadas, de fato não é difícil ser levado a pensar que absolutamente tudo o que acontece no dia a dia da IASD está sendo dirigido por Deus.

O discurso é sempre o mesmo: “A igreja está crescendo! A igreja está em duzentos e tantos países do mundo! A igreja está apressando a volta de Jesus! Deus está dirigindo cada detalhe da Sua igreja!”

Sobre o crescimento da igreja, o próximo capítulo vai revelar dados oficiais que nunca foram publicados no território da DSA, e eles botam abaixo qualquer discurso triunfalista.

Sobre a igreja estar presente em tantos países do mundo, o capítulo sete deixou claro que, em muitos lugares críticos, essa presença é apenas simbólica.

Sobre a igreja estar apressando a volta de Jesus, basta comparar o tamanho da população mundial com a taxa de crescimento da igreja para ver que isso é um grande exagero.

Finalmente, é sobre Deus estar dirigindo cada detalhe na IASD que vamos tratar nesse capítulo. Na verdade, vamos retomar o que introduzimos no capítulo nove.

A forma de governo de nossa igreja é representativa, ou seja, nossos membros são representados por delegados. Na teoria, é um sistema que funciona muito bem. Na prática, contudo, a presença de alguns fatores torna essa representatividade mais fictícia do que real.

A assembleia geral de uma sede administrativa é o ambiente em que as decisões mais importantes da igreja são tomadas. Como vai ficar claro a seguir, é precisamente nesse contexto que é fecundada a maior parte dos problemas que estamos abordando neste livro.

Na assembleia são apresentados os relatórios das atividades da igreja durante o último período. Também são definidas as metas crucialmente importantes para o período seguinte. Mais do que tudo, ali são eleitos os administradores e departamentais que dirigirão todos os aspectos da obra adventista numa determinada região.

Os fatores que prejudicam a representatividade dos membros começam com o fato de que é o presidente da organização imediatamente superior quem irá presidir a assembleia, especialmente o processo de nomeações.

Ele preside desde a formação das comissões maiores que, no fim, escolherão a comissão de nomeações. Existe oração? Sim. Existe leitura da Bíblia? Também. Existem delegados realmente preocupados com a igreja? Abundantemente.

Nada disso, porém, elimina o elemento humano e as inclinações de sua natureza caída.

O presidente da assembleia também preside a comissão de nomeações, inclusive com direito a voz e voto. Logo, ele não goza da neutralidade que seria necessária para dirigir adequadamente a reunião, pois poderá usar sua posição superprivilegiada para conduzir as decisões conforme sua vontade.

O presidente da assembleia é considerado pelos delegados como a maior fonte de autoridade eclesiástica presente. Em outras palavras, ele é visto como alguém totalmente idôneo e que, abrindo mão de seus interesses, busca exclusivamente o melhor para a igreja.

Assim, esse obreiro detém um poder muito grande que lhe abre possibilidades de influenciar e conduzir as decisões conforme lhe apraz. Abaixo, algumas formas pelas quais ele pode interferir nas eleições:

- 1) Antes da assembleia:
 - a) Informando a líderes da atual gestão sobre quais os nomes de sua preferência para assumir os cargos;
 - b) Mobilizando líderes da atual gestão para fazerem contatos no sentido de indicar aliados para comporem a comissão de nomeações;
 - c) Denegrindo a imagem de outros obreiros diante de delegados com chances de entrar na comissão de nomeações;
- 2) No momento das observações sobre os obreiros indicados para os cargos:
 - a) Atenuando as qualidades de um obreiro;

- b) Sendo excessivamente objetivo ao falar das qualificações de um obreiro;
 - c) Fingindo desconhecer um obreiro, suas experiências e qualificações;
 - d) Trazendo informações falsas sobre obreiros que atuam em locais mais distantes;
 - e) Alterando a ordem das observações, deixando para o final o candidato de sua preferência, ou seja, para mais perto do momento da votação;
 - f) Enfatizando as qualidades de um obreiro de sua preferência;
 - g) Gastando muito mais tempo do que o normal para apresentar o histórico completo de um obreiro em especial;
 - h) Declarando que um determinado obreiro é o *candidato oficial* do nível hierárquico que ele preside;
 - i) Olhando ou falando de modo ameaçador a um delegado que utiliza seu direito de voz para ir de encontro a qualquer dessas atitudes.
- 3) Depois da comissão de nomeações:
- a) Estigmatizando um delegado, especialmente se ele for obreiro, como um inimigo, o que acarretará em perseguição, retaliação ou falta de apoio posteriormente à assembleia.

Como vimos no capítulo sete, nada disso seria algo novo em nosso meio. Na fatídica assembleia de 1888, por exemplo, uma série de *fake news* foram espalhadas, noticiando que Jones, Waggoner, William White e a própria Ellen G. White

estavam determinados a mudar a teologia da IASD.¹³⁰ Em realidade, essa e diversas outras atitudes faziam parte da manipulação que, conforme denunciou a mensageira do Senhor em 1901, caracterizou as assembleias anteriores.

Aos delegados de uma assembleia, sejam eles obreiros ou membros leigos, é vedada qualquer tipo de articulação política antes e durante a assembleia. Ao presidente da assembleia, contudo, essa parece ser uma prática não tão policiada.

O regimento de nossas sedes administrativas determina que um percentual dos membros da comissão de nomeações seja formado por membros da organização imediatamente superior. Trocando em miúdos, o presidente terá ainda alguns aliados nas decisões, geralmente o secretário e o tesoureiro da organização que ele preside.

Tanto nesses regimentos, como através do Manual da Igreja e dos Regulamentos Eclesiástico-Administrativos, o poder é concentrado na mão dos presidentes dos diferentes níveis hierárquicos da igreja: Associação, União, Divisão e Associação Geral. E esse poder vai aumentando na mesma proporção em que aumenta o nível administrativo, uma vez que ele alcança um território cada vez maior.

Um alinhamento muito importante geralmente ocorre entre os presidentes dos diferentes níveis, sendo muito incomum que alguém seja eleito ou permaneça presidente de uma Associação, por exemplo, sem a conviência ou apoio

¹³⁰ George R. Knight, em Denis Fortin e Jerry Moon (Editores). Enciclopédia Ellen G. White (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 678.

do presidente da União (que, como vimos, preside a comissão que elege o presidente da Associação).

Isso ficou muito claro para mim em algumas das conversas que tive com diferentes presidentes de Associação, como a que mencionei no capítulo dez.

Semelhantemente, outro presidente confirmou isso ao dizer: “Estou aqui como presidente dessa Associação por duas razões: 1. Porque, cedo na minha vida ministerial, parei de fazer parte dos grupinhos que ficam falando sobre as coisas erradas do ministério. 2. Porque o pastor (presidente da União) me colocou aqui. Se eu não fizer o que ele define, ele me tira; e se eu não puder ser leal a ele, peço pra sair.”

Voltemos ao ambiente da comissão de nomeações. No caso de uma Associação, uma vez eleito o seu presidente, ele imediatamente é chamado para participar da reunião como convidado. Embora não possa votar, com sua voz e sua própria presença ele consegue exercer forte influência na escolha dos demais administradores e departamentais.

Nesse momento, entra em cena a lista do recém-eleito presidente, com seus candidatos favoritos para ocupar as posições departamentais. Em linhas gerais, trata-se de obreiros com quem ele já possui afinidade ou alinhamento, e de quem ele esperará lealdade e resultados.

Uma vez eleitos, eles vão sendo testados e observados. Se se mostram leais e competentes na execução dos planos, não apenas são mantidos em seus cargos, como também terão chance de atingirem posições mais elevadas. Eles vão adentrando círculos cada vez mais privilegiados de relacionamento, criando conexões que lhes abrirão portas em outras regiões.

Há, portanto, uma expectativa de que esses obreiros reconheçam e retribuam o privilégio que receberam, por meio de apoio nas decisões, talvez alienando seu raciocínio ante a opinião de seu "benfeitor".

Isso tudo tende a criar uma esfera de domínio muito favorável ao recém-eleito presidente. Afinal, os oficiais que ele conseguir eleger farão parte da comissão diretiva da Associação, que dispõe de autonomia para tomar decisões de grande peso, podendo, inclusive, alterar substancialmente as votações da assembleia.

Trocando em miúdos, se muitos delegados já se sentem inúteis por participarem de uma eleição com cartas marcadas, como se sentirão ao verem grandes alterações das decisões tomadas na assembleia?

Tudo isso forma a *cultura presidencialista* que predomina em nossa igreja, ou seja, aquela que tende a colocar o presidente como a corporificação da igreja. Em outras palavras, pensar diferente do presidente equivale a pensar diferente da igreja e até de Deus. A igreja, contudo, é muito maior do que uma pessoa, como o corpo é muito maior do que um membro. Deus, então, nem se fala!

E o processo segue exatamente dessa forma até ao nível da Associação Geral,¹³¹ com um detalhe que aumenta ainda mais sua vulnerabilidade. A assembleia da União, por exemplo, será presidida pelo presidente da Divisão e adivinhe quem fará parte da comissão de nomeações da

¹³¹ Exceto pelo fato de que é o próprio presidente da Associação Geral quem preside tanto a assembleia como a comissão de nomeações da Associação Geral.

União? Simplesmente, todos os presidentes de Associação que o presidente da União ajudou a eleger. Estamos falando, portanto, de uma vulnerabilidade cíclica que tende a fazer perpetuar os mesmos líderes no comando da igreja em suas diferentes esferas.

Uma outra questão importante é o pouco tempo com que todo o processo de nomeações ocorre. Por se tratar de um rito complexo e, muitas vezes, tenso, os membros tendem a ficar fatigados durante os trabalhos. Além de isso prejudicar a capacidade de raciocínio e também a sensibilidade espiritual dos membros da comissão, também abre oportunidades para a condução das decisões.

Finalmente, é de se levar em consideração que os delegados que participam da comissão de nomeações numa assembleia são vetados de participar da comissão de nomeações da assembleia seguinte. O presidente da assembleia, contudo, participa de todas as comissões de nomeações. Ele adquire, assim, *expertise* em liderar esse tipo de reunião, de maneira a compreender como dirigi-la.

Onde está, portanto, a representatividade? Para que servem as orações, as leituras da Bíblia e todas as admoestações e advertências contra ações de natureza política?

Como igreja, clamamos pelo derramamento do Espírito Santo por compreendermos que, assim como os apóstolos precisaram dEle para iniciar a obra, sem Ele nós jamais a terminaremos. De fato, sem o derramamento final do Espírito de Deus, jamais iluminaremos o mundo com a luz do evangelho eterno! Precisamos admitir, todavia, que todas as brechas de que estamos falando estão neutralizando a ação do Espírito Santo em nosso meio! Elas têm

possibilitado que homens com objetivos escusos ajam no lugar do Senhor e contrariamente aos Seus planos, mesmo que afirmem, depois de tudo decidido, que “Deus se manifestou e conduziu todas as coisas”.

São pessoas que se utilizam da boa-fé, da simplicidade e da inocência dos membros para conquistar e se perpetuar nas posições de maior autoridade da igreja. Seu objetivo é fazer prevalecer os seus pontos de vista e, também, alcançar e manter vantagens pessoais.

Ao falar sobre vantagens pessoais, me refiro desde a bajulação sobre a qual falamos no capítulo nove, até a coisas que inevitavelmente fazem parte da vida de um líder eclesiástico, como viagens, eventos, almoços, etc. Em outras palavras, o que tais homens querem é manter uma vida semelhante à de celebridades e de executivos, bem diferente daquela que, dia a dia, lida diretamente com as ovelhas do rebanho do Senhor.

Tudo isso sem falar sobre as vantagens que ser um administrador ou um departamental geralmente traz para a família do obreiro. Além de morarem num lugar mais desenvolvido e, portanto, com mais acesso a saúde, opções de lazer e de compras, os filhos podem estudar em escola adventista; a esposa consegue trabalho na Associação, na Escola Adventista ou em outra instituição da igreja, ou seja, uma renda a mais, sem dificuldades com o sábado, com direito a benefícios, aposentadoria, e etc.

Não há nada de errado nesses benefícios, nem no fato de membros da família de um líder virem a ocupar vagas para as quais estão bem qualificados. É preciso reconhecer, contudo, que todas essas coisas estão envolvidas na competição

pelas cadeiras administrativas e departamentais. Portanto, é preciso haver mecanismos que desestimulem a competição e que inviabilizem articulações de natureza política, como aqueles formulados nas treze propostas que apresentei na minha segunda carta.

Boa parte dos delegados até consegue olhar além da “perfeição” dos relatórios apresentados e enxergar inconsistências. Há alguns fatores, no entanto, que dificultam uma análise mais criteriosa das informações, bem como uma discussão sobre elas.

O primeiro é a falta de simplificação das informações, sobretudo as de caráter financeiro. Considerando que nem todos os delegados estão habituados com termos e quadros contábeis, seria muito mais útil apresentar, em lugar de conceitos contábeis, quanto entrou e a origem detalhada das entradas; quanto saiu e o destino detalhado das saídas.

Além disso, os relatórios não são passados com uma antecedência razoável que permita aos delegados analisá-los de maneira mais detida, a fim de, se necessário, buscar por esclarecimentos ou fazer observações durante a apresentação plenária.

Em resumo, o sistema foi feito sob a crença de que os presidentes são homens inteiramente consagrados e totalmente despojados de ambições pessoais. Como demonstrado, porém, essa premissa não é necessariamente verdadeira.

Não estou falando que todos os presidentes ou que todos os líderes que ocupam altas posições na igreja estejam fazendo todas essas coisas erradas. Em diálogo com pastores de diferentes partes do Brasil, percebe-se um padrão negativo e danoso na atitude de muitos líderes quanto a esses

aspectos. Não é raro, contudo, receber feedbacks positivos sobre presidentes e líderes que se demonstram verdadeiros pastores, homens consagrados, cujas ações revelam que partilham do espírito de Cristo. Os resultados são sentidos pelo corpo ministerial, assim como pelos líderes das congregações e pelas famílias do território no qual eles servem.

O que defendo, na verdade, é que a igreja não venha a depender passivamente da integridade de seus líderes, mas que crie mecanismos de prevenção, controle e defesa contra abusos.

Antes que seja tarde, precisamos nos lembrar que, não importa sua posição na ordem hierárquica da igreja: todos os obreiros são homens sujeitos às mesmas paixões, como a Bíblia diz sobre Elias, profeta do Senhor que foi arrebatado para o céu sem ver a morte.¹³² Como membros da igreja, assim, temos de decidir: continuaremos aceitando um sistema tão passível de manipulação? Continuaremos confiando cegamente em alguns poucos homens? Continuaremos permitindo que homens, e não o Espírito Santo, dirija as decisões mais importantes da vida da igreja?

¹³² Cf. Tiago 5:17

13.

A Doença do Membresismo

O ano de 1997 ainda estava no começo quando o mundo ficou boquiaberto diante de uma notícia vinda da Escócia: uma ovelha com sete meses de vida teria sido o primeiro mamífero clonado com sucesso a partir de uma célula adulta!

Estamos falando da famosa ovelha Dolly, um nome que, ao mesmo tempo, representa avanço científico e controvérsias polêmicas.

A ideia de poder clonar um ser vivo, ou mesmo uma pessoa, é algo que nos enche de perplexidade e assombro. Sensações estranhas que servem para nos advertir de que estamos adentrando território exclusivo do Criador.

Apesar disso, já pensou em como seria se pudéssemos clonar pessoas que prestaram grande serviço a Deus e à humanidade? Já imaginou se pudéssemos ter uma cópia do apóstolo Paulo em cada uma de nossas igrejas? O que dizer de outros grandes homens e mulheres, como Martinho Lutero, Isaac Newton, Ellen G. White, Martin Luther King, Madre Tereza, e etc.?!

É claro que estamos falando de ficção. Além de o material genético dessas pessoas não existir mais, nenhum tipo de clonagem poderia replicar elementos como conhecimento armazenado, experiência adquirida, personalidade, caráter e espiritualidade.

Muito antes de a ciência sequer sonhar com tais avanços, contudo, a Bíblia já falava sobre um tipo ainda mais extraordinário de clonagem, porém livre de polêmicas ou controvérsias. Estou falando do discipulado que, no fundo, significa exatamente isso: criar cópias ou “clones”.

Discipular é quando um discípulo, no exercício do seu discipulado, escolhe uma pessoa a quem se dedicará por um certo período de tempo a fim leva-la à mesma experiência que ele recebeu de quem o discipulou. É um fio que, quando puxado, remonta ao início do ministério de Jesus, na Palestina, cerca de dois mil anos atrás.

Ali, Ele escolheu e discipulou doze homens e os comissionou para irem e fazerem novos discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a guardar todas as coisas que Ele havia ordenado.

À clara exceção de Judas, todos os apóstolos, incluindo Paulo, que veio mais tarde, foram e fizeram exatamente o que o Senhor lhes designou, ou seja, discipularam pessoas. E foi assim que o Cristianismo primitivo se expandiu de maneira fenomenal, chegando até aos confins da terra em pouco tempo.

Isso porque o discipulado cria um sistema de replicação que, uma vez estabelecido, atinge uma escala exponencial de expansão, podendo dobrar seu tamanho inúmeras vezes e chegando a números simplesmente inimagináveis.

São muito significativas as palavras de Paulo em uma de suas cartas, ao dizer: “sede meus imitadores, assim como eu sou de Cristo”. Eis aí o pleno princípio do discipulado: imitar, copiar, reproduzir, multiplicar... clonar!

Quase dois mil anos se passaram desde que Jesus deu a Seus discípulos a ordem de gerar novos discípulos e aqui estamos nós, no século 21, como Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Contamos com mais de vinte e um milhões de membros espalhados por mais de duzentos países ao redor do mundo. Contudo, os números cada dia nos levam a questionar sobre quão bem ou quão efetivamente estamos cumprindo a ordem do Mestre.

Representamos menos de 0,3% da população mundial atual. No entanto, por menor que esse número seja, não é ele o que realmente deve nos preocupar. Afinal, foi com apenas treze homens que o evangelho alcançou o mundo antigo, e sem contar com os meios de transporte e comunicação que temos hoje.

O que realmente deve estar no foco dos nossos pensamentos atualmente é: quantos, dentre esses vinte e um milhões de membros, podem ser considerados discípulos de Jesus?

Satanás tentou de inúmeras formas destruir o Cristianismo. Depois de tantas tentativas frustradas, parece que ele entendeu sobre quais bases Jesus edificou Sua igreja. Assim, ele passou a mirar seus mais primorosos esforços precisamente contra esses fundamentos, a saber:

- 1) A mensagem ou a doutrina da igreja;
- 2) A incorporação orgânica da igreja, ou seja, a maneira como os novos membros se tornavam membros do grande corpo de Cristo, tendo sua

rotina religiosa e missional concentrada em grupos menores;

- 3) O *modus operandi* da igreja, isto é, o seu método de operação, que lidava essencialmente com a produção de novos discípulos.

O inimigo começou a atacar essas bases e, ao longo dos séculos, ele obteve grandes resultados. Primeiro, ele introduziu uma porção de doutrinas falsas que, pouco a pouco, foram sendo misturadas às doutrinas bíblicas e encravadas no coração da igreja cristã. Boa parte delas está espalhada por aí até hoje.

Ele também provocou uma eliminação dos núcleos menores, por desconstruir o conceito de “onde estiverem dois ou três”, ao mesmo tempo exaltando o conceito de grandes concentrações.

Como resultado de tudo isso, ficou muito fácil para ele conseguir desestimular o discipulado. Ele levou os próprios cristãos a fazerem todas essas coisas, o que também serve de alerta para nós quanto a sua astúcia e capacidade. E ela só aumenta, não diminui.

Saltando um pouco no tempo, chegamos à primeira metade do século XIX, e você já conhece a história. Um pequeno grupo desapontado se debruça sobre as Escrituras para entender o que, de fato, havia acontecido em 22 de outubro de 1844.

É muito interessante notar que os primórdios do movimento adventista foram fortemente marcados por aquelas mesmas três bases: 1) estudo da doutrina; 2) pequenas reuniões de oração; e 3) discipulado. O resultado

foi o início de uma das organizações mais admiradas do planeta Terra.

Contudo, não foi apenas para ser uma organização admirada internacionalmente que Deus levantou essa igreja, mas sim para cumprirmos uma missão. E por falar em missão, apresentaremos aqui realidades que revelarão quão aquém estamos de seu cumprimento.

Como foi, porém, que chegamos a esse ponto? O que aconteceu? Qualquer que seja a resposta, tenha certeza: ela lida com aquelas mesmas três bases, das quais nesse capítulo destacarei a terceira, ou seja, a produção de novos discípulos.

Não é tão difícil produzir membros de igreja, e isso é o que mais temos feito já por gerações. Essa estratégia apresenta resultados muito rapidamente. O problema é que esses mesmos números, quando analisados mais amplamente no longo prazo, revelam a ineficácia desse método de trabalho e sinalizam que precisamos de uma mudança de curso.

Produzir discípulos, por outro lado, é trabalhoso e requer muito mais tempo e paciência. Mais do que isso, não dá resultados imediatos! Lembre-se que Jesus passou três anos e meio disciplinando os doze, cujos frutos só apareceram depois de ele ter partido para o céu. Ele pagou o preço do discipulado, o qual muitos de nossos líderes não estão dispostos a pagar. Fazer discípulos, no entanto, foi a ordem expressa do Senhor, e é a única coisa que realmente vai fazer a diferença no cumprimento da missão da igreja.

Eu não pretendo criar polêmica alguma com respeito aos números, até porque o crescimento e a multiplicação são marcas do evangelho de Cristo. Os números, assim, nos oferecem um extraordinário potencial de avaliação.

A meu ver, o que precisa ser urgentemente revisto é o nosso *modus operandi* ou a maneira como temos buscado cumprir a missão. Pra ser mais claro, nossas metas têm sido concebidas para produzir membros de igreja e não, necessariamente, discípulos.

Antes de batizar as pessoas, precisamos conduzi-las num processo de discipulado que resgate as antigas bases deixadas por Jesus. Lembra-se delas?

- 1) Gastar mais tempo no preparo doutrinário e espiritual dos candidatos;
- 2) Investir mais na criação de vínculos entre os candidatos e a comunidade da igreja, especialmente através dos pequenos grupos e do apadrinhamento;
- 3) Nos dedicar mais em capacitar, acompanhar e mentorear os candidatos na missão, para que eles também se envolvam na tarefa de fazer novos discípulos.

Foi exatamente isso o que propus àquele líder da Associação, na conversa que eu mencionei no capítulo nove, explicando por que eu queria reduzir o alvo de batismo do meu distrito. Sua resposta, no entanto, foi a seguinte: “Eu ouço isso aí desde que entrei no ministério. Isso não funciona, porque se eu mudar o discurso diante dos pastores e começar a enfatizar a qualidade, aí eles vão para ‘as cordas’, ou seja, vão trabalhar menos e ficar mais em casa. Você tem que entender, Tomaz, que o maior problema da igreja não é a igreja. O maior problema da igreja é o ministério [pastores].”

Obviamente, a grande preocupação desse obreiro era com os relatórios de batismo e, nesse ponto, ele não estava

errado. Os números de batismo inevitavelmente diminuirão. Esse é um aspecto do preço do discipulado, e no começo ele é alto, principalmente por dois motivos:

- 1) Não vamos mais batizar sem garantia de que o processo de discipulado está sendo seguido, o que requer a criação de um programa para acompanhamento de cada etapa do discipulado pela qual o candidato precisa passar;
- 2) Vamos gastar tempo reorientando a mentalidade dos membros da igreja, ao mesmo tempo buscando fortemente envolver os inativos, bem como ajustando o método de trabalho dos que já atuam na missão.

Uma vez solidificadas essas bases, os resultados começarão a aparecer, tanto em qualidade como em quantidade, e tomando proporções que muito nos lembrarão o período apostólico da igreja: “E a Palavra de Deus era divulgada, de modo que se multiplicava grandemente o número dos discípulos em Jerusalém; inclusive, muitos sacerdotes obedeciam a fé.”¹³³

A última vez que a IASD conseguiu dobrar seu número de membros foi em 2016, quando atingimos a marca de vinte milhões de adventistas. Contudo, você sabe quanto tempo levou para essa dobra acontecer? Dezoito anos! Foi em agosto de 1998, afinal, que havíamos atingido a marca de dez milhões adventistas no mundo todo.

¹³³ Cf. Atos 6:7. Veja também Atos 2:47, 4:4, 5:14, 6:1, 9:31, 12:24, 16:5, 19:20, 21:20, Colossenses 1:5-6.

Não estou dizendo que devemos criar novas provas de discipulado ou que devemos estabelecer um tempo mínimo para admitirmos alguém para o batismo. Nesses quesitos, cada pastor deve ter autonomia para, livre de qualquer tipo de pressão, tomar a melhor decisão em conjunto com os líderes locais e com o próprio candidato.

Pra você ter uma ideia do imenso potencial que o discipulado oferece à igreja, suponha que o tempo médio de preparo de um novo discípulo seja de três anos. Isso significaria que a cada três anos, veríamos nosso número dobrando de tamanho, e não a cada dezoito anos!

E quando falo em novos discípulos, estou falando de homens e mulheres que: 1º São firmes nas doutrinas e no estilo de vida bíblicos, além de serem fiéis nos dízimos e nas ofertas; 2º Amadureceram e se aprofundaram no relacionamento com os demais irmãos; e 3º Somam esforços decisivos no cumprimento da missão.

Nada disso é novidade pra ninguém. Tanto no voto proferido antes da cerimônia batismal, como na ficha de batismo, temos a oportunidade de verificar que tipo de preparo um candidato tem recebido. Segundo o Manual da Igreja, “Um pastor deve demonstrar para a igreja, por um exame público, que os candidatos foram bem instruídos, estão comprometidos a dar esse importante passo e, *por prática e procedimento, demonstram voluntária aceitação das doutrinas e dos princípios de conduta da igreja*, os quais são a expressão exterior daquelas doutrinas”.¹³⁴

¹³⁴ Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Edição 2015, p. 46, *italicos* nossos.

O fato é que, pela falta desses cuidados, vemos dentro de nossas igrejas muitos membros que não entendem nem o mínimo sobre profecias e até sobre doutrinas bíblicas elementares; que vivem um estilo de vida diverso daquele que sustentamos; que desprezam os escritos de Ellen G. White; que não se importam se estão em dia com Deus em suas finanças; que não fazem o mínimo esforço para alcançar outros com o evangelho; e assim por diante.

A culpa disso – se é que precisamos falar em culpados – não é dessas pessoas. A culpa é nossa! Como disse muito corretamente Ellen G. White, não é razoável de nossa parte ensinar tão pouco às pessoas e, depois de as batizarmos, ficarmos chocados por elas não viverem à altura do que sabemos ser correto! “Deus se agradaria mais – ela diz – de ter seis pessoas verdadeiramente convertidas à verdade do que sessenta que fazem profissão de fé nominal, mas não se converteram de todo.”¹³⁵

Considere um levantamento feito no site do Departamento de Arquivos, Estatísticas e Pesquisas da Associação Geral, relativamente ao crescimento real do número de membros da IASD.¹³⁶

Como base, tomaremos o período de 2007 a 2019, ou seja, os últimos treze anos. Selecionaremos apenas os dados da Divisão Sul-Americana, que é a nossa Divisão, e os da Igreja Adventista em nível mundial, pra termos um panorama local e também global.

¹³⁵ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 369-70.

¹³⁶ Para uma visão geral de todos os dados apresentados, consulte a tabela disponível no anexo 5. Fonte: <https://documents.adventistarchives.org/Statistics/Forms/AllFolders.aspx> (Annual Statistical Reports)

Nesse período, batizamos pouco menos de três milhões de pessoas na DSA e mais de quinze milhões de pessoas no mundo todo. São números consideráveis e chama a atenção o fato de que os batismos da DSA representem quase 20% do total global!

O problema é que a maioria dessas pessoas que batizamos não permaneceram na igreja. Pra se ter uma ideia, no final de 2006 a IASD contava com pouco mais de 15 milhões de membros no mundo. Treze anos depois, no final de 2019, esse número aumentou para pouco mais de 21,5 milhões. Daí nós vibramos muito: “Aleluia! A igreja está crescendo! Jesus está mais perto de voltar!” Mas continuemos nossa análise. Lembra-se que eu falei que nestes treze anos a igreja batizou mais de quinze milhões de pessoas no mundo e que o número de membros no final de 2006 era de um pouco mais de quinze milhões? Isso significa que, descontando o número de membros que morreram nesse período, que foi de 723.478, era para termos trinta milhões de membros, não fosse a alta taxa de apostasia que, nesse caso, levou embora mais de oito milhões de membros, isto é, o equivalente a 53,24% do total que batizamos.

Seguindo a mesma lógica, no final de 2006 a IASD contava com mais de 2,6 milhões de membros no território da DSA. Treze anos depois, no final de 2019, esse número caiu para um pouco menos de 2,55 milhões. Como eu havia falado, nestes treze anos a igreja batizou quase três milhões de pessoas na DSA, ou seja, descontando o número de membros que morreram nesse período, que foi de 153.188, era para termos cerca de 5,5 milhões de membros, não fosse a

altíssima taxa de apostasia que, nesse caso, levou embora o equivalente a 98,27% do total que batizamos, ou seja, quase três milhões de membros.

Antes de continuar, deixe-me esclarecer que infelizmente a ocorrência de apostasia na igreja é inevitável, ainda que tudo que façamos seja perfeito. Afinal, assim como o céu não foi bom o bastante pra Lúcifer e o reino porvir não era tão atraente para Judas, há pessoas que inevitavelmente vão abandonar a fé, pois elas são livres para entrar e para sair. O problema é quando os números revelam que estamos perdendo almas numa proporção tão gritante!

Tanto no caso da IASD em nível mundial, como no da DSA, o percentual de apostasia não se refere necessariamente aos batismos que foram feitos dentro desse período de treze anos. É provável que uma parte dessas pessoas tenha ingressado na igreja antes disso.

Note-se, também, que a DSA tem encorajado os campos a promoverem uma constante atualização na secretaria das igrejas, o que acaba resultando num aumento acumulado da taxa de apostasia. Ainda assim, esta não deixa de ser uma realidade extremamente alarmante, pois, tenham essas pessoas efetivamente deixado a igreja há dois ou mais anos, o fato é que não conseguimos mantê-las.

Um outro dado que chama a atenção é que uma parte dos membros que temos batizado já foram membros da igreja, ou seja, foram rebatizados. Isso nos leva a um outro dado preocupante: temos rebatizado muito além do recomendado pelo Manual da Igreja, que assim afirma: “O rebatismo deverá ocorrer apenas em circunstâncias especiais e será relativamente raro. Administrar o batismo repetidamente

ou com motivação emocional deprecia seu significado e representa incompreensão da solenidade e significado que as Escrituras atribuem a ele.”¹³⁷

Isso é tão notável que, desde 2017, o relatório estatístico anual da Associação Geral começou a incluir a quantidade de rebatismos separados dos batismos. Somando 2017, 2018 e 2019, a taxa de rebatismos foi de pouco mais de 4% para a igreja mundial. Já na DSA, esse número foi superior a 12%, ou seja, das 572.918 pessoas que batizamos nesses três anos, 85.156 já haviam sido batizadas pelo menos uma vez na IASD, representando 50% dos rebatismos feitos em todo o mundo.

Eu espero que, a essa altura, esteja ficando claro pra você o impacto causado pela falta de um sólido programa de discipulado na vida da igreja. Temos trazido um número até significativo de pessoas pela porta da frente, porém, por não as estarmos discipulando, elas se atropelam para sair pela porta dos fundos. Algumas delas, entre uma e outra curva do caminho, se veem numa espécie de *looping*, transitando com certa frequência entre a porta da frente e a dos fundos, sem conseguir se firmar.

Em resumo, quando nosso esforço é por produzir membros, o trabalho termina quando batizamos as pessoas. E muitos testemunham que, de fato, depois do batismo se sentiram abandonados. Quando nosso esforço é por produzir discípulos, porém, o trabalho só se encerra quando as pessoas começam a produzir frutos por si mesmas, e assim sucessivamente.

¹³⁷ Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Edição 2015, p. 46, *italicos nossos*.

Não é meu propósito execrar ou menosprezar avanços evangelísticos importantes que nossa denominação fez nesse mesmo período, apesar dessas realidades que eu apresento. A TV e a Rádio Novo Tempo, por exemplo, têm alcançado cada vez mais pessoas e as preparado para colheitas em toda a América do Sul.

Meu propósito é chamar a atenção para o fato de que é somente através do discipulado que ganharemos almas da maneira como Jesus nos ensinou. Se não repensarmos hoje todas essas coisas para buscarmos corrigir nosso curso, estaremos colocando em perigo nossa missão e nossa identidade, além das milhões de almas que até conseguimos aproximar de Cristo, mas que falhamos em comprometer com Sua cruz.

O objetivo por trás de pregar o evangelho é restaurar a imagem do Criador nas pessoas, ou seja, fazer delas cópias de Jesus, que, por suas vezes, farão novas cópias de Jesus, e assim sucessivamente.

Voltando à ovelhinha Dolly, uma curiosidade é que o processo de clonagem fez com que ela nascesse com uma predisposição genética para desenvolver uma doença pulmonar. Por isso, com apenas sete anos de vida, sua capacidade respiratória já estava comprometida, motivo pelo qual ela teve de ser sacrificada.

Mas bem antes disso, ela deu à luz seis filhotes saudáveis! Semelhantemente, nunca se conseguiu nem se conseguirá uma cópia perfeita de Cristo! Mesmo assim, ainda que tão imperfeitos quanto a ovelhinha Dolly, os novos discípulos carregam o mesmo princípio, a mesma semente semeada pelo Mestre há dois mil anos, a qual, regada pela chuva serôdia do

Espírito nos últimos dias, redundará numa colheita extraordinariamente abundante antes do retorno do Senhor.

Antes que seja tarde, portanto, temos de admitir que precisamos de uma mudança de rumo em relação ao nosso modo de trazer pessoas para a igreja. Precisamos investir muito mais no discipulado, pagar o preço exigido, com paciência e confiança de que ele nos dará êxito em preparar um exército de testemunhas que, pessoa por pessoa, iluminarão o mundo com a glória de Deus.

Membro da Igreja versus Discípulo de Cristo

O membro deseja pertencer; o discípulo, trabalhar.

O membro deseja consumir; o discípulo, servir.

O membro é estéril; o discípulo é fértil.

O membro opta pelo social; o discípulo, pelo missional.

O membro se satisfaz com o que os outros fazem para ele.

O discípulo se satisfaz com o que ele faz para outros.

O membro é feliz com bons programas de igreja. O discípulo é feliz com novos lares abertos ao evangelho.

O membro espera contrapartidas em razão de “seus” dízimos e ofertas.

O discípulo adiciona aos dízimos e ofertas o seu serviço abnegado.

Para o membro, a missão é dos pastores. Para o discípulo, a missão é dos perdoados.

Para o membro, a igreja é o fim da jornada. Para o discípulo, a igreja é só uma ponte para o céu.

Para o membro, nenhuma alma vale mais do que a sua.
Para o discípulo, uma alma perdida vale tanto quanto a de todas as salvas juntas.

Não basta ser membro da igreja. É preciso ser discípulo de Cristo!

14.

A Doença do Ultrapragmatismo

Ser pragmático é muito importante, pois a prática é o termômetro que indica o nível de validade e aplicabilidade de conceitos teóricos. Em outras palavras, a prática é a materialização e o teste daquilo que é ensinado, a fim de se verificar sua consistência.

Por outro lado, sem uma teoria bem elaborada, sem uma essência, além de não se saber ao certo o que praticar, não haverá parâmetros para avaliação das ações praticadas.

Nesse sentido, percebemos quão essencial para a igreja é o constante diálogo e equilíbrio entre a academia e o ministério.

Chamamos de academia todo o ambiente que produz ou lida com as doutrinas e fundamentos teóricos da igreja, como os seminários teológicos, os centros de pesquisa e as editoras. Já por ministério, entendemos o meio pastoral em geral.

Na igreja adventista, é o ministério, notadamente sua administração, quem dirige todos os ramos da obra, inclusive a academia. Não é de admirar, portanto, que ao longo

do tempo o pragmatismo foi hipertrofiado, chegando a uma primazia absoluta sobre a academia, a qual acabou tendo sua função atrofiada nas decisões administrativas e na própria vida ministerial da igreja.

“Afim, teologia para quê? Só para fins doutrinários?” Foi a essa pergunta que cheguei pouco depois de entrar no ministério. No seminário, recebemos tantos conceitos, elaboramos tantos planos, estabelecemos tantos ideais, só para chegar no ministério e ver que ele foi resumido a três elementos: 1. Alcançar o alvo de batismos; 2. Fazer crescer os dízimos; 3. Seguir à risca a agenda de programas da igreja.

No meu primeiro ano como pastor aspirante, parei diante de um círculo de pastores bem mais experientes que eu, a fim de aprender alguma coisa. Alguns deles estavam às portas de sua jubilação. Como que instintivamente, eles se dirigiram a mim e disseram: “Tomaz, esqueça tudo o que você aprendeu na faculdade. Aqui a realidade é outra. Grego, Hebraico, exegese e etc. só servem à medida em que te levam a atingir os alvos.”

O pior não foi ter ouvido aquelas palavras de quem dedicou toda sua vida ao ministério, mas, sim, ver no dia a dia da vida pastoral a concretização delas. Com isso, apesar dos variados aspectos positivos do ministério, muitos pastores adventistas por vezes experimentam uma desanimadora sensação de frustração. Não foi para esse tipo de ministério que fomos chamados e preparados!

No meu último ano na faculdade de teologia, me lembro de uma ocasião em que o diretor da faculdade entrou na sala de aula e desabafou conosco. “Só nós sabemos o quanto

sofremos a cada ano para conseguir chamado para todos os formandos. Agora, querem abrir indiscriminadamente novas faculdades de teologia! Além de não termos corpo docente preparado para isso, não vai haver chamado para tanta gente. Isso é uma irresponsabilidade!”

Dito e feito! Até então, havia apenas duas faculdades adventistas de teologia no Brasil, a saber, a do UNASP-EC e a da FADBA.¹³⁸ Logo depois disso, foram abertas a faculdade de teologia da FAAMA¹³⁹ e a do IAP,¹⁴⁰ sem que se buscasse uma equalização das vagas ofertadas. Isso sem falar da quantidade de alunos brasileiros que buscam o curso de teologia em faculdades adventistas de outros países, como Argentina, Bolívia e Peru.

Assim, quando as primeiras turmas começaram a se formar nas novas faculdades, a competição pelas vagas no ministério adventista aumentou exponencialmente, levando centenas de graduados a ficar sem um lugar para trabalhar.

É verdade: a igreja não promete chamado pra ninguém e fazer um curso superior não é garantia de emprego em lugar algum. Embora isso não deixe de ser verdadeiro, alguns fatos evidenciam que uma enorme falha foi cometida.

Até então, o índice de formandos que recebiam um chamado era muito perto de 100%, apesar das dificuldades. A turma em que me formei, por exemplo, teve 114 formandos e, com algumas poucas exceções, todos receberam um chamado oficial.

¹³⁸ Faculdade Adventista da Bahia, localizada em Cachoeira – BA.

¹³⁹ Faculdade Adventista da Amazônia, localizada em Benevides – PA.

¹⁴⁰ Instituto Adventista Paranaense, localizado em Ivatuba - PR.

Com um índice de chamados tão positivo, havia uma segurança de que, a menos que o estudante não conseguisse se formar, suas chances de entrar no ministério eram elevadas.

Alguns argumentam que é benéfico para a igreja ter mais formandos do que vagas, a fim de selecionar os melhores para ingressar no ministério. Não seria mais justo, contudo, fazer essa seleção antes de essas pessoas deixarem tudo para estudar teologia?

É preciso entender que a formação em teologia, por ser bastante específica, não vai servir para quase nenhuma carreira profissional secular. Assim, deveria ter-se assegurado de que aqueles que sonhavam com o ministério e que queriam ingressar na faculdade de teologia fossem alertados sobre as mudanças.

As faculdades de teologia deveriam ter esclarecido ao público (inclusive nas propagandas do curso teológico) que, devido ao aumento do número de faculdades, a perspectiva de chamado havia sido reduzida drasticamente.

Além de nada disso ter sido feito, esse é um assunto sobre o qual ninguém se pronuncia. O problema está aí e todo o ministério adventista está sendo afetado por ele. Não se sabe, contudo, de onde partiu esse plano. Não se sabe quem o sancionou e por quê. Não se sabe nem mesmo dizer quantos graduados em teologia ficaram sem um chamado oficial, embora estime-se que sejam mais de quinhentos.

Trocando em miúdos, depois de quatro longos anos lutando e sofrendo para se manter na faculdade, por vezes com esposa e filhos, muitos formandos se viram obrigados a voltar para sua família e tentar reinventar sua vida.

A situação precisou chegar a um ponto crítico para, finalmente, as faculdades de teologia reduzirem o número de vagas. O estrago, porém, já estava feito e, por mais que ele não afetasse a vida de quem o causou, prejudicou sobretudo os que tiveram de arcar com as consequências.

Foi criado, assim, uma espécie de subchamado no ministério adventista. Ou seja, formados em teologia começaram a ser contratados sob condições mínimas para atuar como obreiros bíblicos e auxiliares em distritos pastorais.

Não há nada de errado em fazer sacrifícios em favor do evangelho. Tanto o Cristianismo como o Adventismo foram erguidos sobre um alicerce salpicado com sangue, suor e lágrimas de seus pioneiros. Estamos falando, contudo, de decisões erradas que trouxeram sofrimento desnecessário para famílias e desigualdade para o ministério, sem que sequer se falasse sobre o assunto.

Nas organizações em geral um erro como esse custaria o cargo e até o emprego dos responsáveis. Apesar de nossa organização ser séria e respeitável, até agora ninguém foi responsabilizado.

No fim, o resultado disso é um enfraquecimento do corpo ministerial, uma vez que toda essa pressão envolvendo o chamado dos novos obreiros terá o efeito de subjugar-los a qualquer coisa que lhes dê uma oportunidade de entrar e se manter na obra. São pessoas vivendo sob grande tensão e intensa expectativa de receber um chamado, impelidos a competir com outros na mesma condição e a produzir qualquer tipo de resultado que lhes recomende para a primeira vaga que se abrir.

Tudo isso exemplifica exatamente o que estamos falando nesse capítulo. Temos adotado um tipo exacerbado de

pragmatismo, que tende a ignorar contribuições relevantes que, como no exemplo que acabamos de tratar, teriam evitado uma catástrofe.

Mais do que isso, esse ultrapragmatismo tem reduzido nossa profundidade teológica e desprezado muitos dos parâmetros missiológicos da Bíblia. Em outras palavras, os métodos, as estratégias e os padrões muitas vezes parecem recair sob a subjetividade da filosofia *whatever works*, ou seja, o que quer que dê resultado é aceitável.

Qualquer pessoa que ocupe um cargo de responsabilidade sabe que nem sempre é fácil tomar uma decisão, principalmente quando ela tem tantas variáveis e está revestida de tanta pressão. É justamente por essa razão que é necessário ter ouvidos abertos para ouvir, especialmente quando alguém fala dos impactos que certas decisões terão sobre a vida de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Da mesma forma, como introduzimos no capítulo oito, a missão da igreja precisa ser bem compreendida pelos líderes dos diferentes níveis da organização. Do contrário, os organismos da igreja se encontrarão marchando cada um para uma direção diferente. Além de ser impossível chegarmos a um mesmo destino, colheremos inúmeras tensões, desgastes e disputas sem fim sobre qual deveria ser nosso foco.

O fato é que, como tudo o mais que tange os pilares doutrinários da igreja, o tema da missão é altamente teológico, e a maneira *resultadista* ou *numericista* com a qual temos lidado com ele mostra que não o compreendemos satisfatoriamente.

Como demonstrado no capítulo anterior, batizamos um número até relevante de pessoas, mas poucas permanecem

na igreja e a maioria das que ficam não frutificam. Isso sem levar em conta que um bom número dos batismos que contabilizamos são de pessoas que já eram adventistas, além das crianças que crescem na igreja.

Isso tudo revela que, assim como nossos índices de crescimento real e de discipulado são pequenos, também é pequena nossa capacidade de alcançar pessoas de fora do nosso círculo.

A meu ver, enquanto estamos nessa corrida maluca por números de conversos, muitas vezes exagerando nos apelos para batismos, deveríamos estar mais preocupados em proclamar a mensagem para mais pessoas.

De fato, temos pregado para poucas pessoas e insistido demasiadamente para que elas se batizem e se tornem membros da igreja. Deveríamos, contudo, estar pregando pessoalmente pra muito mais gente e deixando ao Espírito Santo a obra de conversão.

A ordem de Cristo foi para pregarmos o evangelho a todas as nações e Ele nos ensinou que deveríamos fazer isso através do discipulado, do ensino doutrinário e do batismo. A ideia original, portanto, é a de formar uma equipe e uma estrutura que nos possibilite pregar para toda a humanidade.

Isso nunca significou que vamos converter a todos. Uma coisa é pregar. Outra coisa é converter. São duas coisas bem diferentes! E nós temos que ter consciência disso e ajustar nosso trabalho, concentrando-nos em pregar, não em converter pessoas.

Em grande medida, temos assumido uma responsabilidade que é do Espírito Santo e, assim, atrapalhando a

Sua obra de conversão. É como a conhecida ilustração da lagarta que entrou no casulo e, borboleta formada, lutava pra se desvencilhar do invólucro. Um homem que observava o “sofrimento” do animal, decidiu ajuda-lo, abrindo o casulo. Pra sua decepção, a borboleta ainda era imatura e, sem poder voar e se alimentar, morreu. A luta do animal para se libertar era, na verdade, parte do seu necessário processo de maturação para uma nova vida.

Nem todos se decidem logo. Alguns levam mais tempo e, tendo isso em mente, devemos respeitar quando alguém diz “ainda não” ou mesmo um resolutivo “não”. Embora isso possa nos entristecer, podemos nos alegrar por ter levado luz a mais uma alma no planeta terra.

Todos esses foram aspectos que Jesus deixou muito claro ao enviar os setenta. Ele disse: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.”¹⁴¹ Em outras palavras, nesse caso nossa missão se encerrou quando demos à pessoa a oportunidade de se decidir.

Jesus comparou os cristãos vivendo nos últimos dias com o patriarca Noé. Noé pregou por muito tempo, porém ninguém deu crédito à sua palavra. No dia em que ele entrou na arca e a porta foi fechada, sua missão estava cumprida.

O autor da carta aos Hebreus chega a dizer que, embora Noé tenha aparelhado uma arca para a salvação, por ela também trouxe condenação ao mundo, pois, com exceção de sua casa, todos optaram por ficar do lado de fora.¹⁴²

¹⁴¹ Cf. Mateus 10:14

¹⁴² Cf. Hebreus 11:7. Veja também 2Pedro 2:5.

Noé pregou e fez apelos, mas não obrigou ninguém a entrar na arca. Sua mensagem, contudo, chegou a todos e ela tinha tanto o poder de salvar a quem cresse, como o de condenar a quem rejeitasse. Por mais severo que isso possa soar, esse é exatamente o mesmo papel que devemos desempenhar nos dias anteriores à vinda do Filho do Homem!

O propósito divino é dar a cada pessoa na face da terra a chance de, pelo menos uma vez, ouvir a mensagem do evangelho, entendê-la claramente e decidir conscientemente se a aceita ou se a rejeita. Não quer dizer que não devamos apelar. Claro que devemos apelar! Porém, devemos sempre levar em consideração o livre arbítrio das pessoas, respeitando sua decisão e, também, entendendo seu grau de maturidade para tomá-la. Em todo o caso, sempre será um apelo que visa à salvação das pessoas, não ao atingimento de metas pessoais ou corporativas.

Uma das coisas mais duras na minha experiência como pastor adventista foi estar diante de pessoas a quem iria batizar e, lá no fundo, me alegrar porque elas representavam um número a menos no meu alvo anual de batismo!

Isso nunca deveria passar pela mente de um pastor! Já disse que não tenho problemas com números, principalmente pelo seu potencial de avaliação e ajuste. Uma coisa, porém, é avaliar os números alcançados; outra, completamente diferente, é fazer o ministério girar em torno de números a serem atingidos.

Esse é um ponto que cada presidente de Associação deveria levar muito a sério, isto é, o impacto que os alvos que eles estabelecem terão na mente do pastor, na linha de frente da batalha pela salvação de almas.

As pessoas, suas histórias e experiências, são muito mais do que números. O foco em números, na verdade, atrapalha nossa percepção do valor individual das pessoas e diminui nosso júbilo por sua salvação, pois nos lembra que ainda faltam X almas para completarmos o alvo e, assim, podermos sair de férias tranquilamente!

Tudo isso me faz lembrar da parábola das cem ovelhas, das quais uma se extraviou. Embora representasse tão pequena perda para quem tinha tantas ovelhas, o pastor da parábola deixou as outras noventa e nove ovelhas em segurança e foi em busca da que se perdeu. Depois de encontrá-la, ele fez uma grande festa e convidou todo mundo para celebrar por uma ovelha que conseguiu resgatar. “Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.”¹⁴³

Muitas dessas coisas vez ou outra aparecem nos periódicos ministeriais da igreja, como a *Revista Ministério*, em alguns livros e, também, em produções científicas, como artigos, monografias, dissertações e teses. Não são, portanto, assuntos novos e com os quais não estamos familiarizados.

– Então por que isso não muda, pastor Tomaz?

Na ocasião em que eu fui questionado pela comissão ministerial em virtude do vazamento da primeira carta, um colega pastor que fazia parte da comissão me perguntou: “Pastor Tomaz, não teria sido melhor você ter transformado essa carta num artigo mais brando, a fim de publicá-lo em um de nossos periódicos?” Minha resposta para ele também responde à pergunta acima: tantos excelentes artigos têm

¹⁴³ Cf. Lucas 15:1-10

sido escritos sobre tanta coisa na igreja, porém sem fazer nenhuma diferença, simplesmente porque nossa liderança ou não os lê ou não os aprecia como deveria!

O que estou tentando defender aqui é que a academia precisa ser fortalecida e que sua voz precisa ser mais apreciada diante dos que administram a obra. Em outras palavras, se um acadêmico ou um corpo de acadêmicos faz observações e recomendações aos líderes da igreja, eles não devem ser perseguidos, preteridos, transferidos contra sua vontade, mas ouvidos e considerados. Na multidão de conselheiros, já dizia o sábio Salomão, existe sabedoria, segurança, êxito e vitória.¹⁴⁴

Por outro lado, nossos acadêmicos não podem se acovardar por medo de represálias, retendo seus conselhos e deixando de dar sua contribuição honesta. Do contrário, terão perdido sua função e, igualmente, serão julgados pelo Senhor pela posição em que lhes colocou e pelo conhecimento que lhes concedeu.

Antes que seja tarde, portanto, precisamos decidir que tipo de liderança apoiaremos em nossa igreja. Uma que equilibra a teoria com a prática, ou uma meramente resultadista? Uma que neutraliza os conselheiros teológicos, ou uma que tira o melhor proveito de suas observações? Uma que assume suas responsabilidades e se pronuncia, ou uma que busca soluções paliativas e se silencia? Uma que entende o peso de cada elemento envolvido na missão, a saber, a mensagem, os mensageiros, o Espírito e os destinatários, ou uma que toma sobre si todo o peso? Uma que, aleijada de uma perna, continuará

¹⁴⁴ Cf. Provérbios 11:14, 15:22-23, 20:18 e 24:6.

caminhando tropegamente, ou uma que, com duas grandes asas, levará nosso povo pelo meio do céu em direção ao cumprimento dos planos divinos?

15.

A Doença da Uniformidade

Um dos temas mais essenciais ao Cristianismo é o da unidade do corpo de Cristo, isto é, a igreja. Em sua célebre oração de despedida, Jesus orou por seus discípulos nos seguintes termos:

“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.”¹⁴⁵

Na busca zelosa pela unidade, infelizmente alguns acabam exagerando e, assim, adentrando o território da uniformidade. As duas coisas podem até guardar semelhanças, porém sua essência é bem diversa.

¹⁴⁵ Cf. João 17:20-23 (ênfase do autor)

Unidade lida com a União de pessoas diferentes ao redor de características intrínsecas em comum. Já uniformidade, lida com o esforço para assemelhar o máximo possível as pessoas, notadamente no seu aspecto exterior.

Nesse sentido, chama a atenção o fato de que, embora tão aparentemente diverso, um grupo de pessoas possa ser tão coeso, ao passo que outro, por mais uniformizado que se mostre, manifeste divergências irreconciliáveis.

A diversidade está presente em toda a criação de Deus, dos planetas às galáxias, dos minerais aos vegetais, dos animais aos seres humanos. Não seria coerente, assim, o Senhor procurar remover essa característica dos membros de Sua igreja.

Esse assunto é muito importante para a igreja adventista, especialmente por ela abraçar uma missão com alcance mundial. De fato, a IASD está presente em centenas de países do mundo e isso, inevitavelmente, resulta em tensões ao redor do tema da unidade.

Estamos espalhados em variadas culturas, línguas e modos de vida. Partilhamos, contudo, de características marcantes que nos ligam intimamente como membros de uma mesma família espiritual, notadamente nossa organização, nossas crenças e nossa esperança no advento.

Cada assembleia da Associação Geral é uma grandiosa oportunidade para entendermos essas coisas de uma maneira mais vívida. Ali, delegados e participantes de diversas partes do globo vêm vestidos com seus trajes locais, louvando a Deus em suas línguas e dialetos, com suas melodias e ritmos singulares, nos dando uma pequena degustação do que é a família adventista mundial.

Apesar de todos esses fatores, a pressão por uniformidade é persistente em muitos lugares do mundo, inclusive no Brasil, e ela vai de membros da igreja até a líderes do alto escalão.

Até que ponto, contudo, a diversidade não afetará a unidade? Mais ainda, a partir de que ponto estamos tentando uniformizar em lugar de unir nossos membros? São dois lados igualmente importantes da mesma moeda, e ambos devem encontrar sua resposta nas Escrituras Sagradas.

Precisamente em temas como esse, precisamos do auxílio da academia para, muito além das vozes, ideias, conceitos e pré-conceitos, entendermos claramente o “Assim diz o Senhor”.

– Pastor, mas e se a Bíblia simplesmente não é taxativa sobre um determinado assunto?

– Bem, então vamos procurar entender até onde ela foi clara em outros pontos que se relacionam com esse assunto. Mais do que isso, vamos procurar por princípios que possam nos orientar até mesmo quando a Bíblia se silencia sobre um assunto.

Uma coisa é certa: nossa busca por respostas nas Escrituras nunca será infrutífera. O que não podemos, no entanto, é manipular a Palavra de Deus, forçando-a, a fim de endossar nossas próprias opiniões e tradições, por mais apoiadores que elas tenham.

A igreja adventista nasceu num tempo e num contexto de forte conservadorismo protestante. Naturalmente, isso teve impacto tanto no entendimento dos pioneiros quanto à doutrina bíblica da modéstia cristã, como na formação de uma cultura bastante preocupada com as aparências.

Desse modo, dois tipos de código de etiqueta e de culto foram sendo praticados pelos adventistas: um oficial, com base em textos bíblicos e regulamentado pelo Manual da Igreja; e outro, extraoficial, com base na cultura protestante e, particularmente, em interpretações de passagens da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White.

Um código apenas já seria o suficiente para o surgimento de dúvidas, reclamações e tensões ao tratar de áreas tão delicadas. A existência de dois códigos, no entanto, e o fato de um ser oficial e o outro não, trouxeram tremenda e permanente confusão para o seio da igreja.

Trocando em miúdos, o código oficial de conduta, isto é, o Manual da Igreja, apresenta princípios e, com base neles, regras de comportamento sobre as quais os membros podem ser disciplinados. Ao estabelecer as razões para disciplina, no entanto, o Manual da Igreja não contempla um código extraoficial de conduta.

É verdade que, dentre as razões para disciplina, a de número 9 oferece margem para interpretações ao estabelecer que uma “conduta desordenada que traga opróbrio sobre a igreja”¹⁴⁶ pode ensejar que alguém receba uma repreensão oficial. Ao falar sobre motivos para disciplinar um membro, contudo, o Manual deixa claro que se trata de pecados graves, não de questões de menor importância.¹⁴⁷

Pense, assim, em quantos membros foram disciplinados por atos como: usar calça, maquiagem e pinturas (no caso das mulheres); beber café, ir ao cinema, ouvir música

¹⁴⁶ Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Edição 2015, p. 64.

¹⁴⁷ Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Edição 2015, pp. 64-65.

secular, namorar pessoas de fora da igreja, e etc. Estou citando apenas alguns exemplos mais corriqueiros, pois já vi e ouvi de muitos outros, por causa dos quais membros adventistas foram disciplinados sem que houvesse qualquer base no Manual da Igreja!

Uma punição injusta até pode ser chamada de disciplina, mas no coração e na mente de quem a receber, a única lição que ficará será de que existe maldade e injustiça até onde se anuncia que o amor e a justiça são as grandes regras da vida.

O Manual é taxativo quanto à disciplina de práticas como: o uso, venda ou fabricação de cigarro, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas; o uso de adornos (joias e bijutérias); violência física; uso, produção ou distribuição de pornografia; sexo fora do casamento; e etc. Em muitos casos, entretanto, o que prevalece é o código extraoficial.

No ano de 2015, a DSA votou um documento intitulado “Estilo de Vida e Conduta Cristã”.¹⁴⁸ Segundo a matéria no site oficial da igreja, seu objetivo era “reafirmar a crença bíblica defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia quanto ao comportamento de um cristão diante de diferentes situações da sua vida cotidiana como recreação, mídia, vestuário, sexualidade, joias, ornamentos e saúde.”

O documento foi lido com grande expectativa por boa parte dos membros, com perguntas do seguinte tipo em sua mente: “Será que vão proibir o batom e a maquiagem?”; “Será que os esmaltes nas unhas serão banidos?”; “Será que

¹⁴⁸ Disponível em <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/>

vão liberar o uso de joias?”; “Será que vão liberar o uso de calça na igreja para mulheres?”; e etc. O documento explicava, no entanto, que a ideia não era substituir a Bíblia e nem criar novas normas, mas sim resumir o que a igreja defende sobre essas questões.

As perguntas que eu mais queria que fossem respondidas e, mais ainda, sanadas eram: “Será que, finalmente, vamos nos posicionar claramente sobre essas questões que têm nos dividido há tanto tempo? Será que, finalmente, vamos ter apenas um código de conduta que tenha a palavra final em nossas igrejas?”

Toda essa confusão não se limitou apenas à aparência pessoal dos nossos membros. Ela também se estendeu à nossa forma de culto. Embora suas implicações não estejam necessariamente relacionadas à disciplina, a adoração foi grandemente afetada, com prejuízo para a experiência dos adoradores.

Semelhantemente ao modo como trata da questão do comportamento dos membros, o Manual da Igreja apresenta princípios para nortear a liturgia dos cultos adventistas. Ele os materializa, contudo, na forma de sugestões, por reconhecer que “as formas do culto variam de um país para outro e de uma cultura para outra.”¹⁴⁹

Princípios são permanentes, enquanto regras são transitórias. As regras são apenas traduções dos princípios para uma determinada realidade. Com a mudança das circunstâncias, no entanto, as regras podem e devem ser ajustadas a fim de manter vivos os princípios.

¹⁴⁹ Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Edição 2015, p. 184.

Em outras palavras, com base em um mesmo princípio, o que era regra no passado – diante de uma conjuntura que havia então – é ajustado ou mesmo substituído por uma nova regra no presente, diante de um contexto diferente.

O problema das normas extraoficiais é que elas atuam de maneira a impor uma adoração padronizada, sem levar em consideração os aspectos culturais e etários dos adoradores. Mais do que isso, essas regras escusas acabam por engessar permanentemente nossa liturgia, impedindo que a adoração se contextualize e, assim, atinja mais eficazmente as novas gerações.

Já falamos um pouco sobre a relação da igreja com as novas gerações. Aqui, porém, vamos tentar estabelecer o maior desafio que enfrentamos nesse sentido.

Sem as novas gerações, a igreja está perdida. Barry Gane expressou isso muito bem ao dizer que “qualquer igreja está a apenas uma geração da extinção”.¹⁵⁰ O fator que mais tem provocado a perda dos nossos jovens, porém, não é externo, mas interno. Me refiro ao natural choque de gerações, que ocorre quando membros de idades diferentes não se adequam e, também, não toleram outros estilos de adoração na igreja.

Os mais antigos tendem a ver como profanos e irreverentes os novos estilos de música, liturgia, sermão, vestuário e etc. Eles recorrem frequentemente a citações de Ellen G. White para apoiar suas posições. Suas referências interiores, no entanto, costumam ser as que marcaram sua

¹⁵⁰ Barry Gane, *O Caminho de Volta* (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 14.

experiência de conversão, ou seja, os “bons e velhos tempos que não voltam mais”.

No caso dos mais jovens, eles têm dificuldade para se conectar espiritualmente através de hinos, ritos e sermões tradicionais. Eles também não conseguem se identificar com um código de vestuário estritamente social. No fim, como geralmente os mais velhos têm mais força nas decisões, a igreja geralmente segue um padrão predominantemente tradicional. Apesar de não se sentirem totalmente satisfeitos, muitos jovens permanecem na igreja. Muitos outros, entretanto, não conseguem ficar e vão se afastando pouco a pouco, até saírem por completo.

Tanto um grupo como outro só querem adorar a Deus, porém cada um do jeito que mais faz sentido para si. Os embates entre as gerações, assim, costumam ser constantes e sobram ofensas, mágoas e frustrações de ambos os lados.

É triste notar que, por vezes, enquanto alguns antigos estão prontos para lançar na perdição boa parte dos jovens, alguns mais modernos parecem querer expulsar da igreja os de mais idade.

É preciso, no entanto, entender a igreja como um encontro de gerações, na qual todas encontrem espaço, valor e tolerância mútua. Todos podem chamar a igreja de “minha”, mas sem esquecer que ela também é “do outro” e, portanto, “nossa”! Acima de tudo, não podemos perder de vista que a igreja é do Senhor e Ele estabeleceu que a regra áurea da igreja é o amor!

Portanto, talvez a maior lição que nossos membros precisem aprender, independentemente de qual geração sejam, é a de que precisam aprender a ceder. É preciso flexibilidade.

É preciso dar espaço para o outro. Essa é uma das faces do amor que mais necessitamos na igreja!

Eu sonho com uma igreja que seja um porto seguro para as diferentes gerações. Onde todos os membros, absolutamente todos, tenham espaço e que, enquanto fazem uso dele, exista alegria no coração dos demais em celebração à diversidade em meio ao povo de Deus!

Para que isso ocorra, é preciso que a igreja se posicione com mais frequência e de maneira mais clara a respeito do que a Bíblia diz, separando o que é princípio do que é tradição. É preciso ensinar mais nosso povo quanto ao assunto da unidade na diversidade, especialmente em preparo para um céu onde se reunirão pessoas de todas as gerações que já nasceram no planeta terra!

Se não fizermos isso, nossa igreja continuará perdendo tempo, energia, foco e membros diante das tensões que orbitam esses assuntos.

O emblemático concílio de Jerusalém, registrado em Atos 15, serve muito bem como parâmetro para essa e muitas outras discussões que, no fim, têm impacto direto sobre a unidade da igreja.

O problema que ocasionou aquela reunião pastoral e teológica foi que alguns cristãos convertidos do Judaísmo, saindo de Jerusalém para Antioquia, começaram a ensinar aos gentios que eles só podiam ser salvos se praticassem os ritos judaicos, especialmente a circuncisão.

Em outras palavras, antes de serem cristãos, os gentios estavam sendo obrigados a se tornar judeus e, assim, manter uma espécie de religiosidade híbrida, que satisfizesse as exigências dos judeus.

Paulo e Barnabé se opuseram veementemente a esses ensinamentos, a ponto de os ânimos se alterarem entre eles e os cristãos judaizantes. A fim de se buscar uma solução definitiva para aquele problema, foi decidido que o assunto seria levado para a sede da igreja naquela época, ou seja, Jerusalém. Ali, juntamente com os apóstolos e os presbíteros, a questão seria discutida e decidida.

O que mais problematizava a disputa era o fato de Jesus nunca ter falado que a circuncisão deveria ser descontinuada. Aos apóstolos, assim, coube a imensa responsabilidade de estabelecer novos paradigmas e, com base na revelação, tomar decisões inéditas.

Havia muito mais em jogo do que uma leitura superficial do relato pode demonstrar. Os cristãos judaizantes estavam ganhando terreno e se espalhando por diversos lugares. Eles ensinavam sobre Cristo, porém se mantinham apegados às tradições judaicas que, no fim, acabavam por anular a graça e o sacrifício de Jesus.

Era essencial, portanto, que o assunto fosse resolvido firmemente e de uma vez. Mesmo uma postergação de sua resolução poderia ter custado muito para a igreja. Os conflitos só aumentariam e tomariam o espaço da pregação do evangelho. Muitas pessoas abandonariam a fé e a igreja deixaria de avançar num momento em que sua sobrevivência dependia de sua rápida expansão.

É notável que aquela não foi uma reunião secreta. O próprio relato afirma que uma multidão estava presente.¹⁵¹

¹⁵¹ Cf. Atos 15:12

Havia um problema e ele era público. Não houve esforço para escondê-lo, muito menos para suavizá-lo.

Pedro abriu o discurso falando sobre como as revelações do Senhor lhe levaram a aceitar os gentios convertidos a Cristo, sem distinção alguma. A purificação que eles receberam, salientou Pedro, se deu no seu próprio coração, ou seja, independentemente de ritos judaizantes. Na última parte de sua fala, o apóstolo deu seu parecer com firmeza: “Agora, pois, por que tentais a Deus, *pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?* Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram.”¹⁵²

Logo em seguida à fala de Pedro, Paulo e Barnabé relataram sobre como o Senhor os havia usado prodigiosamente para ganhar os gentios para Cristo. Finalmente, Tiago tomou a palavra e, como líder da igreja em Jerusalém, apoiou o parecer de Pedro, citando profecias das Escrituras que indicavam que os gentios seriam integrados ao povo de Deus.

Do mesmo modo como Pedro, Tiago deu o seu parecer com firmeza, dizendo: “Pelo que, julgo eu, *não devemos perturbar* aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue.”¹⁵³

A questão foi resolvida, portanto, com uma solução que tinha base tanto nas Escrituras antigas, como nas novas revelações concedidas a Pedro. A recomendação de

¹⁵² Cf. Atos 15:10-11 (Itálicos nossos)

¹⁵³ Cf. Atos 15:19-20 (Itálicos nossos)

Tiago, da mesma forma, seguia o que já havia sido preconizado na Torá quanto aos estrangeiros que se achegavam ao povo de Israel.¹⁵⁴

Em resumo, a ideia de Tiago garantia que alguns elementos comuns fossem mantidos entre judeus e gentios cristãos, de maneira a facilitar seu relacionamento e identificação. Notavelmente, esses elementos não consistiam de ordens rituais. Na verdade, eram restrições quanto a práticas que estavam muito relacionadas com o paganismo greco-romano. Em outras palavras, ao se absterem de tais práticas, os gentios convertidos dariam prova suficiente de que, de fato, haviam deixado completamente sua religião anterior para seguir apenas a Cristo.

O relato de Lucas em Atos 15 registra a satisfação da comunidade de crentes ao receberem as notícias do resultado do concílio. Uma pequena epístola foi preparada com um resumo dos fatos e das decisões tomadas. Também mensageiros oficiais foram eleitos para entregar a mensagem. “Quando a leram, sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido.”¹⁵⁵ Finalmente, apesar de sua diversidade, eles podiam marchar e avançar em unidade!

Não tenho a menor dúvida de que tudo isso estava na mente de Agostinho, bispo cristão na cidade de Hipona, ao ensinar que, no essencial, precisamos ter unidade; no não essencial, podemos ter liberdade; em todas as coisas, contudo, devemos demonstrar caridade (que também pode ser traduzido como amor ou misericórdia).

¹⁵⁴ Cf. Levítico 17-18

¹⁵⁵ Cf. Atos 15:31

Já falamos sobre a necessidade da academia em questões que, como essa, têm potencial para gerar conflito e Divisão na igreja, impedindo que ela se desenvolva. Como vimos mais cedo nesse capítulo, nossos membros por vezes se encontram divididos sobre questões relacionadas à aparência pessoal, ao consumo de certos alimentos e ao estilo de culto.

Não seria o momento de, à semelhança de Atos 15, buscarmos por um inequívoco “Assim diz o Senhor” quanto a essas coisas? Afinal, será que não estamos impondo um jugo pesado a nossos membros no tocante a assuntos que, possivelmente, estejam mais baseados na nossa tradição do que na Palavra de Deus? Será, ainda, que não precisamos ceder um pouco mais, especialmente ao lidarmos com interpretações da Bíblia que são controversas mesmo em nosso meio?

*Sejam quais forem as respostas a essas perguntas, **antes que seja tarde** precisamos fazer todo o esforço possível para termos uma igreja que, de fato, vive o conceito de unidade na diversidade. Precisamos de um claro entendimento da Bíblia sobre os aspectos essenciais que devem nos unir, ao mesmo tempo entendendo e tolerando aqueles não essenciais, que, pura e simplesmente, apenas refletem a beleza de nossa diversidade.*

16.

A Doença da Ultrapublicidade

O final do século XX testemunhou a consolidação de uma das maiores revoluções da história da humanidade: a era digital.

Através de investimentos astronômicos em pesquisa e desenvolvimento, as telecomunicações se expandiram de maneira tal que resultaram numa globalização da economia, das informações, da cultura, da política e dos valores.

Na sequência dessas transformações globais, o século XXI já começou testemunhando outras revoluções globais, das quais se destaca a era virtual, a qual permite e apela pela virtualização da vida humana.

Para ser mais preciso, as experiências do cotidiano das pessoas estão sendo transferidas para o ambiente virtual. Apesar de ainda haver limitação no que tange a uma experiência sensorial, o ambiente virtual tem aberto inúmeras possibilidades para interações simultâneas e sem limite de alcance.

Naturalmente, tudo isso tem atingido as relações humanas, ou seja, a esfera de trabalho da igreja. Dessa forma,

é necessário entendermos bem esses fenômenos e, seguindo os princípios inspirados, tanto marquemos presença no ambiente virtual, como o utilizemos como um meio para espalhar nossa mensagem.

Se não seguirmos os princípios da Palavra de Deus, nos assemelharemos a qualquer das empresas e organizações seculares, cuja única preocupação é fortalecer uma marca, a fim de aumentar seu valor de mercado.

Nosso objetivo como igreja, no entanto, é ensinar sobre o reino de Deus e atrair pessoas para ele. Assim, se nosso foco estiver muito mais numa projeção institucional do que nas pessoas a quem queremos alcançar, nossa legitimidade e influência serão seriamente afetadas.

Como vimos no capítulo onze, existe um esforço enorme em nosso meio para se manter em sigilo questões administrativas da igreja. Por outro lado, tem havido uma ênfase exagerada na publicação de ações sociais, especialmente aquelas com potencial de projetar um líder e sua gestão.

O problema é que ações sociais não equivalem a pregar o evangelho. Ações sociais abrem portas, quebram barreiras, estabelecem diálogos e relacionamentos, porém não podem ser um fim em si mesmas. É verdade, como Tiago disse, que não basta pregar ao que carece de alimento e de roupa, despedindo-o “com paz”, se não o alimentarmos e vestirmos.¹⁵⁶ Da mesma forma, não basta dar o pão material sem oferecer o pão da vida, tampouco doar roupas sem apontar para as vestes da justiça de Cristo.

¹⁵⁶ Tiago 2:15-16

Muitas vezes, tem havido mais preocupação e gasto de energia em mostrar do que fazer. O que mostramos deveria ser a ponta do *iceberg* de nossas ações, não o contrário. Nosso objetivo não é produzir notícias que falem bem da igreja, mas, sim ser uma igreja que faça o bem às pessoas a despeito de qualquer reconhecimento.

Já falamos bastante sobre os fariseus nesse livro. Uma vez mais, porém, o [mau] exemplo deles é digno de nota. Dentre as muitas razões pelas quais Jesus os censurou, estava justamente a doença da ultrapublicidade de seus atos de justiça e feitos honrosos:

“Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.”¹⁵⁷

Na mesma direção, Paulo aconselhava os cristãos: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis

¹⁵⁷ Cf. Mateus 6:1-5

do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo.”¹⁵⁸

Na contramão desses princípios, cresce cada dia mais em nosso meio a *cultura da foto*. Tem de registrar! Depois, tem de mostrar o máximo possível! E já que estamos falando de foto, tem de sair bem nela! A obra precisa continuar, mas ainda estamos trabalhando nas fotos de ontem.

Como falamos alguns parágrafos atrás, há um lugar que a igreja precisa ocupar na era digital. Porém, em hipótese alguma podemos perder de vista os princípios da palavra de Deus. Há lugar para o registro e até a divulgação de nossas atividades, porém temos de evitar os exageros e, principalmente, as pressões por esse tipo de material.

Quem faz muito pouco, geralmente se preocupa muito em mostrar, em diversos ângulos, o pouco que fez. Quem faz muito, no entanto, geralmente está tão focado no seu trabalho que, a menos que outros o mostrem aqui, só serão revelados pelos fiéis registros do céu.

É exemplar a maneira como Jesus lidava com a publicidade. Ele realizava atos miraculosos cujas notícias naturalmente se espalhavam de pessoa a pessoa. É interessante, contudo, que o Senhor advertia aqueles a quem curava para que não divulgassem o milagre feito. A razão para essa atitude residia no simples fato de que o Mestre sabia o poder que a publicidade tinha e, assim, não queria permitir um desvio de função de Suas curas e do Seu próprio ministério.

Jesus não queria ser visto como um curandeiro, mas como o Salvador; não queria ser desejado como um

¹⁵⁸ Cf. Colossenses 3:23-24

filantropo, mas como o pão vivo que desceu do céu; não queria ser exaltado como um revolucionário, mas reconhecido como o Servo Sofredor; não queria ser reverenciado como um rei temporal, mas aceito como a Palavra que Se fez carne.

Dando-nos um perfeito exemplo, Jesus fez muito mais do que pôde ser divulgado, como João registrou em seu evangelho: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.”¹⁵⁹

Semelhantemente, precisamos definir como queremos e como não queremos ser vistos pela sociedade. Sem dúvida, não queremos ser vistos meramente como aqueles que não comem carne de porco ou que “não fazem nada” no dia de sábado. Também não queremos ser vistos simplesmente como aqueles que fazem projetos sociais. Queremos ser vistos, sim, como aqueles que, através de uma pregação profética e um viver coerente, exaltam a Cristo e ensinam as pessoas a se prepararem para Sua breve vinda. Não basta, contudo, querermos ser vistos de uma determinada maneira. Precisamos ser!

Portanto, antes que seja tarde, precisamos ajustar nossos esforços publicitários à visão e à missão que defendemos, dando o somido certo à trombeta, advertindo, assim, o mundo inteiro sobre os eventos decisivos que terão lugar na terra antes da vinda do Senhor!

¹⁵⁹ Cf. João 21:25

17.

Sintomas de um Adventismo Enfermo

Sintomas são manifestações geralmente desagradáveis, aparecendo na forma de dores, alterações, incômodos e desajustes. Mesmo assim, do ponto de vista clínico, os sintomas são muito valiosos, pois sinalizam a presença de uma doença em progresso e alertam para a necessidade de tratamento.

Nenhum dos sintomas que estamos apresentando aqui, portanto, deve ser motivo para desânimo entre nós. ***Ainda não é tarde!*** Se, humildemente, reconhecermos nossas fraquezas e buscarmos corrigi-las com coerência e genuíno compromisso com os princípios celestiais, o Senhor nos ajudará a reverter esse quadro!

O que não podemos fazer é ignorar os fatos. É preciso admitir que estamos perdendo nossa identidade missional como povo. A maior parte de nossos membros não tem engajamento pessoal na missão. Menos de dez por cento de nossos irmãos estão diretamente envolvidos em atividades de testemunho pessoal e de ensino da Bíblia.

Temos ganhado muitos membros para a igreja, mas poucos membros para Cristo. Depois de levarmos alguém ao batismo, lhe apresentamos os cultos e os programas da igreja como o fim do processo. O fim, contudo, é Cristo, isto é, viver uma vida centralizada nEle e em Sua missão.

Os sintomas sinalizam que a maior parte de nossos membros não está vivendo plenamente a experiência da salvação. Apesar de terem seus nomes nos registros da igreja, estão em sério risco de se perderem. Não nos importa que eles pereçam?

Um povo sem uma missão mútua é um povo que, fatalmente, se fragmentará em missões individuais, terrenas e egoístas. Não é sem motivo, assim, que presenciamos disputas por cargos e posições em nossas igrejas. Por outro lado, também temos de lidar com muitos membros que, mais preocupados com seus negócios seculares, se alienam totalmente da missão, por vezes tentando substituir seu envolvimento por seus dízimos e ofertas.

No capítulo quinze, falamos um pouco sobre como as pessoas podem ser grandemente feridas dentro da igreja, em nome de Deus e de tudo mais que é sagrado. O mundo já nos impõe muitas perdas e desafios. A igreja, portanto, deveria ser nosso refúgio, como um oásis entre uma e outra jornada pelo deserto causticante. Em minha experiência cristã, contudo, tenho visto que o ambiente da igreja é precisamente aquele onde as pessoas mais são machucadas na vida, talvez pela expectativa de que esperar justamente o oposto.

Falta mais amor em nosso meio! Isso fica evidenciado em atitudes que, infelizmente, são comuns entre nós, como julgamentos, ofensas, desrespeito, intolerância e hipocrisia.

Isso sinaliza que estamos falhando em construir comunidades de amor e acolhimento. Precisamos urgentemente enfatizar os princípios bíblicos de relacionamento mútuo, ainda que, para isso, seja preciso formular uma 29ª crença fundamental: “O relacionamento mútuo na comunidade de fé.”

Jesus dedicou uma parte muito significativa de Seu ministério ensinando os discípulos sobre como tratar os outros, inclusive aqueles a quem consideravam inimigos. Foi dos lábios do próprio Senhor que aprendemos os maiores princípios de relacionamento cristão, a saber:

- 1) “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Lucas 10:27
- 2) “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.” Mateus 7:12
- 3) “...e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; (...) Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.” Mateus 6:12, 14-15
- 4) “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que

está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.” Mateus 7:1-5

5) “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.” Mateus 18:15

6) “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta.” Mateus 5:23,24

7) “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.” Mateus 5:43-44

Diante de conceitos tão práticos, justos e elevados, é de admirar como pode haver entre nós tantos problemas de relacionamento! Fomos advertidos sobre o joio no meio do trigo, sobre os lobos em pele de ovelha e sobre os que viriam a trair e odiar uns aos outros. Ainda assim, essas coisas poderiam ser muito menos frequentes se falássemos mais sobre como Jesus nos ensinou a tratar uns aos outros.

Fundando e pastoreando diversas igrejas, Paulo se utilizou largamente desses ensinamentos para lidar com os problemas de relacionamento que surgiam no seio delas. Aos gálatas, ele disse “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós,

porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.”¹⁶⁰

Aquelas eram igrejas jovens e imaturas e isso era evidenciado pelas contendas que o apóstolo buscava solucionar, como foi o caso da igreja de Corinto: “Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnaís. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnaís e andais segundo o homem?”¹⁶¹

Paulo, na verdade, trabalhou incansavelmente para promover um ambiente de profunda comunhão entre os membros das igrejas que ele pastoreava. Sua carta aos Filipenses exemplifica isso muito bem através do apelo: “completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.”¹⁶²

De igual modo, Pedro também manifestava esse mesmo tipo de preocupação em suas epístolas. Ele tinha muita experiência com esse assunto, pois por muitas vezes havia caído nas armadilhas do orgulho e da vaidade. Contudo, o apóstolo amadureceu, a tal ponto de ter autoridade para aconselhar aos novos conversos: “Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por

¹⁶⁰ Cf. Gálatas 5:14-15

¹⁶¹ Cf. 1 Coríntios 3:2-3

¹⁶² Cf. Filipenses 2:2

ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso.”¹⁶³

É de impressionar a imensa quantidade de material do Novo Testamento que lida precisamente com o assunto da mutualidade na vida da igreja. Em si, isso é suficiente para indicar o quanto é essencial que a igreja lhe dedique especial atenção.

- 1) “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.” João 13:34-35
- 2) “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraterno, preferindo-vos em honra uns aos outros.” Romanos 12:10
- 3) “Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão. Romanos 14:13
- 4) “E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros.” Romanos 15:14
- 5) “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus.” Romanos 15:7
- 6) “Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos.” 1 Coríntios 8:9

¹⁶³ Cf 1 Pedro 2:1-3

- 7) “... para que não haja Divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros.” 1 Coríntios 12:25
- 8) “Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.” 1 Coríntios 16:20
- 9) “Não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.” Gálatas 5:13
- 10) “Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.” Gálatas 5:26
- 11) “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo.” Gálatas 6:2
- 12) “Suportando-vos uns aos outros em amor.” Efésios 4:2
- 13) “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou.” Efésios 4:32
- 14) “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.” Efésios 5:21
- 15) “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo.” Filipenses 2:3
- 16) “Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos.” Colossenses 3:9
- 17) “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós.” Colossenses 3:13

- 18) “Instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.” Colossenses 3:16
- 19) “Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo.” 1 Tessalonicenses 5:11
- 20) “Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.” Hebreus 3:13
- 21) “Irmãos, não faleis mal uns dos outros.” Tiago 4:11
- 22) “Irmãos, não vos queixéis uns dos outros.” Tiago 5:9
- 23) “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.” Tiago 5:16
- 24) “Amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente” 1 Pedro 1:22
- 25) “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados.” 1 Pedro 4:8
- 26) “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração. Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.” 1 Pedro 4:9-10
- 27) “Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça.” 1 Pedro 5:5

- 28) “Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros.” 1 João 3:11
- 29) “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.” 1 João 4:7
- 30) “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado.” 1 João 4:11-12
- 31) “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” 1 João 4:20

Não basta ensinarmos doutrinas e profecias aos nossos membros. Tão essencial quanto o ensino dessas outras verdades, é vital tornar claro diante deles o tipo de relacionamento que Deus deseja ver em meio à Sua igreja.

O fato de vermos sintomas indesejáveis na igreja, porém, não é motivo para atacá-la. Esclarecemos no capítulo três que a igreja não é a doença. Atacar a igreja, assim, é um grande erro. O problema não está na igreja, mas no que temos feito com ela.

Se você se decepcionou com a igreja por coisas erradas que pessoas de dentro dela fizeram contra você, não direcione isso contra a igreja. Ela é tão vítima quanto você! Sei que é mais fácil falar do que fazer, mas com o tempo eu aprendi que Deus também odeia as coisas erradas que são feitas na

igreja, principalmente quando são feitas em nome dela e até mesmo em Seu nome. Nenhuma dessas coisas, porém, nos dá o direito de errar também.

Da mesma forma, não é justo apontar armas contra o ministério. Atacar o ministério, isto é, nivelar por baixo a todos os pastores, também é um grande erro. Como vimos aqui, a maior parte dos problemas não está *no ministério*, mas *na falta de mecanismos* que protejam sua integridade.

É preciso, portanto, uma renovação das ideias ou das cabeças à frente do ministério. Afinal, pense em quantos obreiros têm se mantido há décadas nos altos cargos da igreja sem terem trazido mudanças nesse *status quo*!

É preciso resgatar a satisfação do ministério pastoral, de modo que cada pastor, onde quer que sirva, se sinta valorizado, protegido e se entenda como líder de um povo a quem Deus levantou para cumprir uma missão nos tempos mais decisivos na história da Terra.

É preciso resgatar a honra do ministério pastoral, a fim de que nenhum pastor negocie seus valores, princípios e até relacionamentos em nome de ambições pessoais.

Pode haver no ministério homens não vocacionados ou que perderam sua vocação. A maioria, porém, é de homens escolhidos e chamados por Deus, os quais buscam manter viva a chama de sua vocação, elevando constantemente ao céu um clamor por reavivamento em nossas fileiras.

Em 1913, Ellen G. White enviou algumas mensagens para os participantes da Assembleia Geral que estava tendo lugar em Washington, DC. Residindo muito longe dali, no estado da Califórnia, e já aos 85 anos de idade, seria impossível que ela pudesse participar presencialmente daquela

que foi a última assembleia da igreja no período de vida da mensageira do Senhor.

Dois pontos de sua mensagem chamam atenção. Primeiramente, ela demonstrou sua grande preocupação com a atitude dos que estão à frente da obra e com todos os que ocupam posições de responsabilidade, especialmente diante dos tempos solenes que eles viviam.

“A atitude mantida pelos nossos homens representativos durante a assembleia exercerá notável influência sobre todos, em todo o campo, bem como sobre os próprios delegados. Oh, mostre-se, meus irmãos, que Jesus habita no coração, sustenta, fortalece e conforta. É vosso privilégio ser dotados, dia a dia, de rica medida de Seu santo Espírito, e de ter ampliada visão da importância e do objetivo da mensagem que estamos proclamando ao mundo. O Senhor deseja revelar-vos maravilhosas coisas de Sua lei. Esperai diante dEle com coração humilde. Orai com maior fervor pela compreensão dos tempos em que vivemos, por mais ampla concepção de Seu propósito, e por crescente eficiência na salvação de almas. (...) Frequentemente, durante a noite, é-me ordenado que insista com os nossos irmãos que estão em posições de responsabilidade para que envidem fervorosos esforços no sentido de prosseguir em conhecer de maneira mais perfeita ao Senhor. Quando nossos obreiros reconhecerem como devem a importância dos tempos em que vivemos, ver-se-á determinado propósito para estar ao lado do Senhor, e verdadeiramente se tornarão cooperadores de Deus. Quando consagrarem o coração e alma ao serviço de Deus, verificarão ser essencial uma experiência mais profunda que qualquer das que já obtiveram, se é que querem triunfar sobre

o pecado. (...) Será bom considerarmos o que está prestes a sobrevir à Terra. Não é este o tempo para frivolidades ou para o egoísmo. Se o tempo em que vivemos deixar de nos impressionar seriamente o espírito, que nos poderá atingir então? Não requerem as Escrituras trabalho mais puro e santo do que o que até aqui se tem visto?”¹⁶⁴

O segundo aspecto que chama a atenção é a confiança que a serva do Senhor manifestou no corpo de obreiros da igreja, seguida pelo relato de um sonho que o Senhor lhe deu e que encheu seu coração de júbilo:

“E embora ainda sinta a mais profunda ansiedade pela atitude que alguns estão assumindo para com importantes medidas relativas ao desenvolvimento da causa de Deus na Terra, ainda assim tenho uma forte fé nos obreiros que estão espalhados pelo campo, e creio que ao se reunirem e se humilharem perante o Senhor, consagrando-se novamente ao Seu serviço, serão habilitados a fazer-Lhe a vontade. Alguns há que nem mesmo agora veem as coisas na devida luz, mas estes podem aprender a ter os mesmos pontos de vista de seus irmãos, e podem evitar cometer sérios erros, buscando fervorosamente ao Senhor, neste tempo, e submetendo sua vontade inteiramente à vontade de Deus. (...) Fiquei profundamente impressionada pelas cenas que recentemente passaram diante de mim, à noite. Parecia existir um grande movimento - um trabalho de reavivamento - em ação em vários lugares. Nosso povo movia-se em linha e respondia

¹⁶⁴ Ellen G. White, Testemunho para Ministros e Obreiros Evangélicos (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 513-514.

ao apelo de Deus. Meus irmãos, o Senhor está falando a cada um de nós. Não ouviremos Sua voz? Não espezitaremos nossas lâmpadas e não agiremos como homens que esperam a vinda de seu Senhor? O tempo atual é dos que pedem que se comunique a luz, dos que exigem ação.”¹⁶⁵

Vimos no capítulo seis que Daniel orou sobre uma necessidade de sua época, porém recebeu uma resposta que apontava para grandes eventos do tempo do fim. Da mesma forma, o sonho de Ellen G. White não se concretizou nem antes de sua morte, dois anos mais tarde, nem depois dela.

Com meu coração, tenho crido e, com meus olhos, observado que essa profecia está tomando forma agora! Inúmeras pessoas estão dobrando seus joelhos em favor da IASD e do ministério. Inúmeros obreiros, servidores e membros leigos têm se preocupado com esses sintomas enfermicos e estão prontos para levantar sua voz na direção de uma reparação das brechas que há em nosso meio.

Como toda oportunidade, porém, essa também poderá passar, a menos que tomemos posição e ajamos com firmeza. O Senhor mostrou para Ellen G. White que outras passaram. “Tivesse a igreja de Cristo feito o trabalho que lhe foi apontado como o Senhor ordenara, e todo o mundo teria sido advertido antes disto, e o Senhor Jesus já teria vindo à Terra com poder e grande glória.”¹⁶⁶

¹⁶⁵ Ellen G. White, Testemunho para Ministros e Obreiros Evangélicos (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), pp. 514-515.

¹⁶⁶ Ellen G. White, O Cuidado de Deus: Meditações Matinais (Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira), 29 de agosto.

Ao chegarmos ao final desse livro, é preciso lembrar que, como vimos nos capítulos quatro e cinco, o Senhor não vai esperar indefinidamente por nossa resposta. Embora tenha escolhido nos usar, Ele não depende de nós.

Embora Cristo seja a Cabeça, você também faz parte desse corpo! Portanto, como membro dele, você também tem uma responsabilidade e, talvez, ela comece justamente com sua resposta à pergunta que não quer calar: o que você vai fazer com esse livro?

Antes que seja tarde, finalmente, cada um de nós tem de decidir qual será o seu papel individual em todas essas questões. É preciso escolher entre o comodismo e a ação, entre o orgulho e a humildade, entre a vaidade e o serviço, entre a terra e o céu. Terminará Deus Sua obra apesar de nós ou através de nós?

Contato do autor

Para entrar em contato com o autor, queira, por gentileza, enviar e-mail para pastortomazamaral@gmail.com

ANEXOS

1.

Carta ao Presidente da Divisão Sul-Americana

Linhares – ES, 07 de janeiro de 2019.

À Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia
A/C: Pastor , Presidente

Caro Pastor:

Saudações ministeriais na graça e na paz do nosso Senhor Jesus Cristo!

É com espírito de oração e genuíno amor e preocupação com a Igreja Adventista que lhe escrevo, a fim de discutir sobre realidades ministeriais no tocante à Obra no Brasil.

Meu objetivo é apresentar questões que, dia após dia, têm me levado a crer que o ministério pastoral adventista precisa ser revitalizado. Ao mesmo tempo, gostaria de propor soluções e ideias a fim de contribuir de alguma forma.

Os problemas que abordarei têm, inevitavelmente, afetado a igreja, vindo a prejudicar tanto o desenvolvimento

espiritual dos membros como, principalmente, o cumprimento da missão.

Em alguns momentos, poderei fazer referência a alguma situação específica e a algum obreiro em particular, porém sem mencionar nomes e tão somente a título de exemplificação do meu ponto de vista. Meu objetivo não é buscar culpados, nem acusar ninguém, uma vez que, em minha opinião, a maior parte dos problemas aqui discutidos se origina no modelo de ministério que tem sido forjado por gerações de obreiros.

Tal modelo, por muitos chamados de “sistema”, tem sido cada vez mais questionado, em razão de muitos de seus aspectos se chocarem com princípios das Escrituras Sagradas, do Espírito de Profecia e também dos bons padrões de governança.

Como mencionei, trata-se de uma conjuntura que vem sendo formada por sucessivas gerações. Assim, reconheço que não é da noite para o dia que mudanças poderão ser sentidas, haja visto o tamanho e complexidade da nossa organização (para falar apenas da DSA). Contudo, Pastor •••••, sem darmos os primeiros passos – o que inclui assumirmos a realidade dos fatos e, unidos, buscarmos por soluções – a igreja corre perigo de assistir ao esfacelamento de sua identidade e seus ideais originais.

Envio-lhe esta carta tanto pelo fato de o senhor ser a maior autoridade espiritual e eclesiástica de nossa denominação no Brasil (além dos outros países onde a Igreja Adventista é administrada pela DSA), como por confiar em sua integridade como ministro e em sua intenção, como líder, de zelar pela igreja de Deus.

Deixo claro, de antemão, que nada do que eu disser é fruto de qualquer insatisfação pessoal. Em realidade, eu e minha família estamos vivendo um dos melhores momentos no ministério. Seria muito mais cômodo da minha parte, assim, simplesmente aproveitar o momento e tocar o barco. Porém, já há muito tempo tenho travado duras batalhas com minha consciência. E foi através de oração e muita consideração sobre o assunto que entendi que precisava lhe escrever.

Dividirei minha exposição em etapas, a fim de fazê-la de maneira organizada e objetiva.

Minhas Credenciais Ministeriais

Sou natural de Campinas, SP, e fui batizado na Igreja Adventista em 1994, aos 12 anos de idade.

Formado em Administração e com experiência no setor privado, ingressei no SALT em 2005 e me formei em 2008, ano em que também me casei e recebi meu primeiro chamado.

Ao lado de minha esposa, servi por um ano no evangelismo da e dois anos em distrito pastoral na, quando, através de um projeto da DSA, nos inscrevemos e fomos selecionados para servir na MENA, território onde permanecemos por três anos (dois no Iêmen e um no Marrocos).

Ao retornarmos ao Brasil, fui chamado para a AES, onde fui ordenado ao ministério, onde nasceu nossa segunda filha e onde estamos entrando no quinto ano de serviço no distrito pastoral.

Aqui fomos bem recebidos e temos sido tratados pelo campo com cuidado e apoio ministerial, o que tem contribuído para desenvolvermos nosso trabalho de maneira satisfatória.

Pastoreei por quatro anos um distrito em contínua expansão na cidade de Linhares, uma das mais importantes no norte capixaba e com forte presença adventista. Ao final deste período, fui designado para pastorear o distrito Central da mesma cidade.

Liberdade de Expressão e Opinião

Quase todos os pastores que conheço admitem que, em geral, têm medo de se posicionar ou de dar sua opinião, especialmente quando esta se choca com opiniões, práticas ou decisões de administradores ou departamentais em qualquer nível hierárquico da organização, mas principalmente na esfera da Associação (que é o nível hierárquico com o qual se relacionam mais).

Em si só, este é um sinal muito forte do enfraquecimento e fragmentação do ministério adventista no Brasil.

Há relatos de retaliação, perseguição e falta de apoio após um obreiro emitir certa opinião em público, como em concílios e reuniões administrativas, ou mesmo em conversas particulares.

É muito comum, assim, encontrar pastores em grupos menores relatando suas opiniões, críticas e, principalmente, a sentida supressão de sua liberdade de expressão sobre o que seria o melhor para a igreja, além de sua avaliação de como as coisas estão sendo conduzidas pela administração.

Como resultado, tem sido notável a insatisfação de boa parte dos obreiros com muitos aspectos do ministério, além da desmotivação que alguns têm tido para continuar.

Não estou defendendo a crítica pela crítica, tampouco o jogo político de oposição, os quais, geralmente por motivos escusos, visam simplesmente desgastar os líderes constituídos. Defendo, sim, o simples, universal, natural e inviolável direito (e também dever) de um obreiro poder, de maneira respeitosa, espiritual e bem-intencionada, emitir sua opinião e percepção da realidade sem medo de qualquer retaliação ou perseguição.

Defendo, ainda, que se um obreiro tece observações respeitadas, espirituais e bem-intencionadas, que tais sejam recebidas e consideradas com recíprocos respeito, espiritualidade e boa-fé, isto é, como vindo de alguém que, tanto quanto os que as recebem, quer o melhor para a Obra de Deus.

Um ministério forte não é o que consegue repelir, tampouco suprimir pontos de vista contrários ou mesmo críticas bem-intencionadas, mas sim aquele que, aberto a opiniões e avaliações, especialmente dos que estão na linha de frente, consegue tirar o melhor de todos os feedbacks recebidos e tomar decisões mais sólidas, mais coerentes e mais realistas.

Via de regra, as ideias, mesmo que contrárias, devem ser testadas no campo da razão, não no campo da autoridade, no qual a opinião de um obreiro em posição hierárquica superior geralmente se sobrepõe a de um obreiro ordinário. Por vezes, tem-se a sensação de que para assuntos doutrinários, nossa denominação pende para a verdade, porém para assuntos ministeriais o que prevalece é a autoridade, a despeito do que seria mais lógico ou razoável.

Assim, sugeriria que essa realidade fosse levantada e adequadamente apreciada em concílios que envolvam os líderes das uniões e, por conseguinte, das associações, a fim de iniciar um processo de criação ou fortalecimento de linhas de comunicação entre os obreiros e a administração local.

No último concílio ministerial da DSA (2011), várias questões muito interessantes foram inseridas na pesquisa à qual os obreiros foram submetidos, inclusive tangendo boa parte dos pontos que eu menciono aqui. Porém não é do meu conhecimento se essa pesquisa chegou a ser tabulada ou se teve seus resultados divulgados.

Seria muito importante que uma nova pesquisa fosse feita (afinal, quase oito anos já se passaram desde aquele concílio). Dessa vez, porém, seria proveitoso se os resultados fossem divulgados aos obreiros, uma vez que são do seu interesse, assim como um plano de ação para atender às necessidades verificadas.

Duas Classes de Obreiros no Ministério: Os de Cima e os de Baixo

Um fenômeno muito interessante ocorre no ministério adventista no Brasil: a relação do “ser” com o “estar”. Em geral, os obreiros são pastores, porém ao longo da jornada ministerial, podem estar em diferentes funções. Mas não é isso o que chamo de fenômeno, e sim o fato de que o “ser”, ou seja, aquilo que um obreiro intrinsecamente é, passa a ser relegado diante da perspectiva de “estar” em posições de aparente maior destaque e autoridade. De tal maneira

apega-se ao “estar” que, a todo custo, busca-se convertê-lo definitivamente no novo “ser”.

Trocando em miúdos, membros da igreja vão para o SALT desejando ser pastores de ovelhas e, após um período de estudos, estágios e aspirantado, são ordenados ao ministério evangélico. Contudo, depois de um tempo, o que aconteceu? Parece que o sonho se apequenou. O ministério encolheu e perdeu o brilho. “É preciso se destacar!” “É preciso subir!” Parece ser esse o sentimento predominante.

A razão? Talvez por causa das mazelas de ter de lidar com as ovelhas (algumas delas agressivas e rebeldes), com o aprisco e com as pressões dos donos da fazenda pela lã, pelo leite e pela carne. Enquanto isso, no escritório, há vantagens que vão desde o prestígio da posição até o cheirinho – não de ovelha – e a rotina do escritório, se estendendo a outros requintes como almoços, viagens, presentes e outras extravagâncias.

Mas como subir? É aí que as coisas começam realmente a desandar e o ministério vai sendo infectado, porque quando os fins se corrompem, nem os meios mais justos são justificados.

Em ano de assembleia, o clima costuma ser tenso entre os obreiros. É notória a intensa movimentação e articulação por parte de departamentais, ao mesmo tempo em que alguns pastores distritais passam a agir de maneira incomum, isto é, se forçando para promover suas qualidades e realizações.

Não é nada incomum se ouvir de obreiros que chegam a pedir apoio a membros leigos e até mesmo a outros obreiros com chances de se tornar delegados na comissão de nomeações da assembleia.

Diante dessa perspectiva, sobre como as coisas parecem realmente funcionar no ministério, é cada dia mais desafiador a um ministro manter-se firme ao chamado que recebeu para ser pastor de ovelhas, assim como diminui a sensação de que a igreja valoriza essa função. Em outras palavras, Pastor •••••, é aí que um obreiro vai perdendo o brilho nos olhos, a paixão pelas almas e vai se apagando o fogo no coração.

O que precisa ser feito? É preciso uma revitalização no ministério, uma reorientação dos nossos valores e práticas ministeriais, que devolva o valor e a importância do pastor de ovelhas, colocando-o numa base mais estável e de maior respeito, de tal forma que deixar tal posto para aceitar uma posição administrativa ou departamental represente para ele sacrificar um pouco mais de si e de sua família para o bem da Causa de Deus, jamais uma oportunidade de crescimento na carreira ou acesso a vantagens pessoais.

É necessário criar ou restaurar um ambiente em que o “ser” suplante o “estar”. Onde aquele que ocupe cargos de maior responsabilidade jamais venha a se sentir e agir como se fosse superior ou mesmo o “senhor” de seus colegas de vocação.

Abuso de Autoridade

Afinal, que tipo de retaliação, perseguição e falta de apoio os obreiros muitas vezes temem? A Igreja Adventista possui o Manual da Igreja e também seus Regulamentos Eclesiástico-Administrativos, os quais estabelecem as razões para disciplina de membros e de obreiros em caso de faltas. Contudo,

por vezes são utilizados meios não oficiais para disciplinar um obreiro, na verdade para puni-lo ou feri-lo, o que não afetará apenas a ele, mas também toda sua família.

Estou falando, especialmente, de transferências indesejadas, quer dentro do campo onde ele serve ou até para outra União. Por exemplo: Um obreiro que estava num distrito próximo da Associação parece ter, de algum modo, desagradado ao presidente, o qual jamais o procurou para dar um feedback. Nas transferências de final de ano, o obreiro se surpreendeu por ver que foi designado para um distrito localizado no interior, nos limites do território do campo. O obreiro compreendia que o novo distrito era tão digno quanto aquele em que ele estava, contudo, ele e seu colegas sabiam que quando esse tipo de coisa ocorre, é porque houve um desagrado. Aconselhado a procurar o presidente para esclarecer o motivo dessa transferência incomum, ele hesitou, afirmando que tinha receio de ficar “queimado”. Aquela mudança provocou um impacto tão grande em sua família que seu filho adolescente adoeceu e desenvolveu depressão. A família sofreu muito e o obreiro ficou bastante desmotivado.

É impressionante ver quantos obreiros oriundos de regiões diferentes acabam se encontrando num mesmo campo e, frequentemente, eles compartilham de uma história em comum: ali estão como resultado de uma transferência indesejada, uma troca entre obreiros dos quais os presidentes queriam “se livrar”.

Todo obreiro sabe que onde o Senhor lhe enviar, ele deve ir, ainda que seja para longe dos familiares e para enfrentar grandiosos desafios por amor ao evangelho. Contudo, como

associar esse tipo de ação puramente humana com a vontade do Senhor? Mais do que isso, até quando os obreiros conseguirão se submeter a isso?

Achei muito oportuno o artigo do pastor Edimar Sena na seção “Ministério” da Revista Ministério de Nov-Dez de 2018. Ali, ele oferece dicas valiosas sobre como lidar com as transferências pastorais. Numa parte do artigo, ele confirma essa realidade que estou apresentando ao falar sobre a importância de um obreiro perdoar alguém que tenha agido de maneira errada e magoado a ele e sua família em um processo de transferência ou mudança de função. Ele mesmo afirmou já ter vivido uma experiência desagradável e, assim, afirma que dedica parte do seu tempo telefonando para animar colegas que, mais do que outros, sentem o impacto das transferências de lugar e função. Em outra parte, ele parece se dirigir a obreiros em posição de maior autoridade, ao dizer: “Se você estiver participando das decisões dos casos de outros colegas de ministério, lembre-se de dispensar a eles o tratamento que você gostaria de ter recebido.”

Eu e minha família também somos testemunhas desse tipo de punição velada, pois fomos submetidos a uma situação injusta quando retornamos do Oriente Médio. Não pudemos voltar para nosso campo de origem, tampouco para o território da minha União-base. Tivemos de deixar nosso estado e a proximidade dos familiares para nos adaptar a um novo local de trabalho a 1200 Km de distância, justamente num momento em que precisávamos de recuperação após uma experiência de extremo desgaste emocional. Até hoje, mais de quatro anos depois, nunca me explicaram o real motivo para essa transferência.

Não sei se o senhor e sua família, Pastor ●●●●●, já viveram uma situação como essa. Machuca muito, principalmente nossa família. Contudo, confio que o senhor não precisa passar por isso para se colocar em meu lugar por alguns instantes e, assim, sentir o que significa se tornar uma mera peça nas mãos de homens cujas razões ou intenções simplesmente desconhecemos.

A sensação de impotência diante da injustiça pode ser tão ou ainda mais dolorosa quanto a de um atentado violento. Em momentos assim, um obreiro se sente sozinho e sem qualquer instrumento a que possa recorrer. Assim, eu proporia à DSA a criação de um sistema de ouvidoria ministerial que funcionasse independentemente da administração local, a fim de poder ouvir o obreiro, entendê-lo, orientá-lo e que tivesse poder de intervir no sentido de buscar uma solução justa para ele e para a Obra.

Sim, temos uma estrutura de secretaria ministerial, porém ela funciona subalternamente à administração do campo e, como estou aqui expondo, por vezes o conflito é justamente entre o obreiro e a administração, o que vem a limitar severamente a autonomia do secretário ministerial, bem como sua isenção numa eventual demanda.

No editorial da Revista Ministério de Set-Out de 2018, o pastor Wellington Barbosa reflete que “No passado, quando se ouvia falar [de um obreiro abandonar o ministério], geralmente o problema era dinheiro ou adultério.” Isto equivale a dizer que, no passado, além de os obreiros dificilmente abandonarem o ministério, quando alguém saía era porque a igreja o demitia por questões morais. Atualmente, contudo, obreiros têm sido demitidos

por outras razões, nem sempre muito claras para os demais, o que também traz apreensão e aumenta a sensação de insegurança no ministério.

Em alguns concílios, eu mesmo me espantei com falas de diferentes presidentes ao mesmo tempo exaltando as benesses materiais envolvidas no ministério adventista, e relatando a dureza e a ruína de ex-obreiros e suas famílias. Clima tenso, expressões faciais denotando perplexidade e temor. Nos corredores, após a reunião, por toda parte o que se ouvia era: Ouviu lá o que disse o chefe, né? Quem tem juízo, obedeça! Do contrário, passa no RH. ”

O que, contudo, está envolvido na demissão de um obreiro, Pastor? Além dos sonhos, ideais e da própria convicção de um chamado divino, estamos falando de anos de luta para cursar a faculdade de teologia. Estamos falando de uma família que se uniu ao redor de uma missão. Estamos falando de um homem que, ao tentar procurar um emprego secular, vai se esbarrar inúmeras vezes com o fato de que sua antiga (e, por vezes, duradoura) ocupação não serve ou não se equipara a quase todas as vagas de emprego abertas. Então, o que ele vai fazer?

Não estou dizendo que os obreiros devem ser à prova de demissão, mas sim que esse tipo de ameaça, direta ou velada, e esse tipo de clima gerado em nossas fileiras não condiz com o espírito do Senhor da Vinha. Se há um problema de qualidade no corpo ministerial, deve haver uma mudança no modo como membros da igreja chegam ao seminário e, depois, são inseridos no corpo ministerial.

Porém, uma vez admitido e, principalmente, uma vez ordenado, um obreiro precisa de segurança e estabilidade

para poder desenvolver seu ministério de maneira isenta e sem compromisso com qualquer coisa que não com uma consciência em paz com o Mestre.

No tocante à formação de pastores, minha sugestão seria a de um novo sistema que, baseado na filosofia de discipulado, ao mesmo tempo maximiza o desenvolvimento vocacional dos candidatos, como também oportuniza à organização uma melhor seleção destes antes de ingressarem no SALT. Um programa que tenha início na igreja onde o candidato é membro e, sob a liderança do seu discipulador ministerial (o pastor distrital), ele vai sendo treinado e avaliado, porém sem qualquer vínculo com a Obra. Tendo cumprido satisfatoriamente o programa e obtido, assim, a recomendação da comissão da igreja, do pastor distrital e do seu campo de origem, ele estaria apto para fazer o vestibular. Isso substituiria a simples entrevista que é feita.

Mau Uso da Autoridade

“Fui muitas vezes instruída pelo Senhor de que o juízo de pessoa alguma deve estar sujeito ao juízo de outra pessoa. Nunca deve a mente de uma só pessoa ou de algumas poucas pessoas ser considerada suficiente em sabedoria e autoridade para controlar a Obra, e dizer quais os planos que devem ser seguidos.” Testemunhos Para a Igreja, v. 9, p. 260.

Este é um dos muitos princípios recebidos através de Ellen G. White e que formam a base de nossa organização. Contudo, na realidade, não é bem assim que as coisas parecem funcionar no trânsito de decisões de muitas sedes

administrativas da igreja, uma vez que os presidentes aparentam ter a primazia nas decisões tomadas.

Tive o privilégio de assistir online à abertura da Comissão Diretiva Plenária da DSA de maio de 2018. Na ocasião, o senhor fez o sermão e apreciei muito sua explanação. Em dado momento, o senhor contestou a afirmação de que a Obra seria presidencialista. Na sua visão, a Obra seria distritalista, pois, no fim das contas, seria o pastor distrital quem decidiria se aplicaria ou não os planos do presidente. Vibrei ao ouvir essa sua fala, Pastor Não porque ela condiz com a realidade, mas sim porque ela me levou a entender que o senhor não compactua com a prática de uma pessoa pretender sujeitar o juízo das outras ao seu próprio, determinando, autocraticamente, quais planos devem ser seguidos.

Posso lhe garantir que, infelizmente, essa é a percepção da maioria dos obreiros. Afinal, o presidente pede relatórios referentes à aplicação dos seus planos e se um obreiro relata que não os está executando, é certo que sua situação não ficará boa com ele, ou seja, o obreiro pode vir a ser transferido para um posto bem mais desafiador do campo ou mesmo para outro campo do Brasil, o que demandará grande sacrifício dele e de sua família.

A mesma dificuldade se estende a obreiros em funções departamentais, uma vez que o presidente parece ter primazia até sobre a execução de suas funções, isto é, tolhendo sua criatividade e individualidade, quando assim estabelece o Manual da Igreja a este respeito: “Diretores dos Departamentos da Associação – Os diretores dos departamentos da Associação conduzem importantes ramos

da Obra denominacional sob a direção-geral da Comissão Diretiva em consulta com o presidente da Associação. A fim de desempenhar com êxito suas incumbências, esses obreiros devem ter acesso às igrejas para que possam apresentar e desenvolver seus planos. ” Manual da Igreja, página 33 (grifo nosso)

Os obreiros departamentais também se mostram, por vezes, temerosos por sua função, uma vez que, se vierem a desagradar o presidente, correm risco de ser substituídos numa comissão diretiva mesmo sem motivo justificável e enviados, contra sua vontade, para um distrito em outro campo do Brasil.

De acordo com o Manual da Igreja, “Os pastores [distritais] não devem cercar-se de um grupo especial de conselheiros de sua própria escolha, mas sempre cooperar com os oficiais eleitos. ” Nada mais justo e coerente que o mesmo princípio valesse também para o presidente. Porém, o que mais aparenta é que o presidente tem liberdade para montar e moldar sua própria equipe de tal forma que ela venha apenas ecoar o som do seu próprio pensamento, impedindo que novas ideias, novos paradigmas, novos horizontes sejam propostos e buscados. A igreja perde muito com isso.

Não estou dizendo que todo presidente faça todas essas coisas, Pastor Acredito no ministério adventista. Acredito nos obreiros adventistas em geral. Contudo, o senhor mesmo deve saber muito mais do que eu sobre realidades como essas aqui e ali, dentro do território da DSA, e elas indicam que o ministério precisa ser melhorado.

Talvez a questão mais valiosa a essa altura seja “como melhorar o ministério”. Contudo, é preciso, primeiro,

entendermos “o que está acontecendo com o ministério”, ou o que ele tem se tornado. Do contrário, deixaremos de buscar por ferramentas, mecanismos, critérios e princípios para blindá-lo contra a ação de Satanás através do ego de homens cujo caráter e personalidade não resistem ao teste do poder.

Estou propondo algumas soluções. Talvez não sejam as melhores. Talvez não sejam nem sequer boas. Mas pode ser que alguma coisa seja aproveitada. Agora pense, Pastor •••••, se mais pessoas se unissem em oração e estudo com o propósito de buscar essas melhorias. Que revolução o Senhor poderia realizar nas fileiras ministeriais! E elas certamente trariam novo ânimo aos obreiros e, por consequência, um reavivamento às nossas igrejas.

Um ministério forte gera igrejas fortes e prósperas, sobretudo espiritual e missiologicamente. Já um ministério fraco, gera igrejas oscilantes e muito aquém do seu potencial.

Partidarismo nas Nomeações

A organização adventista é representativa, com princípios de governança que guarda similaridades, embora limitadas, com o sistema político democrático, no qual o voto da maioria determina a aprovação de uma decisão ou eleição.

A limitação da similaridade está no fato de que os membros ordinários não participam de eleições além dos limites da igreja local, sendo representados por delegados.

Também não é permitido, no âmbito da igreja, que membros e obreiros façam campanha com a finalidade de

serem eleitos ou de que suas ideias sejam aprovadas numa comissão. Na verdade, o Manual da Igreja desencoraja taxativamente todo o tipo de atitude política por parte dos membros ordinários e obreiros (pp. 114, 117 e 148).

Entretanto, alguns fatos cada dia mais chamam a atenção do corpo ministerial e dos próprios membros da igreja, como o de obreiros servirem sucessivos mandatos administrativos, quando muito alternando apenas de um campo para outro ou de um nível administrativo para outro, porém sempre na administração da igreja.

Novamente tocamos o fenômeno do “ser” e “estar”, pois fica mais do que evidente que há um apego à função. É muito difícil ver isso com olhos positivos, principalmente numa sociedade cada vez mais atenta a princípios democráticos, como transparência, igualdade de oportunidades e alternância de poder.

Como – é de se perguntar – esses obreiros conseguem se perpetuar em tais posições quando temos uma igreja que desencoraja ações de natureza política? Ou será que, na prática, essas ações têm sido desencorajadas e até policiadas apenas nos níveis mais ordinários da Obra, deixando os níveis mais elevados livres para articulações políticas?

A impressão que se tem, Pastor ●●●●●, é a de ações coordenadas, como nas alianças políticas seculares. Parece haver um alinhamento entre obreiros para que, juntos, eles defendam seus interesses e objetivos pessoais, de maneira que conquistem e se perpetuem nas posições de maior autoridade da igreja.

Independente de qual seja a resposta correta para estas impressões, o fato é que em diversos campos e uniões

do Brasil, a igreja tem perdido a oportunidade de experimentar novos métodos, novas estratégias e até atingir novos patamares em espiritualidade e no cumprimento mais efetivo da missão.

Isso tudo sem falar no enfraquecimento e até perda da vocação de obreiros que, por estarem há tanto tempo ocupando posições administrativas, já não sabem como pastorear as ovelhas do rebanho do Senhor, tampouco podem compreender, apoiar e liderar coerentemente os que portam o cajado ministerial.

A nítida impressão que fica aos obreiros ordinários é a de que para aqueles que, de alguma forma, conseguiram chegar a posições mais elevadas na igreja, voltar a pastorear ovelhas, ou seja, voltar a fazer o que a maioria dos obreiros adventistas está fazendo, é sinal de humilhação e de queda; é voltar ao “chão da fábrica”, como disse um obreiro que, depois de muito tempo em altas posições, voltou ao distrito pastoral.

Minha proposta seria no sentido de fazermos um estudo aprofundado, com definição de critérios objetivos para seleção (e até para desempate, se for o caso) no processo de nomeação de obreiros para ocupar cargos extra distritais, bem como com a limitação dos mandatos e o retorno obrigatório para o distrito pastoral após um número de mandatos.

Quando critérios são definidos, ou seja, quando há transparência e aceitação das regras, cessam as razões para suspeitas e disputas, juntamente com o espaço para atitudes partidárias e mundanas.

As Escrituras relatam (cf. Atos 6:1-8) que foi através de critérios, sobretudo relacionados ao serviço, ao procedimento moral e à consagração espiritual, que os sete diáconos

foram escolhidos. Mais tarde, Paulo apresenta a Timóteo uma lista mais detalhada com critérios tanto para a escolha de bispos, como de diáconos, as quais serviam como uma peneira e como uma régua pela qual poderiam ser medidos e selecionados os que aspiravam por tais funções (cf. 1 Timóteo 3:1-13).

Além disso, é preciso que o processo de nomeações seja reconhecidamente imparcial e neutro. Para tanto, uma ideia seria que a condução da comissão de nomeações ficasse a cargo de uma pessoa ou instituição independente, ou seja, que não possa ser beneficiado ou prejudicado pelas eventuais escolhas feitas. Aí entraria, novamente, a ideia da ouvidoria como autoridade independente para garantir a absoluta isenção do processo.

Compreendo que se trata de um tema árido e pedregoso, Pastor Entretanto, estou certo de que colheremos no futuro um ministério com mais harmonia, mais paz e mais foco se fizermos, hoje, mais do que lamentar, ainda que sinceramente, pela forma como as coisas acontecem.

Integridade Ministerial Ameaçada

O pastor distrital é o elo ministerial mais importante entre a organização e os membros. É o ponto de encontro entre a teoria e a prática, entre os planos e os resultados. Mais do que qualquer outro obreiro, portanto, os pastores distritais são os mais habilitados tanto para fornecer um termômetro sobre a realidade espiritual e missionária da igreja, como para indicar direções e caminhos para a administração.

Contudo, tais obreiros raramente são ouvidos na elaboração dos planos gerais da igreja. Em realidade, cada dia existe menos espaço para um pastor distrital elaborar planos específicos e adequados à realidade de seu distrito.

Em geral, os planos parecem vir de cima para baixo com o poder de uma catarata. Partindo dos departamentos da DSA, chegam aos departamentos da União, alinhando-se aos da própria União. Então, ambos partem juntos para o campo local, onde são colocados ao lado dos planos do próprio campo. Finalmente, todos estes planos são apresentados e promulgados com força de lei para os pastores distritais nos concílios, e consumirão deles e dos líderes leigos boa parte do seu tempo, energia e recursos.

Estamos falando de planos com estratégias e materiais massificados, ou seja, reproduzidos em enorme quantidade para atender a uma única realidade. Contudo, se há realidades das mais diversas dentro de um mesmo campo, quem dirá num estado, numa região ou mesmo num país continental como o Brasil.

Considerando o período de um ano, elementos como tempo, energia e recursos se mostram um tanto limitados. Ou seja, uma vez gastos errados, não há como voltar atrás e recuperá-los. É assim que, muitas vezes, pastor e líderes das igrejas locais (fiéis apoiadores dos planos da Igreja) ao olharem para trás se frustram por verem meses e até anos perdidos sem que as verdadeiras ou mais urgentes necessidades fossem contempladas.

Isso sem falar no incalculável desperdício de dinheiro com materiais que, por melhores que sejam, acabam não

sendo utilizados ou se mostram ineficazes diante de realidades específicas.

É assim que, com o tempo, o obreiro corre o risco de ficar desmotivado, ao não conseguir mais se ver como um ministro, e sim como um gerente administrativo regional. Não é de se espantar, portanto, que após alguns anos um número de obreiros se encontrem oferecendo um serviço meramente profissional, não vocacionado. Ministério, porém, é vocação. Não é emprego, nem prestação de serviços.

Nesse contexto, muitas vezes pastores relatam ser tentados a manipular e forjar informações em relatórios, escritos ou orais, de maneira que possam executar planos mais dentro de sua realidade local sem desagradar o presidente. Vários obreiros mais experientes, inclusive, já aconselharam a mim e a diversos outros a agir precisamente assim, justificando que esse é o “segredo” para sobreviver e ser feliz no ministério.

Tal realidade me levou a pensar que, talvez, cada dia mais pastores estejam pregando justiça enquanto cometem falsidade; ensinando sobre salvação, enquanto sua alma se acha em perigo de perder o céu por trair sua integridade.

Isso sem falar no número cada dia mais crescente de obreiros que chegam ao ponto de não suportar mais e deixam o ministério. Não sei se a DSA já faz isso, mas sugeriria que os ex-obreiros fossem convidados a responder algum tipo de pesquisa anônima que investigasse sua percepção sobre a Obra e os motivos de sua desistência.

Neste sentido, achei muito apropriado o já citado editorial do pastor Wellington Barbosa. Ali ele contempla precisamente essa realidade, porém de maneira bastante cuidadosa, especialmente porque, em meu ponto de vista,

seu foco está nos administradores e na maneira como eles têm liderado o corpo ministerial. Em outras palavras, ele sinaliza a necessidade de mudanças.

Trocando em miúdos, Pastor ●●●●●, todos estes são sintomas de que o ministério está doente e que uma cura e uma restauração devem ser buscados, o que só será possível com tratamento e medicamento apropriados.

Não estou querendo dizer que os projetos concebidos nos níveis superiores da igreja não têm relevância e que, assim, devem ser descartados. Ao contrário, penso que eles precisam ser ampliados, de maneira que não apenas um, mas variados projetos, com diferentes estratégias e ideias que contemplem múltiplas realidades estejam à disposição dos pastores distritais para uso em sua geografia.

Também não sou contrário ao estabelecimento de grandes planos e ênfases globais para a igreja em nosso território. Eles fortalecem nossa identidade, geram um senso de pertencimento à família adventista e nos unem ao redor dos grandes propósitos de comunhão, relacionamento e missão. Mas precisa haver um equilíbrio entre os planos gerais e os planos e projetos locais, cada um em sua devida proporção.

Naquela mesma transmissão da DSA que mencionei, me lembro de o senhor dizer que a igreja pode traçar planos com objetivos e metas gerais, porém na sua visão, é o pastor distrital quem vai determinar, dentro de sua realidade, como exatamente esses objetivos e metas serão alcançados. Mais uma vez, vibrei com sua visão como líder máximo em nosso território, porém lamentando que esse tipo de visão não tem conseguido atravessar a União e o campo local para chegar até nós.

Família Pastoral Ameaçada

Além de tudo aquilo que já é esperado da família pastoral, como as constantes mudanças e seus efeitos, os desgastes com membros mais difíceis, outros desafios desnecessários se levantam, principalmente por decisões tomadas à revelia do obreiro, como as transferências já mencionadas.

Outras decisões até contam com a aprovação do obreiro, porém, ainda assim, a igreja deve procurar salvaguardar mais a família pastoral.

A despeito de muitos obreiros desejarem ocupar determinadas funções no departamento ou em instituições da igreja, deve ser levado em consideração o impacto que isso terá sobre aspectos prioritários de sua vida, como seu casamento, sua família e sua saúde.

Tem sido mais do que comum um obreiro, no exercício de sua função, ter de ficar fora de casa por vários dias, deixando, assim, de cuidar adequadamente de sua esposa e de seus filhos. Como resultado, têm crescido e se acumulado os casos de problemas graves na vida pessoal de obreiros.

São filhos tão revoltados contra o pai e a igreja, que vêm a abandonar a fé e a adotar um estilo de vida autodestrutivo, envolvendo-se com vícios, práticas homossexuais e etc. Casamentos tão desgastados ao ponto chegarem ao divórcio ou, em outros casos, à infidelidade conjugal. Problemas de saúde e doenças emocionais ocasionados pela combinação de excesso de trabalho com um estilo de vida que rejeita os princípios que abraçamos como igreja.

Em 2018, dois obreiros do campo onde atuo desistiram do ministério. Um deles afirmou que o fez após mais um período de ausência do lar a serviço da igreja, porém desta vez já havia quarenta dias que ele não voltava para casa, onde sua esposa, um filho pequeno e um bebê recém-nascido careciam de sua presença.

Alguns meses depois, na assembleia quadrienal, foi eleito para função similar um obreiro aspirante cuja filha está ainda com meses de vida, o que me leva a perguntar: Quando vamos abrir os olhos para o que está acontecendo e, assim, lidar com mais responsabilidade com a família pastoral? Será que não há outros líderes com capacidade e cuja configuração familiar seria mais propícia para serem colocados nesta função? Por quanto tempo mais manteremos essa contradição aberta entre o que ensinamos e o que praticamos?

Tenho observado com carinho muitas famílias ministeriais, inclusive a de administradores e departamentais. Não é difícil perceber quando uma família está em sofrimento pela constante ausência do obreiro. Os filhos ainda pequenos, a esposa longe do apoio e do conforto dos familiares. Não é por acaso o aparecimento de tantos problemas nas famílias ministeriais, os quais nem o maior brilho de uma carreira poderá compensar ou reverter.

Como adventistas, somos defensores do casamento, da família, da boa criação dos filhos e de um estilo de vida saudável. Atualmente, contudo, é precisamente no ministério que se torna mais necessário defender tudo isso, por mais paradoxal que possa parecer.

Resultados Forçados – Numerolatria

Realmente apreciei muito assistir aquela transmissão da DSA em maio de 2018, principalmente a sua mensagem, Pastor •••••. Como desejaria que todos os pastores distritais também pudessem assisti-lo, a fim de terem esperança, tanto quanto eu tenho, de que o Senhor já está atuando para uma revitalização no ministério de Sua Igreja!

Mas desejaria especialmente que cada presidente ali presente digerisse e assimilasse por completo sua visão sobre resultados forçados (ou a numerolatria, como o senhor chamou), dentre muitas outras questões decisivas que o senhor levantou.

Como o senhor, acredito que o crescimento é uma marca e um resultado natural do discipulado autêntico, e os números devem ser usados para avaliar isso. O problema é quando se concentra nos números e se assume que o sucesso reside neles, porque a partir daí busca-se e descobre-se meios de produzir números, ainda que sintéticos e que, portanto, escondem baixa qualidade.

É assim que a Igreja Adventista tem perdido cada dia mais sua identidade, visto que boa parte dos novos membros não têm sido devidamente preparados antes do batismo e, como se não bastasse, não têm sido incluídos num forte programa de discipulado através do qual consigam absorver mais profundamente a identidade, os princípios e a missão da igreja.

Como resultado, a apostasia em nosso meio é muito elevada e muitos dos que permanecem parecem preservar filosofias e atitudes que trouxeram do mundo, as quais são

incompatíveis com os princípios do reino e que aumentarão ainda mais o fardo do pastor distrital ao ter de lidar com os problemas que disso resultam.

Na maioria dos casos, é desse discipulado ineficiente que surgem os sucessivos rebatismos em nossas igrejas. De acordo com o Manual da Igreja, o rebatismo deveria ocorrer apenas em circunstâncias especiais e seria relativamente raro (página 52). No entanto, em toda a parte o número de rebatismos chama a atenção, sendo muito comum uma mesma pessoa já ter sido batizada mais de cinco vezes.

Pergunto, Pastor •••••, algum estudo está sendo feito sobre a prática de rebatismo impróprio na Igreja Adventista (para usar o termo definido pelo Manual da Igreja para quando o rebatismo é administrado repetidamente ou com motivação emocional)? Qual tem sido a proporção de rebatismos por batismos em nosso território? Qual o percentual de membros adventistas que já foram rebatizados pelo menos uma vez?

Apenas no campo onde atuo, de janeiro de 2015 a setembro de 2018, os rebatismos representaram cerca de 23% dos novos registros de membros, ou seja, bem longe de ser uma prática relativamente rara em nosso meio.

Como o senhor sabe, Pastor •••••, o discipulado tem um custo elevado e em termos além de financeiros. Discipulado envolve tempo, dedicação e paciência. Mas da maneira como tenho visto, nossos presidentes em geral não estão dispostos a pagar esse preço. Eles querem, sim, ter números elevados para apresentar diante dos outros presidentes nas comissões diretivas anuais da União.

Já ouvi da boca de diferentes presidentes aqui e ali que eles não queriam ficar atrás no momento de apresentar

resultados de dízimos e batismos na União. Um deles, contemporizando, alegou que não queria que os outros campos pensassem que o nosso não estava comprometido com a missão, embora, alguns minutos antes, tivesse afirmado que não tinha qualquer preocupação com a opinião dos outros sobre o trabalho que estávamos realizando.

Ou seja, com propósitos meramente competitivos, para satisfazer sua vaidade pessoal e ainda forçar um crescimento na carreira, estes homens têm forçado toda uma estrutura eclesiástica para produzir resultados que atendam a seus interesses, sem se importar com as graves consequências.

A pergunta que fica, Pastor •••••, é: Têm as Uniões, da maneira que o senhor fez, procurado desencorajar essa atitude? Temos, como organização, procurado entender que mesmo guardando similaridades, cada campo tem uma história, uma vocação, uma fase, e uma porção de outras características que simplesmente não permitam que comparações e competições sejam feitas? Mais do que isso, temos compreendido que nosso adversário está lá fora e que é com ele que devemos medir forças?

Ainda no editorial do pastor Wellington, leio que o ministério adventista precisa de um reavivamento e uma reforma, os quais só podem ocorrer “quando o pastor tem a liberdade de preparar a igreja para o serviço e avançar para novos campos, e os membros experimentam o envolvimento na missão. Quando isso acontece, o ministro se encontra com a essência da sua vocação, e os desafios passam a ser vistos sob nova perspectiva. Em vez de se considerar um malabarista, que evita a queda dos muitos bastões que lhe são repassados na prestação de serviços religiosos, ele passa

a se enxergar como um maestro, que prepara sua orquestra para um concerto de graça e salvação. ”

Pelo que tenho estudado e observado, desde o nível da Associação Geral até ao nível da DSA, a Igreja Adventista está conseguindo manter seu padrão, sua identidade e seus ideais.

O pastor •••••, como o senhor tem acompanhado de perto, tem sido um motivador do discipulado no mundo, procurando transmitir a importância do envolvimento total dos membros na missão, iniciativa que encontra perfeito respaldo e eco no forte programa de discipulado (especialmente através dos PGs) proposto pela DSA.

Contudo, em que pé estamos nesse processo? Quantos campos, ou melhor, quantos presidentes de campo têm absorvido e se comprometido com essa visão?

Transparência Financeira

Uma das maiores virtudes da Igreja Adventista é sua organização e, de maneira particular, a sua forma de lidar com o dinheiro. Num mundo e num tempo de extrema confusão religiosa e escândalos financeiros, esse é um fator que traz confiança e segurança para os membros, além de também ser uma forma de pregar e testemunhar em favor do evangelho de Cristo.

Tanto no Manual da Igreja, como nos Regulamentos Eclesiástico-Administrativos, os princípios de honestidade e transparência são devidamente colocados. Contudo, é comum se ouvir no meio ministerial sobre administradores, aqui e ali, que vêm a se beneficiar com dinheiro sagrado.

As finanças ministeriais dos pastores distritais encontram-se sob fácil perícia dos campos, muito mais as finanças das igrejas por eles pastoreadas. Contudo, é sabido que os administradores e departamentais têm acesso a uma quantidade considerável de recursos, uma vez que a comissão diretiva de um campo vota um teto até o valor do qual o dinheiro pode ser gasto sem necessidade de voto pela comissão diretiva.

Isso sem falar dos menores valores, os quais podem ser gastos e reembolsados mediante simples apresentação de notas fiscais ao caixa da tesouraria, aparentemente livre de questionamentos, uma vez que se trata de alguém investido de autoridade.

A igreja dispõe de mecanismos de auditoria nesse nível? Sem sim, a quem essa auditoria presta conta?

Defendemos continuamente a absoluta lisura e honestidade da igreja em sua administração financeira, porém ao se ouvir sobre administradores que desviam recursos, seja para adquirir e construir imóveis ou simplesmente para financiar bens de consumo e sustentar um estilo de vida requintado, chega-se ao ponto de precisar ouvir da administração superior se estamos, de fato, blindados contra fraudes em qualquer dos nossos níveis organizacionais.

Ao lidar com esse assunto tão delicado, minha única intenção é eliminar qualquer possibilidade de a questão financeira também vir a ser um dos pontos envolvidos nas questões políticas aqui apresentadas. Afinal, seria apenas pelo prestígio da carreira e da posição que tanto se busca por posições mais elevadas no ministério? Espero que sim.

Palavras Finais

Pastor •••••:

Compreendo que a leitura pode ter sido pesada em muitos momentos, o que me faz pensar, mais uma vez, no peso da função que o senhor ocupa dentro de nossa igreja.

Embora tenha abordado muitos assuntos delicados e que, talvez, possam dar impressão contrária, quero que saiba que acredito, confio e amo essa igreja, com a qual eu e minha família temos uma história muito profunda e à qual temos prazer de servir com enorme gratidão.

A julgar pelas temáticas das edições da Revista Ministério (Vocação, missão, motivação, identidade, saúde mental e saúde geral, casamento, família, paternidade, etc.) entendo que a Igreja Adventista está atenta a boa parte destas realidades e, de alguma forma, tem buscado mudanças. Porém, por mais retórico que seja perguntar, tem sido suficiente?

Não estou, também, defendendo a absoluta inocência e irrepreensibilidade dos obreiros ordinários da igreja, dos quais também faço parte. Somos homens falíveis e corruptíveis. Passamos boa parte de nossa vida ministerial tentando nos adaptar a este ministério ou, pelo menos, sobreviver a ele até a jubilação. Estamos sempre buscando um ponto de equilíbrio entre o que é “de César” e o que é “de Deus”, e isto nos coloca com muita frequência em conflito com nossos ideais e até com a nossa espiritualidade.

Eu acredito nos ministros do Senhor e entendo que o exemplo deve vir de cima, afinal foi para isso que o Senhor constituiu as posições de autoridades no meio de Seu povo. Ele nos deu o exemplo, veio para servir, não

ser servido; inspirava coragem, não medo; Seu propósito não era ser invejado ou cobiçado, mas imitado; acima de tudo, Ele rompeu a barreira da liderança terrena e amou Seus discípulos!

Lembro-me com muito carinho, Pastor ●●●●●, da cerimônia do primeiro envio de pastores ao Oriente Médio, na qual o senhor e os demais líderes da DSA nos trataram com um cuidado e com um carinho que foram muito além de uma relação organizacional. Jamais me esquecerei disso, assim como da sua intervenção para que fosse resolvido rapidamente um problema burocrático que deixou a mim e minha família descobertos de assistência médica ao retornarmos ao Brasil.

Não tenho a menor dúvida de que o senhor teria feito o mesmo por qualquer obreiro em situação semelhante, pois tenho observado seu cuidado e amor para com os pastores adventistas.

Somos uma igreja e um povo ao redor de uma missão. Porém, é inconcebível que um ministério como esse tenha condições de cumprir essa missão. Revitalizar o ministério, portanto, é uma questão missiológica que precisa ser levada muito a sério.

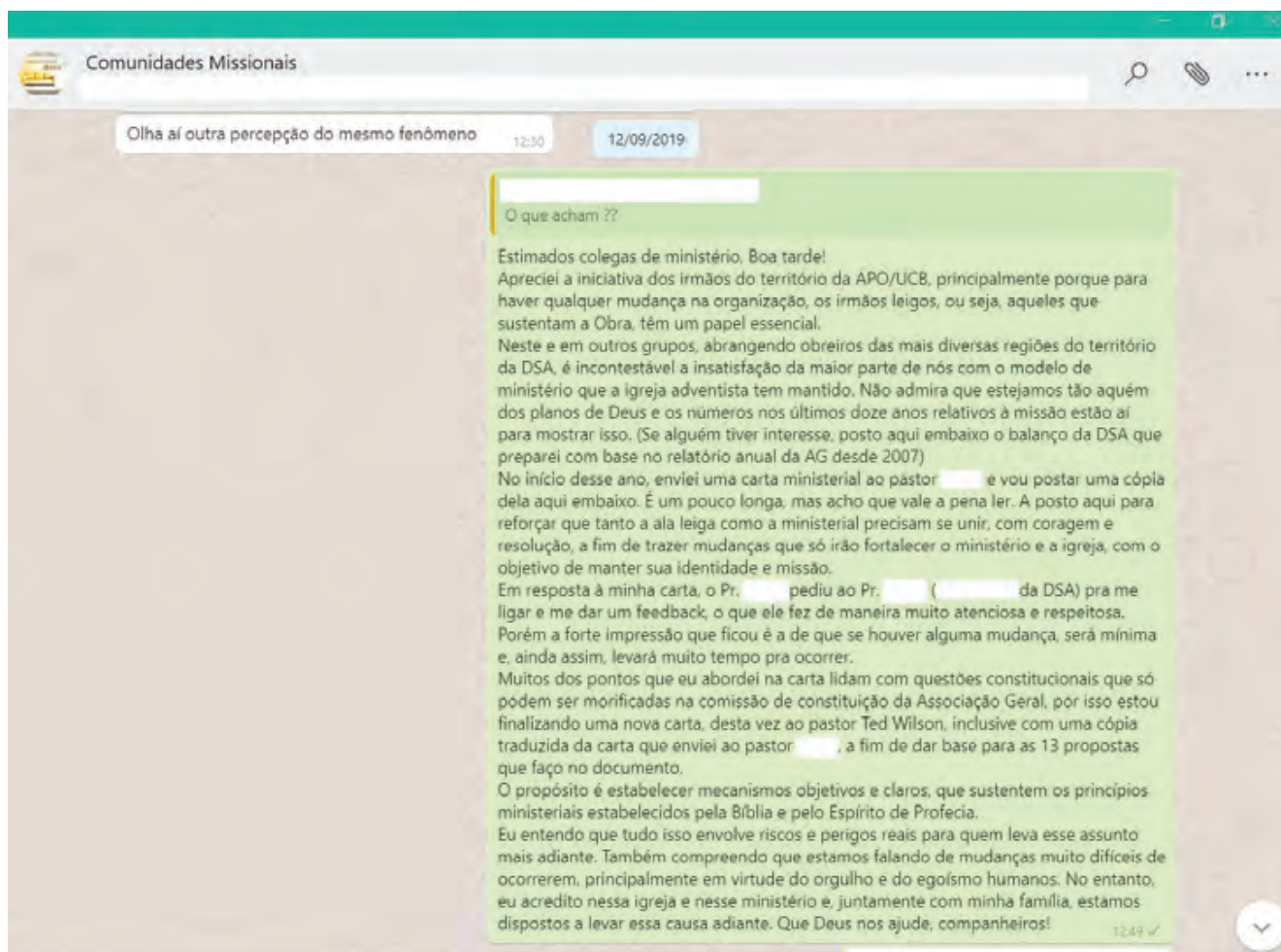
Finalizo, Pastor ●●●●●, com as seguintes reflexões: Qual ministério queremos deixar para quem nos suceder? Um melhor ou pior? Qual igreja queremos deixar para nossos filhos e netos, se o Senhor não voltar em nosso termo de serviço?

Deus tenha misericórdia de nós e de Sua amada igreja!
Bênçãos.

Pr. Tomaz Amaral de Jesus

2.

Texto introdutório à postagem da carta no grupo de WhatsApp



3.

Voto de Admoestação e Desaprovação à Carta e Seu Compartilhamento no Grupo de WhatsApp “Comunidades Missionais”.

2019-114 RECOMENDAÇÃO DA COMISSÃO MINISTERIAL – APROVAR

CONSIDERANDO que os Regulamentos Eclesiásticos¹⁶⁷ bem como os documentos oficiais da Organização são fonte subsidiária do direito nos termos do Art. 3ª do Estatuto da Associação da União Este Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia, obrigando assim, todos os servidores e ministros de confissão religiosa a ela vinculados;

CONSIDERANDO que a IASD divulgou amplamente sua Política Denominacional sobre o uso adequado da comunicação pela internet, também disposto nos Regulamentos

¹⁶⁷ Os obreiros em geral não possuem acesso oficial a este material, o que o desqualifica como fonte subsidiária de direito.

Eclesiásticos Administrativos, item E 100 05 S, com intuito de resguardar a imagem da igreja e seus obreiros, sob pena de responsabilização nos termos do próprio regulamento;

CONSIDERANDO a postura do obreiro Tomaz Amaral de Jesus, em divulgar nas mídias sociais¹⁶⁸ assuntos de cunho eclesiástico e *interna corporis*, portanto sigilosos¹⁶⁹, por meio de uma carta enviada à DSA, contrariando as diretrizes aportadas no Item E 100 05 S do referido Regulamento;

CONSIDERANDO a repercussão¹⁷⁰ do documento e seus efeitos deletérios¹⁷¹ na comunidade de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e a irreversibilidade do ato, uma vez que ao dispor de informação na internet aberta, é inevitável sua replicação em outros meios não cristãos¹⁷², afetando negativamente a estrutura da IASD¹⁷³, prejudicando a imagem e integridade do Corpo de Cristo;

¹⁶⁸ A referida postagem foi feita apenas no aplicativo WhatsApp, num único grupo, uma única vez, sem qualquer caráter divulgativo e no contexto estrito de uma discussão.

¹⁶⁹ Todos os obreiros compartilham informações sensíveis via WhatsApp, de maneira privada e, também, em grupo.

¹⁷⁰ Qual foi a repercussão?

¹⁷¹ Quais efeitos deletérios? Foi feita uma verificação entre os membros da mencionada “comunidade de membros da igreja adventista no Brasil” para verificar o alcance e o efeito da carta?

¹⁷² Em quais canais se encontra disponível qualquer peça da referida carta ou menção a ela? A pedido do autor da carta, o único canal que teve acesso e começou a divulgar o documento retirou o conteúdo do ar imediatamente e jamais falou no assunto novamente.

¹⁷³ Qual a base dessa afirmação? A carta atacava a igreja e sua estrutura ou práticas ministeriais danosas à igreja e sua estrutura?

CONSIDERANDO ainda que o descumprimento dos princípios supramencionados, em oposição ao item do Regulamento tratado, *in casu*, será considerado como ato de indisciplina ou violação de segredo institucional, sendo responsabilizado na medida do agravo;

CONSIDERANDO a apuração do fato pela Comissão Ministerial da AES, reunida em 18 de setembro de 2019, oportunizando ao Pr. Tomaz Amaral de Jesus seu direito ao contraditório e ampla defesa¹⁷⁴, esclarecendo seus objetivos e por fim, resultando em reconhecimento e arrependimento do ato por parte do obreiro¹⁷⁵;

CONSIDERANDO, por fim, que apesar da gravidade do fato, sopesando com o arrependimento do obreiro e o alcance dos seus atos que não podem passar impunes, mediante a graça salvadora de Jesus, a comissão ministerial RECOMENDA à Comissão Diretiva registrar voto de admoestação ao Pr. Tomaz Amaral de Jesus e desaprovação da sua conduta de expor publicamente informações sigilosas, *interna corporis*,¹⁷⁶ que deveriam ser tratadas

¹⁷⁴ “Direito ao contraditório e ampla defesa” são elementos de um julgamento, ao qual o autor foi submetido sem ter sido devidamente comunicado. Ao ser convidado para estar presente diante da comissão ministerial, foi-me dito que o intuito era que eu fosse ouvido, não julgado. Não sabia que teria de me defender, apesar de tê-lo feito com tranquilidade.

¹⁷⁵ Essa afirmação deturpa os fatos. Primeiramente, deixei claro do início ao fim que não tenho qualquer arrependimento de ter escrito a carta. Em segundo lugar, quando disse que me arrependia de tê-la compartilhado no grupo “Comunidades Missionais”, clarifiquei que tal arrependimento se devia ao fato de o material ter saído do grupo.

¹⁷⁶ A lâmina da ultraconfidencialidade testa seu fio de corte.

em fórum apropriado,¹⁷⁷ respeitando os devidos canais disponíveis,¹⁷⁸ a fim de que tal atitude seja coibida e não haja reincidência sob pena das medidas eclesiásticas cabíveis dispostas no Regulamento¹⁷⁹;

VOTADO aceitar e aprovar a recomendação da Comissão Ministerial, conforme acima apresentada.

¹⁷⁷ Quais fóruns apropriados? Pergunte aos pastores se eles os conhecem.

¹⁷⁸ Através de qual canal disponível os obreiros podem informar à liderança da igreja que não há canal disponível para serem ouvidos?

¹⁷⁹ O nome disso é ameaça, um aviso a mim e a qualquer outro de que, se for por esse caminho, não vai ter segunda chance.

4.

Carta ao presidente da Associação Espírito Santense

Linhares – ES, 27 de Novembro de 2019.

**Para: Associação Espírito Santense da Igreja Adventista
do Sétimo Dia.**

A/C: Pastor •••••, Presidente.

Prezado Pastor •••••

Saudações ministeriais na paz de Cristo Jesus!

É no espírito do Senhor que, na qualidade de membro do corpo de obreiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia no território da Associação Espírito Santense (AES), lhe dirijo esta carta ministerial.

Conforme conversamos em minha casa, lamentei sobremaneira que o conteúdo da carta que enviei ao Pastor ••••• no início do ano tenha sido disseminado contra minha vontade e intenção.

Pela graça de Deus, contudo, além de termos conseguido conter o uso indevido do documento, um diálogo muito

importante foi iniciado a partir de então, sendo a presente carta apenas uma continuidade do mesmo.

Sua visita à minha família – e o entendimento a que pudemos chegar na ocasião – me trazem segurança para apresentar propostas por meio dos canais parametrizados pelos Regulamentos Eclesiástico-Administrativos (REA) de nossa denominação, iniciando no nível do campo local.

Meu único objetivo é contribuir com nossa amada igreja, especialmente ao sugerir a criação de mecanismos pelos quais o ministério adventista esteja mais bem alinhado aos princípios da Bíblia e do Espírito de Profecia, bem como mais protegido da corruptibilidade humana.

Embora eu não seja um especialista nos REA (até porque trata-se de um material ao qual os pastores em geral não têm acesso oficial), entendo que boa parte das propostas que apresento podem requerer mudanças na alçada da Associação Geral (AG). Para tanto, é preciso que as mesmas cheguem até àquele nível a fim de serem apreciadas e, eventualmente, votadas.

Digo isso com base numa apresentação sobre a *GC Working Policy* (REA da AG), feita pelo Pastor Myron Iseminger em 2017, quando ele ainda servia como subsecretário da AG. Ao falar sobre o *Processo para Mudança nos REA*, ele declara que “mudanças sugeridas partem do conselho de sua entidade, passando pelos níveis organizacionais (Associação/missão, União, Divisão), até chegar à Comissão de Desenvolvimento e Revisão de Regulamentos da Associação Geral”.¹⁸⁰

¹⁸⁰ Disponível em <https://executivecommittee.adventist.org/wp-content/uploads/2017/10/17AC-Policy-Presentation.pdf>

Portanto, respeitosamente e em oração, submeto as treze propostas abaixo e solicito expressamente que sejam analisadas e encaminhadas para os níveis hierárquicos mencionados.

Assim como inúmeros outros colegas do corpo ministerial em todo o território da DSA, considero tais sugestões vitais para um reavivamento e reforma nas fileiras ministeriais de nossa denominação, com impacto direto e positivo sobre seus obreiros, sua identidade e sua missão.

Política de Trabalho Disponibilizada Oficialmente a Todos os Obreiros

Considerando que os Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Igreja são o instrumento oficial pelo qual os obreiros são plenamente informados pela organização sobre seus princípios, regras e padrões; considerando que um obreiro que não tem conhecimento de tal conteúdo pode acabar incorrendo em erro ou sofrendo injustiça; considerando que, no território da DSA, esse documento não é disponibilizado aos obreiros, mas, sim, tratado como um livro restrito (a cópia digital que eu tenho, a propósito, foi-me enviada por um colega que me pediu para não compartilhá-lo com outras pessoas, nem dizer de onde veio); considerando que a maioria dos obreiros não tem acesso a esse documento; **proponho** que, a exemplo de outras divisões e da própria Associação Geral, a DSA forneça a todos os obreiros em seu território uma cópia digital autorizada e atualizada dos Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da igreja.

Avaliação Ministerial

Considerando a falta de canais apropriados pelos quais os obreiros possam dar feedback com sua percepção honesta sobre o ministério Adventista; considerando que muitos obreiros não se sentem à vontade para opinar, pois temem retaliação por parte de obreiros em níveis organizacionais mais altos; **proponho** uma avaliação bienal, formatada como uma pesquisa abrangente e anônima, através da qual o corpo ministerial seja capaz de fornecer à igreja sua perspectiva única sobre o ministério. Pesquisa essa realizada por uma instituição neutra, que disponibilizará os resultados para todo o corpo ministerial, especialmente nos concílios, comissões diretivas e assembleias de campos/uniões/Divisão.

Fórum Oficial de Discussão sobre Assuntos da Igreja

Considerando que o corpo ministerial não dispõe de um fórum apropriado e oficial para discutir assuntos importantes da igreja, uma vez que os concílios regulares do qual participam tendem a se concentrar quase exclusivamente em programas e calendário eclesiais, com pouco ou nenhum espaço para opiniões; considerando que a maioria dos ministros adventistas hesita em expressar sua opinião nos concílios, pois isso poderia ser visto como confrontação direta aos planos ou métodos da administração; considerando que muitas vezes os obreiros procuram um ou mais colegas para expressar seus pensamentos, o que pode tomar

uma direção perigosa e prejudicial, especialmente por criar um ambiente de insatisfação e revolta velada; **proponho** a criação de um fórum ministerial, anexado aos concílios regulares ou separado deles, permitindo que os obreiros, no espírito de Cristo, expressem seus pensamentos sobre quaisquer assuntos da igreja, assim como obtenham respostas da administração local e, através dela, submetam perguntas e/ou sugestões para os níveis superiores da organização.

Secretariado Ministerial Independente

Considerando que, como em qualquer organização humana, surgem conflitos dentro do corpo ministerial adventista, os quais precisam ser adequadamente resolvidos para garantir paz e harmonia para os obreiros e a igreja; considerando que muitas vezes surgem conflitos entre a administração local e um obreiro; considerando que o secretário ministerial e os membros da comissão ministerial estão sob o poder dos administradores locais; considerando o vínculo estreito entre os administradores locais e os superiores, o que tende a enfraquecer a posição de um obreiro comum ao apelar a uma instância superior; considerando que a parte mais frágil de um conflito carece, portanto, de uma intervenção neutra, justa e efetiva; **proponho** que a Secretaria Ministerial seja desvinculada da administração, de maneira que se torne independente em cada nível hierárquico da organização, com poder para mediar conflitos e tomar decisões às quais ambos os lados estarão sujeitos, sendo eleita por todo o corpo ministerial, separadamente das eleições gerais.

Fim de Transferências sem a Aceitação Expressa do Obreiro

Considerando que qualquer transferência pode resultar em estresse para um obreiro e sua família, especialmente quando envolve mudança para uma cidade, estado ou país diferente; considerando que muitas vezes os obreiros identificam certas transferências como retaliação e punição por parte de administradores; considerando que boa parte dos obreiros vive e trabalha sob o temor de sofrer uma transferência indesejada; considerando que um obreiro também tem um lado, uma perspectiva e, portanto, deveria ter o direito de ser ouvido e considerado; **proponho** que um obreiro sempre tenha o direito de rejeitar qualquer transferência ou chamado que ele não deseje, mesmo quando for do seu interesse mudar-se para um novo local de trabalho. Nesses casos, a administração e a Secretaria Ministerial Independente devem chegar a um acordo que satisfaça a ele e à igreja.

Presidência das Comissões de Nomeações

Considerando que os regulamentos eclesiástico-administrativos da Associação Geral colocam: **a)** o presidente da Associação Geral como presidente da comissão de nomeações da Divisão na assembleia da Associação Geral, **b)** o presidente da Divisão como presidente da comissão de nomeações da União na assembleia da União, **c)** o presidente da União como presidente da comissão de nomeações da

Associação na assembleia das associações, **d)** os presidentes recém-eleitos em todos os níveis da organização como consultores na nomeação dos departamentais, **e)** todos os presidentes de todos os níveis da organização (com a óbvia exceção do presidente da Associação Geral) como membros da comissão de nomeações na assembleia do nível imediatamente superior, **f)** os obreiros que ocupam cargos a serem preenchidos por um determinado processo de nomeações como não elegíveis para participar da comissão de nomeações; considerando que tais nomeações podem representar forte ferramenta política para o presidente da comissão de nomeações, uma vez que sua função e atuação na mesma podem favorecer decisivamente a um candidato de sua preferência, o qual, uma vez eleito/reeleito, poderá devolver o favor, mais tarde, usando sua voz e seu voto na comissão de nomeações imediatamente superior; considerando os sucessivos mandatos para os quais certos obreiros têm sido reeleitos para altos cargos, alternando, no máximo, apenas de um nível administrativo para outro ou de uma entidade para outra; considerando que, como tais obreiros estão sempre presidindo as comissões de nomeações, eles obtêm *expertise* que pode ser usada para conduzi-rem decisões de acordo com suas convicções, enquanto os outros obreiros e membros leigos que ingressam na comissão, por não terem a mesma experiência, são mais susceptíveis a condução, reduzindo sua capacidade de promover renovações; considerando que esses fatores constituem uma brecha pela qual os administradores têm a oportunidade de agir politicamente, a fim de garantir sua perpetuidade em altas posições, reduzindo ou a até extinguindo a chance de outros obreiros, com

outras mentes e ideias, desenvolverem métodos diferentes; considerando que muitos delegados se sentem inúteis ao entenderem que seu papel na assembleia foi mais figurativo do que, de fato, representativo; considerando que, diante dessas realidades, resta pouco ou nenhum espaço para a atuação e direção do Espírito Santo no processo de nomeações; **proponho** que a presidência da comissão de nomeações em todos os níveis de nossa organização seja ocupada por uma pessoa ou instituição reconhecidamente neutra, como o Secretariado Ministerial Independente, que não possa ser afetada por nenhum dos resultados.

Presidentes Não Participarem de Sessões de Nomeação

“Como me dói o coração ao ver os presidentes de associações darem-se ao trabalho de escolher aqueles que eles julgam amoldar para com eles trabalhar no campo! Pegam os que dele não divergirão, que agirão como meras máquinas. Nenhum presidente tem o direito de fazer isto. Deixai que os outros planejem; e se em algumas coisas falharem, não tomeis isso como evidência de que não estão habilitados a pensar.” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 304.

Considerando tão forte e sábia advertência da Mensageira do Senhor com respeito à nomeação dos diretores departamentais; considerando que a palavra de um presidente recém-eleito tem muito peso, embora ele não tenha permissão para votar ao aconselhar a comissão de nomeações; considerando que a presença do presidente

recém-eleito pode, por si só, intimidar outros membros; considerando que é possível que um presidente use a comissão diretiva para alterar substancialmente as nomeações realizadas pela comissão de nomeações da assembleia; considerando a lealdade que o secretário executivo e o tesoureiro/CFO tendem a desenvolver em favor do presidente; **proponho** que os presidentes não participem de nenhuma sessão de nomeação, quer quando recém-eleito por ocasião da assembleia, quer em comissão diretiva, assim como o secretário executivo e o tesoureiro/CFO eleitos.

Total Transparência Financeira com Publicação de Relatórios de Auditoria

Considerando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é vista por seus membros como distinta de muitas outras denominações e movimentos cristãos especialmente pela maneira como ela coleta e gerencia recursos financeiros; considerando os questionamentos cada dia mais frequentes com relação ao crescimento patrimonial de certos administradores da igreja; considerando que a igreja não submete sua contabilidade a auditoria externa; considerando que a auditoria interna da igreja presta contas aos administradores cujas contas também auditarão; considerando que há reclamação na auditoria interna da igreja quanto à limitação de acesso a documentos vitais para o desempenho de seu trabalho, bem como quanto à falta de um conselho independente para submeterem seus relatórios; **proponho** que: a) obreiros e representantes dos membros da igreja tenham acesso

a relatórios de auditoria regulares, que mostrem como os recursos financeiros da igreja são gastos; **b)** o departamento de auditoria interna se torne uma entidade eclesiástica independente, à qual será concedido acesso total aos documentos e à contabilidade da igreja, sendo sua responsabilidade apresentar relatórios regulares em concílio, comissões diretivas e assembleias do seu nível; **c)** a igreja contrate uma firma de auditoria externa, a fim de prover regularmente relatórios independentes de auditoria de suas contas, os quais serão apresentados pela própria firma de auditoria externa na comissão diretiva plenária e nas assembleias de seu nível.

Transparência da Secretaria com Publicação de Relatórios Completos de Secretaria

Considerando que o Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa da Associação Geral (ASTR) fornece à igreja mundial, em inglês, dados abrangentes do secretariado, como acréscimos (batismos, rebatismos e profissões de fé) e subtrações (cartas concedidas, mortes, apostasia e membros desaparecidos); considerando que a maioria dos obreiros no território da DSA não tem acesso a esses relatórios traduzidos para o português/espanhol; considerando que esse tipo de informação é muito valiosa para um obreiro compreender e avaliar os resultados dos métodos, estratégias e ênfases que a igreja tem adotado em todos os seus territórios, tanto local como globalmente; **proponho** que o Relatório Estatístico Anual seja disponibilizado em espanhol e português a todos os obreiros no território do DSA.

Limitação de Mandatos em Qualquer Posição Extra Pastoral de Liderança

Considerando que, embora um ministro adventista possa servir em diferentes posições dentro da organização, ele sempre será um pastor; considerando que o ministério evangélico é descrito por Ellen G. White como “a mais alta e mais abençoada de todas as obras”; considerando que os obreiros que atuam em cargos extra pastorais por longos períodos correm perigo de se tornarem mais executivos do que pastores e de perder sua vocação, pois sua função tende a exigir um serviço mais administrativo/executivo do que evangélico/pastoral; considerando que a maioria dos obreiros eleitos para cargos extra pastorais parece não querer retornar aos cargos pastorais, como, de fato, boa parte deles nunca retorna; considerando que, ao se perpetuar em altas posições de autoridade eclesiástica, um obreiro pode desenvolver uma atitude ditatorial em relação a seus colegas de ministério;¹⁸¹ considerando que a alternância de poder fornece a qualquer organização a chance de renovar seus métodos, seus padrões e seu ambiente; considerando que o ministério não deve ser confundido com uma carreira profissional, pois isso perverteria as motivações, os princípios e as práticas entre os servos de Deus, desencorajando sua verdadeira vocação ministerial; considerando que a identidade, a estabilidade e a missão da igreja podem

¹⁸¹ Semelhantemente àquela observada pela própria Mensageira do Senhor em seus dias, conforme indica o capítulo “Ditadura” do livro *Liderança Cristã*, pp. 43-47

ser comprometidas por essa perda de vocação ministerial, especialmente em tais posições críticas; **proponho** uma limitação de mandatos em qualquer posição extra pastoral de liderança, com retorno obrigatório do ministro para um novo período de serviço pastoral.

Critérios Claros para Eleição e Restrição de Obreiros como Administradores e Diretores de Departamento

Considerando que, muitas vezes, diferentes obreiros estão dispostos a ser eleitos para os mesmos cargos administrativos ou departamentais, o que pode criar competição entre eles; considerando que muitas vezes uma determinada função exige uma quantidade considerável de tempo fora de casa, o que afetaria negativamente um obreiro que tem filhos em casa e/ou que é recém-casado, enquanto um obreiro mais maduro e cujos filhos já estão fora de casa se encaixaria melhor na posição; considerando que as Escrituras apontam que é através de critérios claros que tais nomeações devem ser feitas (cf. Atos 6:1-8 e 1 Timóteo 3:1-13); considerando que nós, como adventistas, apoiamos fortemente os valores familiares e conjugais, os quais devem moldar nossas decisões oficiais; considerando o crescente número de famílias ministeriais assaltadas por divórcios, traições, doenças emocionais, apostasia e revolta; **proponho** a definição de perfis básicos para todos os cargos administrativos e departamentais, equilibrando as demandas da função com o perfil pessoal dos obreiros.

Menos Planos Massificados, Mais Autonomia para Planos Locais

Considerando que a DSA compreende um território imenso, com oito países e diferentes idiomas, dialetos, sotaques, culturas, climas, origens religiosas e realidades sociais; considerando, portanto, que deve haver uma variedade considerável de métodos, estratégias e meios para abordar e alcançar diferentes tipos de pessoas; considerando que o pastor distrital, juntamente com a liderança da igreja local, são aqueles que melhor entendem as realidades locais e, portanto, quais seriam os melhores planos e abordagens a serem usados; considerando que a maioria dos planos que o pastor distrital deve implementar provém da Divisão/União/ Associação, deixando pouco espaço, tempo e recursos para o planejamento local; considerando que uma quantidade significativa de materiais, nos quais a igreja gasta muito dinheiro, é subutilizada, pois não se mostra útil para muitas igrejas; **proponho** que, exceto por alguns poucos grandes projetos/ênfases em toda a Divisão/União/Associação, cada pastor, trabalhando em conjunto com os líderes de seu distrito, tenha autonomia para estabelecer projetos e planos de acordo com a realidade local.

Alvos de Batismo Estabelecidos pelo Pastor Distrital e Liderança Local

Considerando o exposto no item número 12, principalmente no que se refere ao conhecimento da realidade local; considerando que, em muitos lugares, as metas de batismo

não são estabelecidas pelo pastor do distrito, mas sim pela administração da Associação; considerando que um pastor distrital e seu distrito são avaliados pela obtenção de tais resultados; considerando que um pastor/distrito orientado para números tende a se concentrar na superficialidade dos resultados, deixando para trás os altos padrões da obra, como espiritualidade e discipulado; considerando os altíssimos índices de apostasia tanto da IASD mundial (50,41%) como, especialmente, da DSA (100,76%) nos últimos doze anos,¹⁸² o que só pode sinalizar a necessidade de uma profunda revisão de nossos métodos e práticas tanto evangelísticas como de discipulado; **proponho** que o pastor distrital, juntamente com os líderes locais, tenha autonomia para estabelecer suas próprias metas de batismo.

Palavras Finais

Caro Pastor:

Exatamente como eu disse ao pastor na carta que enviei a ele, entendo que esse pode ser um conteúdo um tanto indigesto, a julgar pelas tristes realidades que fundamentam minhas propostas.

O jugo que homens como os senhores têm carregado como primeiros oficiais da igreja em seus respectivos níveis é o mais pesado em nosso meio, especialmente porque o Senhor requererá muito mais de suas mãos do que das de outros.

¹⁸² Fonte: <http://documents.adventistarchives.org/Statistics/Forms>

(Trecho omitido por prover identificação de pessoas). O senhor concordou comigo, porém, que a criação de mecanismos pode proporcionar algumas melhorias.

Então, pastor ●●●●●, aí estão mecanismos que, se o senhor analisar bem, limitarão e impedirão em grande medida a continuidade de práticas ministeriais impróprias e danosas como as que estamos cansados de ver.

Como o senhor pode perceber, minhas propostas lidam com a criação de sistemas denominacionais independentes e que tenham o mesmo propósito: manter a igreja em seu foco espiritual e missionário.

Atualmente, o sistema administrativo/presidencial tem total autoridade sobre tudo e isso é muito perigoso! Setores importantes da igreja, bem como seus recursos financeiros e decisões capitais, não podem ficar à mercê da consciência de um ou de alguns poucos homens. É preciso que haja mecanismos de controle e de apoio à sua integridade.

Faz-se necessário, assim, o desmembramento e a elevação de outros sistemas ao mesmo patamar de autoridade do administrativo, notadamente: o **ministerial**, que lida com o corpo ministerial, suas vocações e práticas, e o de **auditoria financeira**. Em resumo, três sistemas independentes, com o mesmo nível de autoridade e que exerceriam um papel de equilíbrio dentro da igreja.

Compreendo que o senhor e/ou quaisquer outros administradores de níveis superiores possam discordar dessas propostas. Não há problema nisso. Contudo, é justo e razoável que elas sejam, pelo menos, analisadas nos diferentes níveis de nossa organização e que, se forem rejeitadas, uma justificativa oficial e com base sólida seja fornecida.

Como deixei claro ao senhor e à comissão ministerial da AES, nenhuma de minhas ações tem origem em mágoas ou ressentimentos pessoais, mas sim num profundo senso de responsabilidade e de preocupação para com a igreja adventista, seu ministério e sua missão. Não se trata, portanto, de um desabafo pessoal, porém do clamor de um corpo ministerial que tem erguido seus olhos ao céu e suplicado ao Senhor por mudanças pelas quais não temos mais tempo de esperar.

Que o Senhor tenha misericórdia de Sua amada igreja, da qual temos a graça de fazer parte, e nos use como instrumentos para seu aperfeiçoamento e correção, a fim de que, como um exército com bandeiras, ela avance no cumprimento de sua missão!

Muito obrigado pela atenção.

Em Cristo, nosso Mestre.

Pastor Tomaz Amaral de Jesus
Distrito de Linhares, ES.

5.

**Dados de Crescimento
da IASD na DSA e no
Mundo, de 2007 a 2019.**

ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	
Batismos/ Rebatismos/ Profissões de Fé	1.107.425	1.040.642	1.033.534	1.055.312	1.050.785	1.139.000	1.114.574	1.091.222	
Mortes	48.558	48.982	50.917	53.077	48.573	54.916	47.780	54.709	
Membros	15.115.806	15.660.347	15.921.408	16.307.880	16.923.239	17.479.890	17.881.491	18.143.745	
Batismos	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	
Rebatismos	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	
Batismos/ Rebatismos/ Profissões de Fé	222.585	226.932	213.265	220.379	209.452	223.378	222.204	227.461	
Mortes	7.004	10.015	13.194	14.102	8.441	13.744	7.667	9.393	
Membros	2.648.602	2.617.706	2.250.520	2.015.910	2.064.743	2.037.772	2.159.368	2.263.194	
Batismos	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	
Rebatismos	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	

								MEMBROS (+) ENTRADAS (-) MORTES:	29.714.729
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAIS	DIFERENÇA/ APOSTASIA:	8.157.892
	1.167.506	1.260.880	1.356.476	1.352.931	1.366.702	1.292.837	15.322.401	TAXA DE APOSTASIA (%):	53,24%
	55.901	59.152	57.441	59.013	68.203	64.814	723.478	CRESCIMENTO REAL EM 13 ANOS:	6.441.031
	18.478.982	19.126.438	20.008.779	20.727.347	21.414.779	21.556.837	N/A	% CRESCIMENTO REAL EM 13 ANOS	42,61%
	N/A	N/A	N/A	1.231.566	1.262.998	1.188.038	3.682.602	% BATISMOS SOBRE ENTRADAS	91,78%
	N/A	N/A	N/A	49.257	58.841	61.815	169.913	% REBATISMOS SOBRE ENTRADAS	4,23%

								MEMBROS (+) ENTRADAS (-) MORTES:	5.466.667
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAIS	DIFERENÇA/ APOSTASIA:	2.919.753
	233.481	254.768	254.857	231.406	217.954	235.716	2.971.253	TAXA DE APOSTASIA (%):	98,27%
	10.639	12.315	13.155	13.737	13.880	12.906	153.188	CRESCIMENTO REAL EM 13 ANOS:	-101.688
	2.329.245	2.410.578	2.479.452	2.481.935	2.487.665	2.546.914	N/A	% CRESCIMENTO REAL EM 13 ANOS	-3,42%
	N/A	N/A	N/A	196.507	180.488	195.923	572.918	% BATISMOS SOBRE ENTRADAS	83,63%
	N/A	N/A	N/A	25.179	28.724	31.253	85.156	% REBATISMOS SOBRE ENTRADAS	12,43%
								% REBATISMOS SOBRE CG	50,12%

ANTES QUE SEJA TARDE
FOI PRODUZIDO PELA SGuerra DESIGN PARA
TOMAZ AMARAL EM OUTUBRO DE 2020